

**ACADEMIA DE LETRAS
DE BIGUAÇU**

ANTOLOGIA 2019

**BIGUAÇU
ENCANTOS E
ENCONTROS**



BIGUAÇU
SANTA CATARINA
2019

ANTOLOGIA 2019

**BIGUAÇU
ENCANTOS E
ENCONTROS**

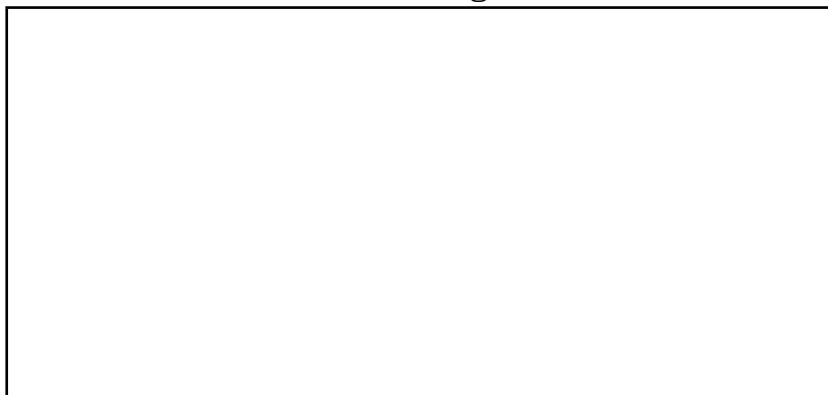


2019 – ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Todos os direitos reservados

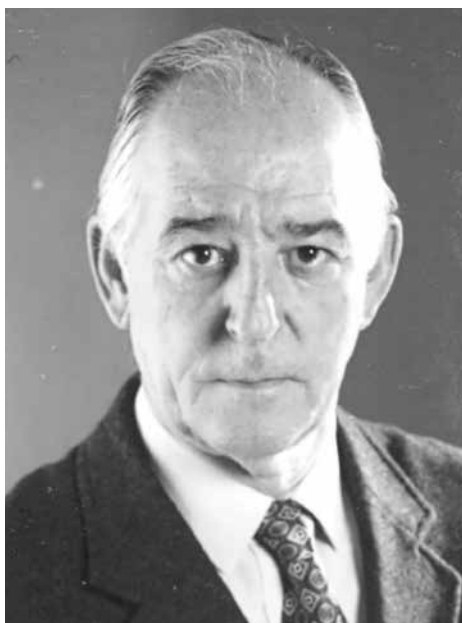
Projeto Gráfico e Diagramação:
Vittorio Bettini / Fernanda Carla Kair

Ficha Catalográfica



BIGUAÇU – SC
2019

SAUDADE DE ORIVAL PRAZERES



“A minha formação em serviço social, o meu trabalho no serviço público e a minha atuação na política e nas diversas instituições que participo me tornaram um homem totalmente comprometido com as causas sociais. De que adianta a vida introspectiva, egoística ou distante do pulsar das ruas? O homem é aquilo que faz e não aquilo que tem.”.

Orival Prazeres

SAUDADE DE LEATRICE MOELLMANN



“O que assegura imortalidade ao acadêmico não é o seu ingresso ou a sua permanência em uma Academia de Letras, mas sim a consistência e o alcance da sua obra.”

Leatrice Moellmann

**ACADEMIA DE LETRAS
DE BIGUAÇU – ALBIG**

**DIRETORIA E CONSELHO FISCAL
GESTÃO 2017/2020**

DIRETORIA

Presidente: **José Braz da Silveira**
Vice-Presidente: **Gabrielle Beckäuser Rodriguez**
Primeira Secretária: **Angela Regina Heinzen Amin
Helou**
Segunda Secretária: **Dalvina de Jesus Siqueira**
Tesoureiro: **Hélio Cabral Filho**
Assessor Jurídico: **Carlos Antônio de Souza Caldas**
Assessor Cultural: **Miguel João Simão**
Bibliotecária: **Janice Marés Volpato**

CONSELHO FISCAL

Vera Regina da Silva de Barcellos
Osmarina Maria de Souza
José Ricardo Petry
Rogério Kremer

VOGAIS

Joaquim Gonçalves dos Santos
Valéria Maria Kravchychyn
William Wollinger Brenuvida
Luciano Peres

AGRADECIMENTOS



- Antes de tudo quero agradecer a todos os Acadêmicos integrantes da Academia de Letras de Biguaçu.
- Aos sócios da Imobiliária Biguaçu, Carlos Fernandes, Paulo Vitor e Maria Augusta, por mais esta parceria.
- Ao casal Vittorio Bettini e Fernanda Carla Kair pelo apoio na diagramação deste livro.
- À Acadêmica Janice Marés Volpato pela confecção da Ficha Catalográfica deste livro.
- Ao Acadêmico William Wollinger Brenuvida pelo Prefácio e Fernando Henrique da Silveira pela Oreilha deste Livro.
- A todos que de alguma forma contribuíram para a publicação desta Antologia.

APRESENTAÇÃO



A presente obra literária é fruto de uma construção coletiva. Não apenas os Acadêmicos, que tiveram tempo para escrever os seus respectivos textos, mas todos os integrantes da Academia de Letras de Biguaçu, assim como os Acadêmicos Mirins, devem se sentir partícipes desse belo trabalho literário.

Nossa Academia de Letras, ao longo desses 23 anos de história, tem se notabilizado pela prestação de serviços na área cultural, com reflexos muito além das fronteiras nacionais, pois nosso site recebe visitas de quase 150 nações, mundo afora, diariamente. Somos ousados, temos a pretensão de deixar um legado de bons serviços para as gerações futuras.

Nesta obra coletiva, encontram-se textos com variados enfoques, cada qual externando a criatividade e o talento individual dos seus autores, todos, entretanto, interligados pelo binômio “Encantos e Encontros”.

A participação dos Acadêmicos Mirins com textos de excelente nível nos dá a certeza de que estamos no caminho certo. Despertar nas novas gerações o prazer da leitura e da escrita é a garantia de cidadãos melhores e bons escritores no futuro.

Precisamos agradecer também a parceria da Imobiliária Biguaçu que, mais uma vez, se dispôs a investir nesse projeto. Uma empresa que abraça e apoia a cultura, como tem feito a Imobiliária Biguaçu, passa a ser credora preferencial dos imensuráveis benefícios de uma sociedade mais justa, mais culta e conseqüentemente, mais próspera.

Tenham uma boa leitura. Desfrutem, com prazer e esperanças renovadas, os belos textos que compõem esta Antologia.



PREFÁCIO



Como tenho ancestralidade também lusitana está em mim a aventura de cruzar os mares para dar de encontro as novas terras, ainda que olhando através de portas e janelas, encontros e encantos da querida Biguaçu e seus arredores, que aos poucos, com o passar dos anos, se repartiu, para dar a feição ao Estado de Santa Catarina. Por mais que muitos indelicados senhores torçam o nariz, é preciso dizer que sem a Freguesia de São Miguel da Terra Firme, que dá origem a atual Biguaçu, vez que a antiga Biguaçu nasceu a partir de uma importante aldeia indígena, uma paliçada grande às margens do rio que suavemente se abeira do mar, a história catarinense seria menos importante no cenário internacional dos tempos coloniais. Narrador das estórias que nessa região se sustentam, e também interprete de uma história que não se encerra no oficial, faço cá, mais que especial agradecimento ao presidente da Academia de Letras de Biguaçu, José Braz da Silveira, que creditou esforços para a confecção da Antologia 2018, e agora com ânimo renovado a esta Antologia 2019 que nos traz trabalhos belíssimos de nossos confrades e confradeiras. Além da amizade e admiração que nutro pelo mestre em Ciências Jurídicas e escritor inserido no círculo literário catarinense José Braz da Silveira, nós temos em comum a ancestralidade açórico-flamenca. Descendente de flamencos nosso presidente provém do flamenco *Willem van der Haegen*¹, im-

1 Willem van der Haegen, nasceu em 1430, em Flandres Ocidental e faleceu em 1507, aos 77 anos de idade, no Topo (Nossa Senhora do Rosário), no Concelho da Calheta, na Ilha de São Jorge, nos Açores.

portante na colonização do Arquipélago dos Açores. Para que se tenha distinção do tema ora abordado, a antiga Freguesia de São Miguel da Terra Firme recebeu muitos migrantes da Ilha do Faial² e do Pico³. Descendo de seis ilhas dos Açores, entre as quais a Ilha de São Jorge, dos açorianos-flamencos e franco-açorianos *Goulart*⁴⁵, *Espírito Santo* e *Espíndola Bittencourt*; e da Ilha do Faial, dos flamencos *Soares de Souza*.

*

Em recente trabalho que dá sequência ao percurso acadêmico que propus a realizar desde 1998, ano que ingressei na academia, no tocante ao curso de Direito, e

-
- 2 Sobrenomes de migrantes da Ilha do Faial, constantes no livro de batismo de 1800-1804, da Freguesia de São Miguel da Terra Firme: Andrade, Costa, Fontes, Jesus, Rodrigues, Silva, Simas, Souza e Xavier. Essa pesquisa também foi realizada com muito esmero pelo confrade e mestre Joaquim Gonçalves dos Santos, ex-presidente da Academia de Letras Biguaçu.
 - 3 Sobrenomes de migrantes da Ilha de São Jorge, constantes no livro de batismo de 1800-1804, da Freguesia de São Miguel da Terra Firme: Ávila, Bittencourt, Cardoso, Correa, Costa, Cunha, Espírito Santo, Lopes, Machado, Pereira, Ressurreição, Rosário, São José, Silva, Silveira, Souza, Teixeira e Vieira. Essa pesquisa também foi realizada com muito esmero pelo confrade e mestre Joaquim Gonçalves dos Santos, ex-presidente da Academia de Letras Biguaçu.
 - 4 O sobrenome Goulart ou Goularte tem origem em Bruges, na Bélgica. Descendem do holandês, do flamenco Joz Gouiward. É equivalente ao francês Gevaerd. Para o flamenco, o equivalente é: Gevaert, Govaert, Govart, Gouart, Goulart. Católicos, ao fugirem da perseguição religiosa da reforma protestante, aportaram na Ilha do Faial, nos Açores, juntamente com outras famílias, entre os quais, os Van Der Haagen, os Bittencourt e os Zobot.
 - 5 Minha ancestral Izabel do Espírito Santo, casada com Joze Luiz de Souza Soares, nasceu em Urzelina ou São Mateus da Ribeira Seca, na Calheta, Ilha de São Jorge, nascida aproximadamente em 1740, é filha de Manoel Joam (João) Goulart ou Goularte, nascido e falecido no Faial (1700-1753), e de Joanna Luis, nascida no Faial em 1702.

não ao que se refere às academias de letras, em que passei a figurar como confrade, em Governador Celso Ramos (2003), e em Biguaçu (2008), fiz a seguinte assertiva: “Há nomeações em lugares, práticas e costumes em nossa região que ainda presentes instigam uma busca em compreender como ainda resistem. Nos instiga a entender e compreender o que faz lugares, pontos geográficos, práticas artesanais rudimentares e/ou adaptadas aos novos padrões tecnológicos do tempo presente, nomeando esses lugares com expressões e palavras indígenas.”⁶.

Nossos quatro últimos trabalhos, publicados em antologias da Academia de Letras de Biguaçu, incluindo este de 2019, trouxeram questões pertinentes as “nomeações”. As nomeações dizem muito sobre os lugares e as populações desses lugares. Atravessam, transformam, silenciam, perpassam as questões de Memória. É deste modo que, por exemplo, a comunidade gancheira não aceita, em absoluto, a mudança na denominação do município que emancipado em 1963 com o nome de Ganchos, passa a se chamar Governador Celso Ramos⁷. Ganchos, que antes de 1807 era grafado Ganxos, e que tem relação ao *ganxeiro* ou *gancheiro*, que manejava, na antiga Armação das Baleias, a Armação ou Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, a fateixa, o ganxo/gancho⁸.

6 BRENUVIDA, William Wollinger. **Entre o Discurso de Oralidade e de Escrita**: um discurso de contato do sujeito indígena. Artigo. No prelo. 2019.

7 BRENUVIDA, William Wollinger. **GANCHOS/SC**: a mudança na denominação do município e o reflexo sobre a memória e o patrimônio histórico. In: ALVES, Joi Cletison (org.). **Colóquio NEA 30 anos de história**: preservando a herança cultural açoriana em Santa Catarina. Ed. Da UFSC: Florianópolis, 2015.

8 BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Palhoça. 2018.

Um nome que remonta mais de dois séculos, e que um ato político-administrativo tentou apagar. É assim que a Rua Felipe Schmidt, no centro histórico da capital dos catarinenses, na antiga Nossa Senhora do Desterro, foi originalmente denominada de “Rua da Fonte do Ramos, e que também um dia foi chamada de “Rua dos Moinhos de Vento”, em razão dos moinhos de beneficiamento de arroz que nossos ancestrais açorianos⁹ trouxeram como prática da moenda flamenca, notadamente das Ilhas do Faial e do Pico. A cada sobreposição, se contam e recontam estórias, também a História, a partir de narrativas do mais simples dito ao fantástico – como preferia dizer o velho bruxo Franklin Cascaes¹⁰. Atravessando o canal estreito que divisa a Ilha de Santa Catarina de Alexandria, que recebeu meus ancestrais açorianos já em 1748, antigos moradores da atual Rua dos Ilhéus, da Nossa Senhora das Necessidades (Santo Antônio de Lisboa), da Costa da Lagoa (Nossa Senhora da Conceição da Lagoa), de São Francisco de Paula das Canasvieiras, e também de São José da Terra Firme, venho cá para antiga Freguesia de São Miguel Arcanjo da Terra Firme, morada nossa, por ancestralidade, a partir da década de 1840.

*

Em 1958, em um breve depoimento para o *Jornal Roteiro*, de Florianópolis, Othon Gama D’Eça, tentou responder a uma indagação que a imprensa, nos bastidores, muitas vezes insistia, mas não impunha como desafio. E então Otho Gama D’Eça lançou ele mesmo a pergunta:

9 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Catálogo. **Série: Acervo dos municípios brasileiros**. <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=441416&view=detalhes>>. Acesso em: 2.MAR.2019.

10 CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Editoras da UFSC: Florianópolis, 2015.

“Por que publiquei Homens e algas?”. O leitor incauto dirá percorrer esse depoimento alegando que o escritor respondeu a indagação, e que o depoimento oferece condições para tal. Ao lembrar Eça de Queirós, o autor de “Cinza e bruma”, e de “Centenário de Cruz e Sousa”, nesse breve depoimento, dirá ele, o neto de Manuel de Almeida Lobo D’Eça¹¹, que “a curiosidade é uma das boas virtudes humanas porque se por um lado faz espiar pelos buracos das fechaduras, por outro leva a descobrir a América.”. Escrever é antes de tudo, um ato curioso. Quem deixa de fazer perguntas, também perde o jeito, dá aquele *fastio*, como se diz no litoral centro-leste catarinense. Porque escrever é *enliçar*, passar o *liço*, tecer ao tear; tramar, urdir, enredar, prender, enlear no grande bastidor. Em recente aula magna proferida para o curso de Ciência da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), a professora doutora em Letras Andreia Daltoé lembrou Guimarães Rosa quando, em Tutameia, nos provocou a pensar: “A vida também é para ser *lida*(...)”. É provocando, tecendo e desfiando o crivo, no grande bastidor, que nós não tememos questionar as contradições que a jornada nos impõe para dizer que o sentido único não apenas não existe, é afirmar que um sentido unívoco sempre deixa a vida mais moribunda, chata e cinza. Se eu soubesse responder, por exemplo, quando o homem começou a falar; ou se nós falamos ou escrevemos para nos comunicar... um livro como esta antologia necessidade não haveria. Escrever é a derriça

11 Manuel de Almeida Lobo D’Eça, o Barão de Batovi, (Província do Rio Grande do Sul, 15 de abril de 1828 — Ilha do Anhatomirim, 24 de abril de 1894), foi um militar e político brasileiro, fuzilado entre os revoltosos que defenderam a Ilha de Santa Catarina diante das armas do Cel. Moreira César, no episódio Chacina do Anhatomirim.

que no fado encanta, como aquelas parcas ou moiras, as deusas fiandeiras que tecem o fio da árvore da vida. Na esquina, eu espio. A “verdade” que Drummond lançou como desafio. E nos estudos de nomeações, eu ainda me pergunto, sem deixar se encerrar: O que liga um nome a uma coisa?

William Wollinger Brenuvida

SUMÁRIO



HOMENAGEM A ORIVAL PRAZERES	5
HOMENAGEM A LEATRICE MOELLMANN	7
AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
ANTOLOGIA 2019	23
JOSIANE ROSE PETRY VERONESE	24
JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS	30
CESAR LUIZ PASOLD	36
AFONSO ROCHA	47
JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA	58
JANICE MARÉS VOLPATO	67
WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA	74
ANGELA REGINA HEIZEN AMIN HELOU	92
ANA CRISTINA LAVRATTI	97
DALVINA DE JESUS SIQUEIRA	106
CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS	115
JOSÉ RICARDO PETRY	123
LEONIDIO ZIMMERMANN	134
LUIZ LUNARDELLI	136
OSMARINA MARIA DE SOUZA	154
FERNANDO HENRIQUE DA SILVEIRA	167
VALÉRIA MARIA KRAVCHYCHYN	174
MIGUEL JOÃO SIMÃO	189
ROGÉRIO KREMER	195
HÉLIO CABRAL FILHO	203
VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS	209

CELSO JOÃO DE SOUZA	220
PEDRO PAULO DOS SANTOS	226
NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN	232
SANDRA REGINA CLARA NEPOMOCENO PINTO	240
ADAUTO BECKHÄUSER / GABRIELLE BECKHÄUSER RODRIGUEZ	250
DULCINEIA FRANCISCA BECKHÄUSER	275
ACADEMIA DE LETRAS MIRIM	283
BEATRIZ PEREIRA MARTENDAL	285
BIANCA STEFANES	287
EMANUELY MORAES	289
ÉRIK CORRÊA TOMAZ	291
JÚLIA ANDERSON RODRIGUES	293
LUCAS SODRÉ	294
MARIA EDUARDA DE MORAES CARDOSO	296
MARIA CLARA I. KIELING	297
ANA CLÁUDIA VIEIRA ANDRADE	298
HERNANDO JOSÉ DE SOUZA NETO	299
JOÃO VICTOR BRINHOSA FERNANDES	300
LÍVIA FELTZ	302
O AQUEDUTO	303
NOTA DO ORGANIZADOR:	304

ANTOLOGIA 2019
BIGUAÇU ENCANTOS E ENCONTROS

JOSIANE ROSE PETRY VERONESE

Cadeira nº 01



Encantos e Encontros

Encantos

*A criança,
o adolescente,
o jovem.*

Seres que encanam.

*Trazem a cada momento
a certeza de algo precioso:*

A esperança.

*Sim, trazem a esperança de dias melhores,
dias de luz.*

*Esperança reveladora
de que os tempos obscuros
irão passar.
Trazem a certeza de tempos melhores,
tempos suavizados por esperas.
Cantos de alegria.
Cantos de serenidade.
Cantos de paz.
É essa juventude que precisamos reconhecer.
Seres jovens a tocar corações,
a tocar de modo sempre novo.
A tocar nossos seres
sedentos do que é eterno.
Sedentos de amor.*

Dias atrás escutei uma certa fala que deixou-me não apenas triste, mas apavorada: Muitos já não acreditam em mais ninguém. No entendimento de que todo ser vivente encontra-se em uma bolsa de exacerbado egoísmo/individualismo.

Uau!!! Trata-se de uma afirmação deveras pesada, deveras desoladora.

Penso absolutamente o inverso dessa nefasta concepção. Acredito no ser humano. Acredito que temos condições de tornar esta terra que nos abriga, a mais bela casa. A casa da acolhida.

Se concebermos a terra, como gaia, a casa do cuidado, é mais do que natural, espontâneo, esta crença pela humanidade.

Evidentemente que não se trata de uma crença simplória, antes, a compreensão de que o ser humano possui sim valores, os quais passam necessariamente pela edu-

cação. Sim, a educação – forma e informal – nos constitui em humanidade. Aprendemos a ser de fato humanos. A educação é o instrumento por excelência nesse processo.

Nesse sentido, a criança, o adolescente, o jovem me encantam. Portanto, gostaria de ocupar este espaço literário para fazer um relato acerca de um jovem que pode e dever ser conhecido, em razão de sua condição especial, qual seja, a de um ser humano que, simplesmente, buscava a santidade no seu cotidiano. É essa história, que muito me emociona que passo a relatar:

“Paz e bem!”¹²

A possibilidade de escrever uma breve percepção sobre Marcelo Câmara é, antes de tudo, um mergulho no transcendente. O jovem Marcelo que no seu encontro com cada cumprimentava com um “Paz e bem” e um largo sorriso no rosto, antecipava nestas palavras o sentido da ressurreição, como um antes, pois viveria a sua via crucis posteriormente, nos seus quatro anos de dor aguda. Mesmo assim, como a sua biografia retrata, era ele quem consolava os que vinham lhe consolar, como que, por uma alquimia cristificante dissesse: “[...] não choreis por mim...”¹³

12. Texto escrito para a seção em homenagem a Marcelo Câmara, em 20 de março de 2018, na Catedral Metropolitana de Florianópolis/SC.

13. Lucas 23:27. E uma grande multidão seguia a Ele, inclusive muitas mulheres que choravam e pranteavam em desespero. 28 Porém, Jesus, dirigindo-se a elas, as preveniu: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos! 29

Não conheci Marcelo no antes de 1997, somente depois do seu retiro espiritual do Movimento Emaús e, como sabia que, como ele, também era católica, as aulas que ministrava não geravam momentos de embates, em que ele precisasse defender suas crenças, convicções, pois simplesmente, nossos olhares se cruzavam e eu ministrava as aulas naquela turma tão especial.

Estamos diante de um jovem virtuoso, de um jovem santo? Não restam dúvidas. Em tempos de tantas violências, de vulgarização dos gestos, da descrença dos valores, eis que este jovem condensa em si a possibilidade de santidade, e nos faz compreender, melhor, contemplar, este menino e, quiçá, uma multidão de santos e de santas do anonimato: “Eles não são do mundo, como também Eu não sou.[...]”.¹⁴ Ou seja, estão neste mundo, mas não são deste mundo.

Assim, em muitas e muitas ocasiões situam-se “contra corrente”, como seres humanos que escolheram a pureza, os gestos e palavras comedidas, a ponto de, ainda que jovens, como é o caso de Marcelo, têm o dom de aconselhar – o “não convém”, como repetidamente aconselhava.

E numa postura que somente as almas singulares têm: não julgava, não magoava, não tecia comentário algum sobre ninguém. As palavras eram dirigidas para a edificação do bem, do conhecimento acerca da doutrina, da fé. Mas isso não significava que Marcelo não admoestava (corrigia), o fazia sim, mas com ternura e seriedade: “vida interior, meu amigo”.

14. *João 17:14* Eu lhes tenho transmitido a tua Palavra, e o mundo os odiou, porque eles não pertencem ao mundo, como Eu não sou do mundo. 15 Não oro para que os tires do mundo, mas sim, para que os protejas do príncipe deste mundo. 16Eles não são do mundo, como também Eu não sou. ...

A santidade de Marcelo é daquelas muitas especiais, lembra-me muito a da jovem italiana Chiara LuceBadano,¹⁵ acometida pela mesma doença. Que tipo de santidade é esta? Quando as suas virtudes individuais são tão claras e profundas que geram ao seu redor, já em vida, uma avalanche de enamoramentos por Deus, por sua palavra. Diria, simplesmente, quando o indivíduo provoca o coletivo.

Enfim, gostaria de concluir que 2008 foi um ano abençoado: No dia 14 de março, parte para o paraíso Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, seis dias antes, como que para preparar uma festa para a chegada em 20 de março de Marcelo, o jovem santo com formação jurídica. Ouso afirmar que ambos, são os Santos Protetores de Direito e Fraternidade, que nasceu neste mesmo anos de 2008, no dia 11 de setembro.

Agora, além de Santo Ivo (patrono dos advogados) ou mesmo Santo Antônio, temos este jovem santo: Marcelo, que tinha o sonho e o firme propósito de santificar o mundo da justiça.

15. “No dia 7 de outubro de 1990 Chiara Luce deixa este mundo. Um último sorriso ao pai, Ruggero, e depois uma palavra à mãe, Maria Teresa: «Mamãe, seja feliz, porque eu o sou!». Uma grande multidão participa do funeral, e, como ela mesma havia pedido, Chiara é sepultada com um vestido branco, «como uma esposa que vai encontrar Jesus».

«Os jovens são o futuro. Eu não posso mais correr, mas quero passar a tocha para eles, como nas olimpíadas. Os jovens tem uma única vida e vale a pena usá-la bem!», ela havia dito pouco antes de morrer. Os 25 mil jovens presentes na cerimônia de sua beatificação, dia 25 de setembro de 2010, demonstram que, com a sua vida, Chiara Luce Badano testemunhou um modelo de santidade que todos podem viver.” Disponível em: <http://www.focolare.org/pt/news/2012/10/29/beata-chiara-luce-badano/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

Breve Currículo de Josiane Rose Petry Veronese

Professora Titular da disciplina Direito da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal de Santa Catarina, na graduação e nos Programas de Mestrado e Doutorado em Direito. Doutora em Direito. Pós-doutorado na Faculdade de Serviço Social da PUC/RS. Coordenadora do NEJUSCA – Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente; subcoordenadora do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade/CCJ/UFSC. Autora e/ou organizadora de 47 livros, 158 capítulos de livros e 61 artigos completos em periódicos.

<http://lattes.cnpq.br/3761718736777602>.

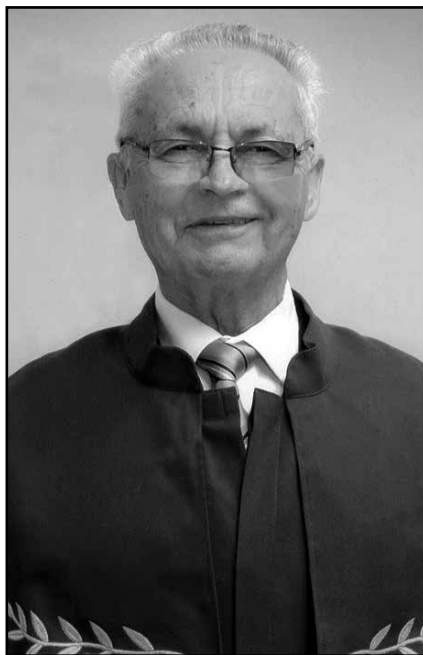
Email: jpetryve@uol.com.br

Cadeira nº 1 – Abelardo Sousa

Professor, pianista, compositor, maestro, jornalista e escritor. Nasceu em Florianópolis, em 18 de fevereiro de 1920, falecendo em 27 de maio de 1986, filho de Álvaro Corcoroca de Sousa (1879-1939), neto de José Brazilício de Sousa (1854-1910). É considerado como um dos mais importantes líderes da cultura catarinense. Publicou suas crônicas, artigos e ensaios, no jornal “O Estado”, além da publicação de diversos livros, entre os quais destacam-se: “O Sábio e o Idioma” (IOES, 2002, 359 p.); “A Secretaria da Educação de Santa Catarina” (1975); “O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978). “O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978), trata-se de uma coletânea, resultado de artigos escritos para o jornal O Estado, nos anos de 1976 a 1978; “Um líder na rota do cronista” (1986); “Painéis, Contos” (1982).

JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

Cadeira nº 3



Biguaçu de Encantos e Encontros

Esta é a décima sexta ANTOLOGIA/2019 desde a fundação da Academia de Letras de Biguaçu na data histórica de 20/09/1996.

São 23 anos de glórias e desafios, de “Encantos e Encontros”.

Mesmo com dificuldade que foram surgindo , nunca ficamos desanimados.

Quando faltava o devido apoio para a continuação das jornadas literárias sempre apareciam “mecenas” na Graças de Deus.

Nos eventos programados sempre reinou um ambiente de encantos e confraternizações entre todos, confrades, confreiras, sócios , convidados e visitantes.

Neste momento histórico queremos externar nossas preocupações e pensamentos para real situação que está vivendo nosso querido Brasil.

O aparecimento do homem e da mulher na face do planeta terra foi um produto lento e gradativo criado por Deus.

A História como ciência só vamos encontra-la com a invenção da escrita, do domínio da linguagem oral, do uso do fogo e dos metais, culminado com a saída das mulheres e homens primitivos das cavernas, surgindo assim os contos, os causos, as fábulas, os ritos, etc.

No atual estágio da evolução da humanidade, do jeito como tudo vai indo , poderemos retroceder para uma nova Pré-história. Será?

Estão acontecendo fatos que fogem do domínio humano. Vejamos alguns exemplos: homicídios, feminicídios, infanticídios, drogas mortíferas, assaltos, corrupções, roubos, propinas, mensalão, doenças nunca antes reveladas, exploração sexual, falta de alimentos, medicamentos, ganâncias, péssimos políticos, falta de educação, respeito e cidadania, Incriminações de todos os tipos, etc.,

O leitor talvez não saiba que estão tramitando no Congresso Nacional, mais de 2.000 Projetos de leis, com muitos absurdos, onde até “Jericó” poderá ser elevado como Patrimônio Histórico e Cultural, com direito a festa comemorativa, e muitas outras que o eleitor não poderá nem imaginar. Isto é o “fim da picada”.

O ser humano é sonhador e batalhador por dias melhores ,principalmente quando são envolvidas crianças e abandonados.

Chega de mentiras e falsas promessas pois o “inferno” está lotado e muito quente.

Neste momento vemos a importância de pessoas honestas e de bons educadores que sejam valorizados e apontados como exemplos de vida.

Basta de discriminação de etnias e culturas ameaçadas de extinção.

Pedimos desculpas aos nossos estimados competentes Confrades e Confreiras por fugir ao tema central proposto e aprovado para esta ANTOLOGIA-2019,pois ficou uma espécie de “mistura de carimbo”, talvez motivado pela nossa saúde muito abalada.

No passado, não muito distante, fomos direcionados para uma cultura repleta de “era uma vez”, “fábulas”, “encantamentos”, “epopeias”,” contos e causos” , “estórias”,” feitiços”, “fantasmas”, etc., onde os adultos e responsáveis esqueciam de que o “imaginário” exagerado provocaria danos na formação intelectual das crianças e dos jovens.

O Brasil despertou tarde demais para melhorar a área educacional, onde ocupamos o primeiro lugar no mundo de “CAMPEÃO MUNDIAL DE LEIS”, que não são cumpridas ou respeitadas, onde as cadeias públicas estão superlotadas pela falta de uma política séria, e sem propinas.

Causa muita tristeza encontrar crianças, jovens e adultos vagando pelas cidades procurando emprego, alimento, assistência social para sobreviverem.

Encerramos o presente artigo com um conto verdadeiro ocorrido em Biguaçu.

O fato histórico aconteceu na data de 20 de setembro de 1996 com a participação de três senhoras intelectuais, sonhadoras, escritoras, poetisas, otimistas, que tomaram a iniciativa de fundar uma Academia de Letras, mesmo sabendo das dificuldades e trabalhos que enfrentariam.

Dalvina de Jesus Siqueira, Osmarina Maria de Souza, Vilma Bayestorff (de saudosa memória), colocaram Biguaçu num elevado plano cultural, e estão merecendo justas homenagens. Parabéns.

Na caminhada gloriosa de 23 anos (1996 – 2019) da Academia de Letras de Biguaçu, foram muitos os “causos” ocorridos com consequências reais.

Foi no primeiro mandato do Prefeito Municipal de Biguaçu, Senhor José Castelo Deschamps, que foi oficializado o dia 20 de setembro como a data do Escritor BIGUAÇUENSE.

Também foi cedida pela municipalidade uma sala no Casarão Born para o devido funcionamento da Academia de Letras.

Grandes eventos foram realizados graças ao apoio da Diretoria e da Municipalidade, sendo Feiras dos Livros, Sessão da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, Viagem aos Açores, Sessões Solenes comemorativas, lançamentos de obras inéditas, e tantos outros que constam nas Atas, etc.

A semente plantada por Dalvina, Osmarina, e Vilma geraram muitos frutos onde o dinamismo do atual Presidente Acadêmico e Doutor José Braz da Silveira, são constantes e produtivos.

Muitos confrades e confreriras partiram para a vida eterna. Outros chegaram e tomaram posse em cadeiras vagas, enriquecendo assim e dando um brilho especial com suas sabedorias e apoios.

Temos certeza que dias melhores virão. São 16 Antologias que retratam a pujança e trajetória, inclusive as obras escritas por 40 membros efetivos e outros participantes.

Pedimos uma longa vida, para Dalvina e Osmarina através do Divino Pai Eterno.

Venha participar e muito obrigado.

Deixamos de apontar os nomes de todos aqueles que doavam seu tempo e trabalho elevando o nome da Academia de Letras de Biguaçu ao mais alto possível, para não ser repetitivo, pois todos constam nos registros e nos anais já protocolados.

Diz o dito popular que: “QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA”, logo com a criatividade da Academia Mirim de Letras de Biguaçu haveremos de conseguir muitos objetivos previstos, conforme afirmam Dalvina, Osmarina, Joaquim, Adauto, José Braz e muitos outros que servem e estão presentes nas atividades acadêmicas.

Em nome de todos:” Graças vos damos Senhor, por todos os benefícios recebidos, por todos estes dons, e por todas as dádivas.”

Síntese Biográfica de Joaquim Gonçalves dos Santos

Joaquim Gonçalves dos Santos, nasceu em 27 de março de 1936, na cidade de Florianópolis – SC.

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Ingressou no Magistério Público Estadual como Professor de História, cumprindo sua missão de 1968 até 2002.

Ocupante da Cadeira nº 3 da Academia de Letras de Biguaçu, sendo o Presidente no período de 30 de junho de 2007 até 30 de junho de 2010.

Vereador em Biguaçu por duas legislaturas: de 1973 a 1977, e reeleito para 1977 até 1983. Exerceu o mandato até agosto de 1980. Presidente da Câmara de Vereadores nas legislaturas de 1973 e de 1977.

Escreveu diversas obras na área de História.

Cidadão Honorário e Embaixador da Cultura em Biguaçu.

Cadeira nº 3 – Adolfo Konder

Adolfo Konder nasceu em Itajaí – (SC) a 16 de fevereiro de 1884, filho de Marcos Konder (sênior) e de Adelaide Flores Konder. Bacharel em Direito.

Eleito Deputado Federal por Santa Catarina. Foi Governador do Estado no período de 28-9-1930.

Foi senador por Santa Catarina.

Adolfo Konder faleceu no Rio de Janeiro a 24-9-1956, aos 72 anos de idade.

Foi político, orador, escritor, diplomata, deputado, senador, governador e grande personagem da história catarinense, foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Florianópolis.

CESAR LUIZ PASOLD

Cadeira n° 4



Relato de Alguns Felizes Encantos e Encontros de Embiguaçu

Por: Cesar Luiz Pasold – Ocupante da Cadeira n. 04 da Academia de Letras de Biguaçu -ALB- tendo como Patrono Altino Flores (sobre quem há notícia objetiva logo a seguir). É Presidente da Academia Catarinense de Letras Jurídicas- ACALEJ- Cadeira n.01, Patrono Henrique Stodieck. Também a Cadeira n.04 da Academia de

Letras de Palhoça, Patrono Jorge Lacerda; é membro da Academia Catarinense Maçônica de Letras-ACML, Cadeira n. 29, Patrono é Ari Kardec Bosco de Melo; ocupou a Cadeira n. 20 da extinta (infelizmente) Academia Des-terrense de Letras, na qual tinha como Patrono também Henrique Stodieck. É Membro Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina-IHGSC. Organizador e co-autor de “O Pensamento de Henrique Stodieck”, entre outras obras.

Patrono ALTINO FLORES: nasceu no “arraial” das Capoeiras, no Município de São José, em 04 de fevereiro de 1892. Faleceu em 19 de outubro de 1983, aos 91 anos. Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras, a qual frequentou por 63 anos. Sempre ressalto, de sua produção literária, o texto denominado “GOETHE OS ‘NOVOS’ E OS ‘VELHOS’”. E digo, com insistência, que se constitui, em minha opinião, num dos seus mais interessantes e certamente mais críticos escritos. Nele Altino revela profundo conhecimento sobre autores clássicos europeus, com destaque para o genial Goethe. Também repito sempre que possível a frase com a qual Altino Flores principia o ensaio supra destacado, que tem o seguinte teor: “Uma das maiores leviandades da crítica é considerar os grandes homens- os gênios- criaturas fenomenais, cujo aparecimento e floração independem de fatores propícios, de fatores vários.”. Ou seja, a genialidade não é fruto do acaso, nem é um elemento gerado pela sorte!

Crônica dos Encantos e Encontros De e Em Biguaçu

A minha memória ludicamente comprometida me diz quetive (e ainda tenho) muitos felizes Encontros

e Encantosde e em Biguaçu. Rememoro aqui - premido pelo espaço físico estabelecido para esta Crônica, destaques de alguns delesinspirando-menuma vivencia muito especial e interessante que ocorreu ao longo do ano de 2004. Portanto: há 15anos atrás!

Em janeiro daquele ano fui agradavelmente surpreendido por um desafio muito especial de meu ex-Orientando de Mestrado, o Advogado e Professor José Braz da Silveira, atualmente Presidente da nossa Academia de Letras de Biguaçu. Aqui o homenagem e reafirmo minha sincera gratidão pela maravilhosa experiência que me fez vivenciar, a qual relato nesta Crônica, em apertado resumo.

Braz, como o tratamos com amizade, era, então. o Diretor da Rádio Comunitária FM Biguaçu, 98.3 (o site é www.radiobiguaçu.com.br). O seu convite foi para que eu apresentasse, sem qualquer remuneração evidentemente (vênia pela insistência, mas se trata de emissora comunitária!!!) um Programa aos sábados, com duração de 01 hora, exatamente das 19h às 20h (horário em que durante a semana de 2f a 6f, era retransmitida A Voz do Brasil) .Minha missão como apresentador do Programa era efetuar entrevistas - ao vivo e presencialmente-com pessoas sobre assuntos significativos especialmente para Biguaçu e/ou Santa Catarina. O Diretor Braz deu-me liberdade total para escolher meus entrevistados e os respectivos temas e indagações.

De comum acordo decidimos que o Programa teria a denominação “Conversando com o Professor”. Aliás, este nome viria ser, também, o de minha coluna semanalescrita que mantive por 04 anos no Jornal O POPULAR, de Imbituba,localizada na rota do lindíssimo litoral sul de Santa Catarina,na qual residi de fevereiro de 2005

a novembro de 2009. Lá, tive a honra de ter sido homenageado pela unanimidade da Câmara Municipal, com o Título de Cidadão Honorário de Imituba. Informo que o referido Jornal O POPULAR até hoje é dirigido e editado pelo Jornalista Ivani Miranda, que o fundou e a quem também homenageio aqui. De outra parte, ainda inspirado no Programa de Rádio em Biguaçu na Coluna do Jornal O Popular, tenho desde novembro de 2015 – sem qualquer patrocínio comercial – um Blog cuja denominação é www.conversandocomoprofessor.com.br, que ultrapassou, neste mês de junho de 2019, o expressivo número de mais de 510.000 (quinhentos e dez mil) leitores/visitantes. O Blog tem por finalidade divulgar ideias e estimular reflexões, principalmente sobre as seguintes áreas temáticas: Direito, Teoria Política, Ciência Política, Ética, Filosofia, Sociologia, Literatura.

Essas tinham sido as disciplinas que inspiravam as minhas colunas escritas em O Popular, e já antes também nelas me inspirava para escolher Temas e Convidados para entrevista-los no meu Programa Radiofônico na FM Big.

Na ocasião do convite, avisou-me Braz, sorridente, que meu desafio era imenso porque deveria manter a espetacular audiência que, antes de meu horário, tinha a Professora Dalvina de Jesus Siqueira, no seu excelente programa radiofônico denominado “Encontro com a Estrela”, das 17h às 19h. Tive indicadores confiáveis, já em março daquele 2004, que minha audiência era boa, mas muito longe dos elevados patamares da nossa Estrela Maior, a Poeta Dalvina, os quais jamais alcancei!!!

Importante registrar que a Estrela Dalvina é Administradora Escolar aposentada por tempo de serviço no Magistério Catarinense, com Curso Superior de Pe-

dagogia e Licenciatura Plena em Psicologia e Sociologia da Educação, Didática e Prática de Ensino. Em síntese, uma Educadora na mais completa acepção da palavra! A nossa Estrela Maior, no próximo dia 23 de agosto deste 2019, completará 90 anos!!! É autora, entre tantas obras belíssimas, do livro intitulado “O Décimo Segundo- Poemas”(1995). Um ano depois - em 1996- foi fundadora da “Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu”. E recebeu, merecidamente, da Câmara Municipal de Biguaçu, o título- conforme Resolução nº 11/2011 - de Embaixadora da Cultura no Município de Biguaçu.

Aproveito este ensejo para transmitir à Querida Confreira Dalvina os meus parabéns antecipados pelo aniversário!!!! 90 anos de lucidez e criatividade!!! Fostes e és o melhor e maior encanto que encontrei em Biguaçu- sem demérito aos demais, que foram excelentes...mas tu és a melhor !

Prosseguindo nesta crônica, registro que o Programa radiofônico que se seguia ao meu , era magistralmente apresentado pelo prezado Marne Ramos, que possuía um imenso e sempre atualizado conhecimento sobre música popular brasileira e internacional . A cada noite de sábado ele apresentava uma excelente seleção de músicas, mesclando as melodias brasileiras com as internacionais, desfilando intérpretes, bandas e orquestras sensacionais. A música prefixo do programa dele fazia sucesso imenso na época, e tinha como título adotado por ele para seu programa, nada mais nada menos que Dancing Days. Trata-se de Melodia animadíssima cantada/interpretada por “ As Frenéticas”, lançada em 1978 e que em 2004, repito, ainda era exitosa ! Vide e ouça em :https://www.youtube.com/watch?v=0Iy7_AcDbY.

Também quanto ao programa do Marne, ressalto que eu não consegui alcançar o seu patamar de audiência. Mas, tive o pretencioso orgulho de que o prefixo do meu “Conversando com o Professor” fosse tão bom quanto ou talvez até melhor do que o dele: o meu prefixo era a música *Night Fever Night*, interpretado pelos Bee Gees, irmãos de sangue e na arte da Música (com M maiúsculo!).

Eles venderam mais de 100 milhões de cópias de seus álbuns musicais. A Guitarra, o Baixo, o Teclado, a Bateria e suas Vozes harmoniosamente em falsete, até hoje causam admiração em quem gosta de música. Estes australianos de nascimento e que se radicaram nos Estados Unidos, tornaram-se reconhecidos e populares cidadãos de todo o Mundo. Porque estou me estendendo tanto no prefixo musical de meu Programa? Porque recebi alguns pedidos de ouvintes para apresentar um Programa sobre os Bee Gees. Eu não o fiz, mas provoquei o colega Marne Ramos. E ele, gentilmente, o fez, com sua excelente qualidade de sempre. Eu, permaneci presente no estúdio para curtir!

Prossigo esta crônica dizendo que no meu Programa, efetuei ao longo daquele um ano – o 2004-uma série de entrevistas- todas resultantes de excelentes encontros e que fazem parte de meus grandes encantos de e em Biguaçu. Contudo, premido pelo espaço desta crônica [re-pito], destacarei objetivamente quatro dessas entrevistas e um episódio agradavelmente pitoresco, como segue.

A primeira entrevista que ressalto é a que efetuei com o próprio então Diretor José Braz da Silveira sobre o assunto “Natureza e função social das Emissoras Comunitárias no Brasil”. Nela ele esclareceu todos os aspectos legais e operacionais desta espécie muito interessante de meio de comunicação de massa que existe no Brasil!

Meu segundo destaque é para Paulo de Tarso Brandão, o então Promotor de Justiça do Ministério Público de Santa Catarina-MPSC (atualmente é Procurador de Justiça do MPSC no Egrégio Tribunal de Justiça do estado de Santa Catarina). Na época-2004, repito- a função do Ministério Público era pouco conhecida por parte da população. A audiência foi boa e o programa especialmente útil, conforme manifestações por telefone que recebi. Quanto à qualidade do programa, pude mensurá-la pelas excelentes perguntas que, por telefone, os ouvintes fizeram. Eu as repassei imediatamente, ao vivo e no ar, ao Prof. Dr. Paulo Brandão (Mestre e Doutor pela UFSC). Ele atendeu a todas as indagações com muita clareza e didática, explicando aspectos caracterizadores da importância do Ministério Público para a melhor vida em Sociedade.

O terceiro destaque faço à entrevista que efetuei com o senhor Nelson Cesar de Oliveira, presidente da Z 23 (Zona de Pesca Z-23) e que era o Secretário Municipal da Pesca, em Biguaçu. Nelson comunicou-se com muita eficiência e eficácia, revelando dados muito interessantes sobre a realidade econômica e social de Biguaçu, especialmente quanto à Pesca e sua força na cidade. Eu tinha o hábito de, logo após o encerramento de cada programa, descer as escadas do prédio da Rádio, levando o convidado da noite até a calçada. Naquela noite um grupo de cerca de 30 pescadores estava esperando seu líder à saída do Programa!!!

E, o meu quarto destaque é para a entrevista que fiz com Guido Locks. O tema foi a vida de seu Pai, o Professor e Advogado Lauro Locks, nascido em 18 de março de 1916, na Vila de Quadro, atual município de Braço do Norte/SC, e falecido em 24 de fevereiro de 2004, em

Biguaçu/SC. A partir de 1937, foi professor do Grupo Escolar Dom Joaquim, em Braço do Norte. Entre tantas atividades, dirigiu o Grupo Escolar Dom Joaquim, de 1944 a 1947, e foi Inspetor Escolar nos municípios catarinenses de Tubarão (1947-1951) e Biguaçu. Casado com a senhora Tabita Schlickmann e o casal teve 16 Filhos. Foi membro e Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, entre 1962 a 1965. Deputado Estadual eleito à Assembleia Legislativa catarinense, mandato de 1963 a 1967. Foi Secretário de Estado da Educação, de 20 de novembro de 1964 até 16 de agosto de 1966. Eleito Prefeito Municipal de Biguaçu, para mandato de 1973 a 1977, desempenhou a função com eficiência e conseguiu que várias empresas se instalassem no município, entre outras ações em favor da comunidade. Foi um dos fundadores da Academia de Letras de Biguaçu, em 20 de setembro de 1996, na qual ocupou a Cadeira nº 9. Conforme dados registrados pela Assembleia Legislativa, no ano de 1998, Lauro tinha 45 netos e 13 bisnetos. Seu falecimento ocorreu em 24 de fevereiro de 2004, em Biguaçu/SC. Maiores detalhes sobre a profícua vida pública de lauro Locks vide em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/598-Lauro_Locks.

Aquela entrevista com Guido Locks foi, com certeza, o Programa de maior audiência no ano inteiro – 2004, e portanto de toda a série do meu Programa. Posso afirmar isto pelo número enorme de telefonemas durante os 60 minutos do Programa no ar, e pelas pessoas que esperavam e aplaudiram entusiasticamente o Pai Lauro, através do filho Guido Locks, quando descemos as escadas e ele pisou na calçada em frente ao edifício da FM BIGUAÇU, a Emissora Comunitária, então na Rua João Pessoa 138, sobre loja n. 14-Centro de Biguaçu.

Não posso encerrar este texto sem relatar um fato muito pitoresco e gratificante, relacionado com o Programa Conversando com o Professor, e que vivi no mês de setembro daquele ano de 2004, como segue!

Tive que, na condição de Advogado, acompanhar um de meus Clientes ao interior de Biguaçu para verificarmos as condições de seu imóvel rural. No retorno para a Ilha de Santa Catarina, meu cliente resolveu mostrar-me o que ele chamava de “lado verde de Biguaçu” que fazia e ainda faz belíssimo aliás, em contraste com o “lado azul” do município. A certa altura paramos, para tomar um refrigerante, num pequeno “Bar/Armazem” - assim estava na placa tosca de madeira cravada na parede ao lado da porta de entrada. Era um ambiente simples e muito asseado. Nele, sentado numa banquetta no lado interno do balcão estava o Sr. Zé, que me foi apresentado pelo meu Cliente. Quando cumprimentei e disse que gostaríamos de tomar um refrigerante, ele olhou-me muito fixamente e, virando-se para uma porta aberta e na qual havia uma cortina de lantejoulas, gritou: Maria venha correndo aqui!!!

E lá veio uma simpática senhora de seus 70 anos, sorridente dando boa tarde para nós. O Sr. Zé ordena-me, com simpatia :”fala com ela doutor!”. Obedeci e disse: “muito prazer Dona Maria, a senhora tem um refrigerante para vender para nós?”. Ela me olha fixamente e diz : “ Mo Deus, Zé, é o ‘dotor` do programa que a gente ‘escuita’ todo sábado de noite e que conversou muito legal com aquele homem da pescaria!!!!” A empolgação dela foi-me emocionante...fiquei sem fala....Ela correu para dentro da casa e voltou com um rádio de pilha e explicou que o filho mais velho, que morava e trabalhava em São Paulo, lhes tinha dado de presente de Natal em 2003. E

acrescentou que o rádio “pegava as radio com chiadomas também as radio com som bom”.

Não resisti e enlacei Dona Maria num abraço forte, com muito respeito e gratidão. E, então, eu disse ao meu cliente : quem tem esta audiência autentica está consagrado, não é?Ele sorriu e concordou!!!

Afirmoenfim: adoto Dona Maria e Seu Zé como símbolos dosEncontros edos Encantos que Biguaçu possibilita a todos que a visitam e que nela residem ! Minha perene gratidão à Comunidade de Biguaçu!

Síntese Biográfica do Acadêmico Cesar Luiz Pasold Cadeira nº 04 — Patrono Altino Flores

Nasci em 13 de julho de 1945, filho de Erna Pasold e Ralf Pasold. Cheguei com a Família na Ilha de Santa Catarina em 1949, falando apenas alemão. Aprendi a falar e escrever português com manezinhos da Ilha. Cresci aqui e realizei o primário (no Grupo Escolar Lauro Muller), ginásio e científico (no Colégio Catarinense) e ensino superior (na Faculdade de Direito da Rua Esteves Junior), na qual fui Vice Presidente e depois Presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro. Por 6 anos fui colaborador voluntário e não remunerado do tradicional jornal O ESTADO: nos primeiros dois anos, escrevia a coluna semanal ESTANTE, na qual analisava e recomendava livros. Nos quatro anos seguintes, também semanalmente, manteve a coluna CRÔNICA MODERNA, na qual escrevia sobre os mais variados temas. Fui Professor de Português por 07 anos no Colégio Catarinense (Gramática e depois Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa).

Sou acadêmico em 05 Academias de Letras: Academia Catarinense de Letras Jurídicas (da qual sou Presidente); de Letras de Palhoça; de Letras de Biguacu; de Letras de Imbituba, e Maçônica Catarinense de Letras. Integrei a extinta (infelizmente) Academia Desterrense de Letras. Sou Autor de 11 obras e Coautor de 33 obras. Com muito estudo e esforço, tornei-me Mestre em Instituições Jurídico-Políticas(UFSC), Mestre em Saúde Pública (USP), Doutor em Direito do Estado (USP) e Pós Doutor em Direito das Relações Sociais (UFPR).Tenho três filhos: Andrea, Cesar Junior e Ralf. Dois netos : Maria Luiza e Arthur.

AFONSO ROCHA

Cadeira nº 6



A Viagem
Por: Afonso Rocha¹⁶

I

Maria da Conceição, uma solteirona de 26 anos andava pessimista, acabrunhada, quase que envergonhada, porque, com aquela idade, ainda não tinha sido mordida pelo besouro do amor. Nem seria por culpa sua,

16. A Viagem é uma criação do autor com base no relato de Raulino Reitz no livro ALTO BIGUAÇU. Edição partilhada pela Lunar-delli e EdUFSC, Florianópolis 1988.

porque, como mulher atraente e trabalhadeira, não via em si qualquer mazela que afastasse os homens. Mas o certo é que, a rigidez de seus pais, que com ela ainda viviam, não lhe permitiam grandes espaços nem sonhos amorosos. Não era ela que afastava os candidatos aos seus amores, mas sim a vida que levava ao lado de seus pais, na roça, que possuíam nas margens de um riacho que retalhava Niterói.

Tinham viajado das ilhas açorianas há quase vinte anos, tinha ela apenas seis, e desde então, a vida não tinha sido nada fácil. O tão sonhado sol da riqueza tinha-se ficado por uma pequena roça e uma casita de madeira. O melhor que tinham, era uma vista maravilhosa para a gigantesca baía da Guanabara; a fruta e os legumes que cultivavam, os ovos, produção de uma dúzia de galinhas poedeiras, e o leite, das duas vaquinhas malhadas. Com o leite faziam nata e queijo que vendiam aos vizinhos, e uma vez por semana, desciam até ao centro do lugarejo, onde se realizava uma feira agrícola, para vender os queijos e os ovos que sobrassem.

Quando saíram dos Açores vinham carregados de sonhos e esperanças. Mas desde cedo tudo mudou. Primeiro, com a morte prematura de seu irmão, já com catorze anos, em resultado do tifo que apanhara durante a longa viagem. E depois, porque só conseguiram alguma estabilidade emocional e bem-estar financeira após seu pai ter trabalhado por quase dez anos na roça de um outro português, ganhando quase uma miséria que mal dava para comprarem o essencial para a subsistência da família. Entretanto, tanto ela como sua mãe, fragilizada pelas circunstâncias e por uma doença que a atormentava desde a metrópole, ocupavam seus tempos a lavar roupas para outras famílias e a

ajudar o padre na limpeza e na manutenção da igreja local.

Só quando seu pai, depois de muito mourejar, conseguiu comprar um pedaço de terra e duas vacas a um cidadão espanhol que viajara para o Sul, é que a vida da família mudou e foi melhorando aos poucos.

A tristeza e o desalento de Conceição desapareceram num sábado, quando, no decorrer da feira semanal, um rapagão meio estrambelhado, mais parecendo um pedinte abandonado, aparentando uns trinta anos de idade, de bigode farto e curto, loiro, de boné de marinheiro enterrado na cabeça, se lhe dirigiu para saber quanto custava um pedaço de queijo. A mocinha perdeu a noção da realidade. De boca aberta, sem botar faladura nem quase respirar, ficou taralhouca, paralisada.

Ali estava o “seu” homem, o homem que, nos seus sonhos, procurava fazer mais de uma dezena de anos.

O maltrapilho interessado nos queijos para matar a fome que o roía fazia tempo, nem se deu conta do interesse que despertara em Conceição, tal era o desinteresse e o alheamento que a vida lhe traçara. Vivia num barracão de madeira, onde se depositava a lenha dos barcos a vapor que viajavam, de duas em duas horas, para a Praia Grande, localizado nos arrabaldes da cidade adaptado às ordens das autoridades imperiais, às pressas, para abrigar os 78 imigrantes alemães que estavam abandonados na praia, sem que ninguém os recebesse nem orientasse. Todos eles vinham em busca de um cantinho onde pudessem plantar os sonhos e raízes de nova vida.

Chamava-se João Henrique. Na verdade João Henrique Soechting, mas que a moçoila portuguesa, de uma das ilhas dos Açores, nem sabia pronunciar, e ti-

nha desembarcado do brigue Eridano, que arribara fazia dois meses, vindo do longínquo porto de Dunquerque, e mais concretamente, veio a saber-se depois, da Renânia-Palatinado, lá para os lados do planalto de Hunsbruck, sua terra natal e de muitos outros que viajavam com ele.

Na verdade, com João viajaram 220 pessoas, quase todas em busca de riqueza e de uma melhor vida. A viagem fora tumultuosa e cheia de problemas, com enjoos, doenças, fome, lágrimas, zaragatas, tempestades e até roubos de bens caseiros.

Só ao fim de seis longas semanas, as primeiras montanhas do Brasil saltaram à vista dos que se debruçavam nas amuradas do brigue. E mesmo assim, ainda tiveram que esperar mais outros 10 dias para que o desembarque fosse autorizado, como prevenção para que não se contaminasse os habitantes da cidade com doenças infecciosas de que porventura pudessem ser portadores.

As promessas, propagandeadas, lá nos confins da Europa, por suas realezas imperiais, não passavam de miragens e o trabalho e as terras prometidas, não se encontravam em lado algum.

A fome e o mau estado geral dos viajantes lavravam pelo casarão na praia.

Foi neste ambiente arrepiante que João e Conceição cruzaram os olhares.

O português de João era escasso, mas mesmo assim dava para se fazer entender, se vagasse na articulação das palavras, como já se habituara a fazer para se fazer entender desde que chegara às belas terras cariocas.

Embora Conceição e João viessem do mesmo continente europeu, falassem por frases meio trôpegas e curtas para se fazerem entender e tivessem saberes, culturas e sensibilidades diferentes, vai lá saber-se porquê,

nada impediu que o ferrão do amoracontecesse, que a chama entre eles se acendesse, se viessem a relacionar, conhecer melhor e, dois meses decorridos, ambos casaram e decidiram aventurar-se nas terras que agora lhes eram prometidos no sul do Brasil, com a bênção do padre Rafael e do velho pai açoriano.

II

Numa ofensiva política de povoamento, o governo imperial brasileiro, depois de muito pressionado para branquear a população, prontificou-se a custear a viagem de 300 imigrantes para Santa Catarina.

Logo na primeira leva embarcaram Conceição e João juntamente outras famílias, sendo 29 homens entre casados e solteiros, incluindo nestes 6 viúvos, cujas mulheres tinham morrido na viagem por causa da disenteria que grassara no navio; mais 14 mulheres e 70 crianças. Ao todo formavam 28 famílias. A viagem do Rio de Janeiro até Desterro (hoje Florianópolis), em Santa Catarina, demorou 6 longos dias.

Muito bem recebidos e tratados pela população locale pelas autoridades, que os alojaram num quartel abandonado no centro da cidade, até que, passados dois meses, receberam a tãoesperada notícia de sua última viagem até às almeçadas terras que cada um esperava receber.

Embarcados novamente nuns lanchões, que chegaram não se sabe de onde, após abandonarem a ilha pela chamada barra sul rumaram em direção ao rio Cubatão, que subiram até às altas serranias, do que viria a ser conhecido, muitos anos mais tarde, como São Pedro

de Alcântara, a primeira colônia de alemães em Santa Catarina.

Apesar de curta, não foi fácil a viagem.

Muitos obstáculos e tropeços tiveram que ultrapassar e a certa altura, tiveram mesmo que abandonar a barcaça em que viajavam, meter os poucos pertences em carros de bois ou no lombo de muares, e fazerem o resto do caminho a pé, por meio a lamas, terras soltas e matas quase impenetráveis, com tempo trocando de pesadas chuvas ou de altos calores.

Lá chegados, o casal João e Conceição receberam um lote de terreno com cerca de 150 braças de frente por mil de fundo, passando a ser donos de um pedaço de chão que poderiam chamar de seu. Enquanto não prepararam as terras e as tornaram habitáveis, todos dormiam num barracão construído pelos outros imigrantes que já se encontravam na colônia. Dentro de cada pedaço de terra, cada família escolhia onde construir sua casinha de pau-a-pique e planeava as futuras lavouras, o plantio de palmeiras, de palmito, laranjeiras, etc. Tudo era planeado ao pormenor, sobretudo junto a ribeiras com água corrente, tendo em conta o lado dos ventos, das chuvas, do sol.

Num primeiro tempo as casas eram rudimentares. Fincavam uns postes no chão e, com folhas secas de palmeiras, construía a cobertura. Depois levantavam as paredes de ripa, amarradas com cipós, que eram cobertas com barro amassado.

João e Conceição pouco tinham de seu além do baú com os pertences, na sua maioria roupas de um e de outro, duas mantas de tiras que um dia tinha vindo dos Açores, algumas panelas e acessórios de cozinha que o velho açoriano, pai de Conceição lhes tinha oferecido para começarem uma nova vida na terra dos sonhos e dos bugres.

III

Passaram-se os primeiros anos, mas a vida do casal continuava num impasse. A má qualidade das terras; a solidão na montanha afastados de qualquer pingo de progresso; as trovoadas e enxurradas constantes e persistentes, fizeram com que João partisse à procura de novos horizontes.

Por entre matagais e enormes arvoredos, subiu um pouco mais o morro e do outro lado, virado para Norte, avistou um imenso vale verdejante e luminoso. Lá longe, por entre morros mais baixos, via-se umas casinhas de onde saía fogo da chaminé, e nos campos ao redor, pastavam vaquinhas, porcos, galinhas...

Desceu e atravessou um pequeno riacho, hoje sabe-se que era o Maruim, e subiu até ao alto de outro morro para melhor ajuizar a natureza e a beleza da terra que lhe enchia os olhos nos arredores. E, falando com os seus próprios botões, considerou ser esse o lugar ideal para ali realizar os sonhos de construir casa e criar família.

Com esse propósito, logo a 1 de maio de 1830, João Henrique Soechting e sua mulher Conceição, que, entretanto, tinha ficada grávida, ambos acompanhados de outras 10 famílias e 5 solteiros, que partilhavam da mesma angústia e sonho, meteram-se por uma picada rudimentar coberta de mato alto, e seis dias depois, com os poucos pertences às costas, descortinaram um lugar onde acharam por bem acampar, nas margens do que seria o rio Louro, garantindo-lhes água limpa para beber, cozinhar, regar as hortas e tomar banho.

Desse modo, sem rigoroso planeamento, dava-se início a um novo povoado no sertão do Alto Biguaçu, a que deram o nome de Louro, pela amena vizinhança do

rio com o mesmo nome. João, por ser o mentor e mais audacioso na aventura ao “descobrir” tal antro de vegetação e beleza, viria a ser tido como o fundador da nova colônia de alemães.

Pelos vales do Louro e do Biguaçu, com terras férteis para as lavouras, não só estes, como outros alemães que entretanto seguiram os passos de João e de seus companheiros, iam-se espalhando pela região, ocupando os morros ao redor, já que as terras mais ricas das baixadas do Biguaçu, sobretudo a partir de 1840, começaram a ser ocupadas por descendentes dos casais açorianos que, idos de São Miguel ou de Desterro, desenvolviam suas atividades em fazendas e minifúndios com moagem, gado e plantio, em cujas atividades empregavam escravos negros.

João e Conceição, que realizaram um dos primeiros casamentos entre imigrantes de nacionalidades diferentes – ele alemão e ela portuguesa dos açores -, conseguiram chegar ao sul do Brasil e, depois de muito penar, de muito sofrer, sobretudo pelas promessas de apoio e incentivo não cumpridas pela autoridades, acabaram por dar origem a um novo povoado, nos interiores do atual município de Antônio Carlos, mas que já foi de São Miguel da Terra Firme; de Biguaçu e de Louro.

Pontuando, aqui e acolá, casas, engenhos, escolas e igrejas, não se apartando das necessidades básicas com a alimentação, o lugarejo cresceu.

Primeiro, com meia dúzia de habitantes, depois com muitos mais, foi crescendo e transformou-se num importante distrito pertencente à freguesia de São Miguel da Terra Firme colonizada por açorianos a partir de 1748, até que, após várias peripécias como com a mudança de sede e até de nome, o lugarejo fundado por Concei-

ção e João Soechting, se transformaria, em dezembro de 1963, no pujantemunicípio de Antônio Carlos, separando-se do de Biguaçu.

O casal João e Conceição, que se conheceram na corrida das necessidades e carências, em Niterói, no longínquo Rio de Janeiro, enterrados pelos seus filhos e netos nos contrafortes do vale do Louro e do Biguaçu, podem repousar tranquilamente. Nessas terras, nas bordas do rio Biguaçu, de fuças esticadas para o mar, encontraram o encanto das terras que sempre almejaram. Ali criaram raízes; tiveram filhos e netos e deixaram para a posteridade, estórias, culturas, saberes e sabores.

Por estes encantos e encontros de gentes que vieram do além-mar, oBiguaçu de hoje está-lhes grato por adentrarem nas entranhas de nossa terra, abrindo caminhos e horizontes serra acima, trazendo sangue de outras paragens que, caldeadas com os demais nativos – açorianos, alemães, bugres, negros escravos e libertos, libaneses... formaram e formam, a realidade encantada de Santa Catarina.

- **Afonso Rocha** ocupa a Cadeira 6 na Academia de Letras de Biguaçu/SC, tendo como patrono a professora, jornalista e deputada Antonieta de Barros; é membro (correspondente) da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS, onde ocupa a cadeira 21, tendo como patrono o poeta popular português António Aleixo; é fundador e diretor da revista digital literária, de cultura e história-Corrente d'Escrita; escritor, editor e jornalista com várias obras publicadas a solo e com participação em várias coletâneas, tanto em Portugal, de onde é natural, como no Brasil.

Síntese Biográfica de Afonso Rocha

Afonso Rocha - Nasceu em 1946, em Cinfães, nas margens do rio Douro, Portugal. Viveu nas cidades do Porto e de Lisboa (Portugal); em Paris (França) e em Maputo (Moçambique). Hoje vive entre Florianópolis/SC (Brasil) e Sintra (Portugal). É especializado em tributação fiscal; ciências contábeis e gestão empresarial pela Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

Escritor, jornalista, radialista, editor e amante de fotografia, dirige a revista literária “Corrente d’ Escrita”, participando em diversas coletâneas e antologias em Portugal e no Brasil. Autor de “Olhos d’ Água – Histórias de Um Tempo Sem Tempo” (romance histórico sobre o período da ditadura em Portugal); “Trovas ao Vento” (a poesia numa roda de amigos); “Sangue Lusitano – O sul do Brasil só é brasileiro porque foi português” (romance histórico sobre a chegada dos primeiros dos portugueses ao sul do Brasil em 1516 e a criação dos dois Estados do Sul do Brasil – Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Em preparação: “Antes que seja Tarde – Eu pecador, me confesso”.

É membro: da Associação das Letras/SC; da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS; e da Academia de Letras de Biguaçu/SC.

Contacto: darocha.afonso@gmail.com

Cadeira nº 06 — Antonieta de Barros

Antonieta de Barros - Nascida em 11 de julho de 1901, filha de uma lavadeira e órfão de pai, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Le-

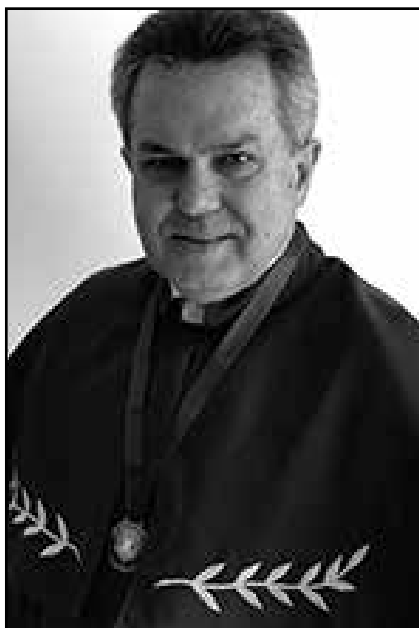
gislativa de Santa Catarina. Educadora, escritora e jornalista atuante, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres – e mais ainda para uma mulher negra.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, onde nasceu, o jornal *A Semana*, mantido até 1927. Na mesma década, dirigiu a revista quinzenal *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Assinava seus trabalhos com o pseudônimo *Maria da Ilha*. Em 1937 escreveu o livro *Farrapos de Ideias*, base de sua atuação política. Como educadora, fundou o *Curso Antonieta de Barros*, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Manteve intercâmbio com a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* e, na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e receberem votos, filiou-se ao *Partido Liberal Catarinense*, que a elegeu deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense. A *Assembleia Legislativa de Santa Catarina* concede anualmente a *Medalha Antonieta de Barros* a mulheres que se distingam em relevantes serviços em prol dos direitos das Mulheres. O Município de Florianópolis/SC atribuiu seu nome ao túnel da *Via Expressa Sul*.

JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA

Cadeira n° 9



RIO CAVEIRAS OU BIGUÁ-MIRIM

A tradição oral tem sido responsável pela transmissão de importantes informações de geração a geração ao longo da existência humana. Antes da escrita, além dos sinais rupestres encontrados em grutas ou cavernas, só a tradição oral assegurava a transmissão dos fatos históricos. A própria bíblia sagrada, ou os livros sagrados

de outras religiões, foi escrita com base nas informações recebidas ao longo do tempo.

Na ocupação da costa brasileira, muitas denominações foram definidas com base nas línguas indígenas e repassadas para as gerações futuras por meio da tradição oral. Como se sabe, os colonizadores chegavam pelo mar e à primeira vista, determinavam a denominação do lugar, salvo raras exceções. Por muitas razões, os rios, águas abrigadas, eram os locais mais procurados pelos navegadores para ancorarem as suas embarcações. Na foz dos rios era possível reabastecer as caravelas com água doce, frutas silvestres e até animais.

Assim, devido à existência de um rio de grande porte, localizado a 40 léguas náuticas ao norte da Ilha de Santa Catarina, percebendo-se que nas suas margens abundava “tajahy”, palavra de origem tupi-guarani, que a corruptela arredondou para “taiás”, surgiu o nome do rio e da cidade de Itajaí. E em razão de existir um rio maior e outro menor nas proximidades, a tradição oral se encarregou de batizá-los de Rio Itajaí-Açu e Rio Itajaí-Mirim.

Outras duas versões também são aceitas como origens do nome Itajaí. A mais antiga se relaciona à palavra “pedra”, “ita” em tupi-guarani. Pedra longa ou rio que corre sobre as pedras. Uma terceira versão, mais recente, vem assinada pelo escritor Magru Floriano e traz à tona “A lenda do Monte Tayó” e, por essa tese, o nome nada teria a ver com “ita”, cuja tradução é “pedra”, nem com “taiás”, mas, sim, com “tayó”, assegurando que inicialmente o nome teria sido “Tajai” e, não, “Itajaí”.

Contam-se aos montes, ao longo de todo o litoral brasileiro, situações semelhantes. É o caso do Rio Apiaí e Apiaí-Mirim, que também deram nome à cidade de

Apiaiá, em Minas Gerais, expressões que derivam do tupi-guarani, “rio dos índios”. Outro exemplo, também em Minas Gerais, são os Rios Sapucaí e Sapucaí-Mirim, que deram nome à cidade de Santa Rita do Sapucaí.

No Estado do Rio de Janeiro, com seu nascedouro na Serra do Mar, estendendo-se até o Espírito Santo, temos os Rios Guandu e Guandu-Mirim. Aqui a tradição oral se valeu de uma palavra de origem africana, originária de Angola, trazida ao Brasil pelos escravos. Feijão Guandu ou Ervilha da África, leguminosa que veio para as Américas pelas mãos dos nossos irmãos de pele morena.

Outro exemplo é o Rio Iguaçu, cujo nome também deriva das expressões indígenas “água grande”, mas nesse caso foram os índios da etnia Kaigangues, encontrados mais para o Oeste. Não se tem nesse caso nenhum rio Igua-Mirim, mas, por certo, quando se denominou Iguaçu, “Água Grande”, estava-se referido ao tamanho do rio, na vastidão líquida espalhada nas proximidades da foz e, não, da água, que por si só não se pode medir.

O exemplo mais próximo da situação de Biguaçu vem de São Paulo. Refiro-me aos rios e as cidades de Embu das Artes e Embu-Guaçu. O nome original da cidade é “Embu”, mas pela vocação artística do Município, acrescentou-se, “das Artes” e ninguém mais fala apenas “Embu”. Já Embu-Guaçu, que foi desmembrado de Itapeverica da Serra em 1959, assim como Embu das Artes, tem origem na palavra tupi-guarani “mboy”, cuja tradução é “cobra”. Também nesse caso, a corruptela se encarregou de abrigar o termo, sobretudo pela pronúncia, de “Mboy” para “Embu”.

Ambas as cidades se valeram dos nomes dos rios que as banham, ou seja, o Rio Embu-Guaçu e o Rio Em-

bu-Mirim, e estes, assim como as duas cidades, têm seus nomes originados da expressão tupi-guarani “mboy”, cuja tradução literal para o português como já dito acima, é “cobra”. Assim, traduzindo-se apenas para esclarecimento, trata-se do Rio das Cobras.

Evidente concluir-se que o rio grande justifica o emprego do sufixo “Açu” referindo-se ao tamanho do rio e não ao tamanho das cobras. Da mesma forma, o rio pequeno, “Mirim”, se refere ao rio menor e não ao rio das cobras pequenas. Impossível se supor que, em um deles, fossem encontradas apenas cobras grandes e, no outro, as cobras pequenas.

E assim, ao se aproximarem da costa continental na Baía Norte da Ilha do Desterro, os navegadores se deparam com dois rios, sendo natural que o de maior embocadura fosse o escolhido para se adentrar. Certamente, sua foz não estava tão assoreada como agora. Sabe-se que o que provoca o terrível assoreamento dos rios são as ações do homem que desmata e remove a terra, para, na primeira enxurrada, o barro solto correr para o leito dos rios. Mas naquela época, tudo estava intocavelmente preservado, logo, o rio certamente estava limpo e sem qualquer obstrução ou assoreamento.

Ao adentrarem ao Rio, eram abundantes os biguás, segundo conta a nossa história. E pelo que se sabe, a espécie é única em todo o mundo. Não existem biguás grandes e biguás pequenos. Mas é óbvio que o sufixo “Açu”, acrescido ao Rio Biguaçu, não se refere ao tamanho da ave, mas sim ao tamanho do rio. Óbvio, também, que se foi necessário destacar o rio grande, batizando-o de Rio Biguaçu, por certo, nas proximidades havia um rio pequeno, o qual certamente seria chamado de Biguá-Mirim.

E por que o rio menor, localizado nas proximidades do rio maior, iria se chamar Rio Caveiras e não Biguá-Mirim? Por que “Rio Caveiras”, se a tradução literal da palavra em tupi-guarani é “cangueiro”? São essas indagações que o presente texto pretende despertar nos pesquisadores. Sem pretender mudar o rumo da história ou querer chamar para si as atenções, mas algumas conclusões nos parecem muito claras.

É certo que o nome do Rio Biguaçu se ancora na presença dos biguás e o sufixo Açu tem a finalidade de antagonizar com o rio menor, ou Mirim. Outra certeza cristalina é que a denominação “Rio Caveiras” não vem dos índios, mas sim do homem branco, pois a tradução da palavra “caveira”, do tupi-guarani, é “cangueiro”. A palavra “osso” é “cangué” e “defunto” é “amyri”, o que descarta a origem tupi-guarani.

Do livro “História de Biguaçu Através de Sua Gente”, dos autores Iaponan Soares, já falecido, e Ana Lúcia Coutinho, publicado em 1989, extrai-se, da folha 21, um pequeno trecho, mas de grande importância para essa breve abordagem: “AGOSTINHO FERNANDES DE CARVALHO: Morador na freguesia de São Miguel. Em 2 de julho de 1774, recebeu uma concessão de Sesmarias na localidade chamada Rio Caveiras em Biguaçu.”

Por essa citação da qual não temos razões para duvidar, mesmo porque os autores apontam a fonte primária, que foi o “Livro de Concessão de Sesmarias”, nº 1, de 1806 – 1814, onde se encontra o registro da concessão referida, com data anterior a 1774, comprovando-se documentalmente que já se conhecia o mencionado rio como Rio Caveiras.

O Jornalista Ozias Alves Junior já havia publicado em seu Jornal impresso “Biguaçu em Foco” e agora

reeditou no mesmo veículo, mas na modalidade online, uma matéria sobre o assunto. Além da informação acima, a reportagem fala de um antigo morador do bairro Rio Caveiras que lhe teria afirmado que a região ganhou esse nome porque antigamente foram encontrados esqueletos humanos nas margens do rio. Desta forma o rio passou a ser chamado de “Rio das Caveiras” e mais tarde “Rio Caveiras”.

A mesma reportagem ainda descreve:

“Acredita-se que as “caveiras” sejam de índios e o local onde foram achadas era um cemitério indígena, pois o antigo dono de uma escola situada na rua Cônego Rodolfo Machado, cujo nome escapa-me, na década de 1970, havia um sambaqui no local de onde arqueólogos teriam retirado ossadas indígenas.”.

Eu mesmo, nas minhas pesquisas de campo, conheci uma senhora do Rio Caveiras que me contou muitas histórias interessantes, dentre as quais a origem do nome “Boi de Mamão”. Disse que certa vez foram fazer uma apresentação dessa bela tradição folclórica, que tinha outro nome, mas na hora “H” desapareceu a cabeça do boi, sendo necessário improvisar. O chefe da brincadeira não se deu por vencido, pulou no quintal e colheu um mamão e o adaptou para garantir a apresentação do espetáculo. De lá para cá, o nome passou a ser “Boi de Mamão”.

Mal terminou a história do boi de mamão, a simpática senhora ajeitou o avental e, penteando o cabelo com a mão, emendou outra história sobre o mamão. Contou que o nome “Rio Caveiras”, dizem, também tem a ver com o mamão. Havia um morador das redondezas que a

noite costumava dar susto nas pessoas. Praticava diversas estripulias, mas a que mais repercutiu foi a da caveira que ele fazia com um mamão verde. Fazia três furos no mamão, como se fossem olhos e boca de uma pessoa, e colocava sobre os mourões das cercas, com uma vela acesa dentro. “E foi isso que deu origem ao nome ‘Rio das Caveiras’ ou simplesmente ‘Rio Caveiras’.”, finalizou a bela senhora.

Antes que a gente se deixe encantar por essas belas histórias, que da forma que são contadas, parecem ser verdadeiras, devemos voltar a nossa responsabilidade de pesquisadores para dizer que, havendo uma fonte documental que comprove o dado histórico, somente se deve discutir o assunto com fundamento em outra informação documental de igual ou maior força.

No caso em estudo, deverão prevalecer, pelas razões acima apresentadas, as informações registradas no livro “História de Biguaçu Através da Sua Gente”, de Iaponan Soares e Ana Lúcia Coutinho, que alicerçou a pesquisa no “Livro de Concessão de Sesmarias”, nº 1, de 1806 – 1814, fato devidamente registrado desde 2 de julho de 1774.

Como conclusão deste breve estudo, pode ser dito, com segurança, que o nome “Rio Caveiras” não deriva de palavras indígenas. Já o nome “Rio Biguaçu”, com certeza, vem do pássaro biguá acrescido do sufixo “Açu”, referindo-se ao rio grande. Assim, seguindo-se a mesma lógica adotada em outras situações ao longo da costa brasileira, foi necessário empregar o sufixo “Açu”, devido à existência de outro rio nas proximidades que certamente adicionaria o sufixo “Mirim”, rio este que, posteriormente, recebeu o nome de “Rio Caveiras” e, pela forte expressão da palavra, ofuscou o nome original.

Breve Currículo: José Braz da Silveira

Advogado, Mestre em Ciências Jurídicas pela UNIVALI e Especialista em Políticas Públicas pela UDESC. Exerceu diversas funções públicas no Governo do Estado, entre as quais Consultor Jurídico da Secretaria da Administração. Secretário da Educação de Biguaçu em 2009, quando implantou o Programa Educação Cidadã, com excelentes resultados. Foi Vereador de Biguaçu por quatro legislaturas. Foi também professor universitário por um período de três anos. Coordena o MSB – Movimento Solidariedade no Brasil e auxilia diversas instituições sociais de forma voluntária. Tem 20 (vinte) livros publicados, sendo 11(onze) em coautoria. Atual Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.

Cadeira nº 09 – Patrono Elpidio Barbosa

Advogado e professor, Elpídio Barbosa foi orgulho para o magistério e a advocacia catarinense. Nasceu no dia 02 de setembro de 1909, na cidade de Florianópolis. Iniciou seus estudos no Colégio Coração de Jesus, no ano de 1916. Optou inicialmente pelo ramo do direito, atividade que mais lhe atraía e não seria incompatível com o exercício do magistério, sua grande paixão. Atuou como professor no Colégio Coração de Jesus e na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina. Eleito Deputado Estadual, exerceu o mandato de 1951 a 1955, tendo sido Secretário da Mesa da Assembleia Legislativa. No Governo de Celso Ramos, Elpídio Barbosa foi nomeado Secretário de Estado da

Educação e Cultura, o mais alto cargo na área da educação em Santa Catarina. Fundador do Conselho Estadual de Educação Elpídio Barbosa foi escolhido o seu primeiro presidente, liderança que exerceu até a sua morte.

JANICE MARÉS VOLPATO

Cadeira n° 10



Paróquia São João Evangelista

Biguaçu é um município do Estado de Santa Catarina. Entre tantos locais encantadores, onde acontecem muitos encontros marcantes na vida das pessoas, sejam elas da própria comunidade ou de outros locais, podemos considerar como destaque principal, a imponente Igreja Matriz de Biguaçu, a Paróquia São João Evangelista, que foi criada em 21 de dezembro de 1941.

A Matriz de Biguaçu é o local Sagrado para as pessoas católicas do município, e onde se realizam todas as

cerimônias religiosas, ea fé das pessoas se manifesta na evocação, ou seja, no encontro com Deus. A energia contagiante da Igreja promove uma grande paz espiritual, e o amor Divino flui, abençoando e iluminando a todos que se propõem a encontrá-lo.

O encontro com Deus é o mais puro encanto que pode existir na vida de quem o procura, pois, seu amor é incondicional para com todos os seus filhos. E esse encontro pode acontecer no dia-a-dia, desde o momento em que se abrem as portas da Igreja até a hora de fechar. É realmente um momento Sagrado e único para cada pessoa.

No encontro íntimo com Deus pai, filho e Espírito Santo, bem como, Nossa Senhora a Mãe de Jesus, ou com os Santos intercessores, todas as emoções podem ser manifestadas, desde nos mais variados pedidos aos agradecimentos pelas graças alcançadas.

As pessoas vão à Igreja carregadas de sentimentos e emoções que são expostas ao Senhor, para que ele lhes conceda as bênçãos tão almejadas. Seja no pedir a cura de alguma enfermidade, no perdão dos pecados ou perdoar alguém, enfim, são milhares de solicitações por meio de oração e a esperança sempre é renovada.

Os encontros acontecem em vários momentos durante a vida toda, a partir do próprio nascimento ou de outros, por meio dos batizados, e toda a sequência de eventos religiosos, como na primeira eucaristia, na crisma, durante as missas, nas procissões, nas formaturas, os casamentos, as missas de despedida em função de falecimentos, e assim, sucessivamente muitos eventos vão constantemente acontecendo.

A Igreja Matriz de Biguaçu tem uma energia envolvente, é cercada por Anjos e Santos que protegem,

amparam e intercedem pelas pessoas de fé. Eas realizações dos sonhos e objetivos se concretizam por meio dos resultados positivos, que são os milagres que acontecem para as pessoas.



Normalmente as pessoas gostam de eleger um intercessor, um protetor ou até mais de um, e depositar a seus cuidados a sua vida, a sua família, o seu trabalho e objetivos. E aguardar resposta positiva com muita esperança e alegria é o ideal. Mas, o sucesso do processo em espera só ocorre quando a manifestação do pensamento,

da ação ou do sentimento é movida pela crença de que vai dar certo, de que vai ser abençoada com a graça solicitada. Essa certeza é a fé na ação do Poder Divino. Já a dúvida, o medo e a ansiedade, podem dificultar a realização dos sonhos almejados.

A literatura é vasta em conteúdos com orientações para seguir o melhor caminho, etambém com mais qualidade na vida religiosa. Por isso, o encontro com os livros religiosos também é de grande importância, pois o conhecimento permite uma maior compreensão dos ensinamentos de Deus, de si mesmo e das outras pessoas.

Na página 13 da Bíblia Sagrada, consta:

“XI – A Sagrada Escritura na Igreja”. “A Constituição da Divina Revelação do Vaticano II, no número 21, diz que a Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como o próprio Corpo do Senhor; que sempre as considerou e que continua a considerar, com a Sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; e por último chama-lhe a fonte pura e perene da vida espiritual”...

No encontro com Deus ou por intermédio de seus intercessores, ou ainda, por meio das leituras sagradas e de autoajuda, o encanto é a energia iluminada que o ser humano emana pela força da fé, e que eleva a alma. As bênçãos solicitadas, por meio das orações pessoais, profissionais e sociais, se estendem para familiares e amigos, pessoas doentes, necessitadas, enfim para que todos os seres humanos tenham saúde, paz espiritual prosperidade e promovam a paz entre todos.

Janice Marés Volpato
jamarv@gmail.com

Síntese Biográfica de Janice Marés Volpato

Janice nasceu em Mafra SC. Filha de Jayme Marés e Marianna

Wisowata Marés, ambos falecidos. É casada com Pacelli Volpato e mãe dos gêmeos Laércio Marés Volpato e Leonardo Marés Volpato, que é casado com Marina dos Santos Souza e são os pais de Júlia de Souza Volpato.

É Graduada em Biblioteconomia e Pós Graduada, com Especialização em “Metodologias do Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco”, pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

É Membro da Academia de Letras de Biguaçu, da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, da Associação dos Escritores da Região da Grande Florianópolis e Membro da Academia de Letras do Brasil de SC. É Artista plástica, escritora e Parapsicóloga Clínica do Sistema Grisa. Participou da fundação do Instituto de Parapsicologia e Potencial Psíquico – IPAPPI, a convite de Pedro Antonio Grisa que foi o mentor e fundador e Áurea Volpato Parapsicóloga Clínica e pesquisadora. Janice idealizou o Curso de Parapsicologia Sistema Grisa para Crianças e Adolescentes em 1995.

Escreveu o Artigo Científico em co-autoria com Araci de Fátima Bernardes. “Biblioteca Pública Professora Alice Maria Roque no município de Governador Celso Ramos - Santa Catarina”: Relato de Experiência. In Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 10(2) 221-229, Associação Catarinense de Bibliotecários. Escreveu para os Jornais: “Fique Esperto” de São José e, “A CIDADE” de Governador Celso Ramos - SC. Tem participação em várias Antologias das Academias de Letras da qual é Membro.

É bibliotecária voluntária, nas Bibliotecas das Academias de Letras de Biguaçu e de Gov. Celso Ramos. E colaboradora na Gráfica e Editora “Despertando Talentos” - SJ. SC.

Na área da Parapsicologia ministra cursos e palestras e atende no Instituto Padre Alceoni Berkembrock - IPE - SJ. SC.

Cadeiran° 10 – Patrona Alaíde Sardá de Amorim

Alaíde nasceu em Biguaçu – SC, dia 14 de março de 1909. Em 1927 formou-se no Curso Normal no Colégio Coração de Jesus e também em Contabilidade. Exerceu o magistério por mais de 30 anos, educando várias gerações. Publicou o livro “Turismo a dois” um relato de viagens pelo Brasil. Edição Particular.

Foi Presidente da Associação Catarinense de Professores e Presidente da casa da Amizade, das esposas dos Rotarianos do Estreito - Florianópolis – SC. Foi classificada em 2º lugar no concurso “Saúde de Ouro na Idade de Ouro”, com o soneto “Envelhecer”. Colaborou na Antologia Vozes Catarinenses. Colaborou na 1ª Antologia Poética da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC. Colaborou em torno de umas 40 Antologias. Foi Sócia atuante da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC e Membro da Academia de Letras “São João Evangelista da Barra de Biguaçu”, onde ocupou a cadeira de n.31.

No ano de 2013 foi homenageada pelas amigas, Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela) e Osmarina Maria de Souza (Luzmarina) com o livro intitulado “Alaíde a

Imortal”, do qual tive a honra de participar com elas na organização do mesmo e nas considerações finais, justamente por ela ser minha Patrona na Cadeira de nº 10 da Academia de letras de Biguaçu. As informações sobre Alaíde foram obtidas por meio de colaboração das Fundadoras da Academia: Dalvina de Jesus Siqueira e Osmarina Maria de Souza.

Referência

BÍBLIA SAGRADA. *“Edição da Palavra Viva” Traduzida das línguas originais pelos Missionários Capuchinhos*, Lisboa, 1971-72.

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA

Cadeira nº 11



OUTROS DETALHES... Ganxos, outono de 2019.

“Nós nos lembramos do que nos emociona porque há falas próprias de cada lugar.¹⁷”. Foi o que eu disse,

17 BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo:** circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganxos/SC. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Palhoça. 2018. p. 146.

e não o que quis dizer, quando considerei pôr um ponto final em um grande bastidor que me conduziu pelo crivo de uma prática artesanal, na/da antiga Ganxos¹⁸, para compreender como adentramos à linguagem. “Se a reflexão é pura e fria, se a reflexão deixa de inquietar, e se está ausente o lugar de debate, de emoção, também de opressão e resistência, então, de que valem as narrativas?¹⁹” É poca rara para narradores e narrativas. Walter Benjamin²⁰ alertava em 1936, que: “[...] a arte de narrar está em vias de extinção.”²¹. Narra quem vê com olhos outros. Narra quem fala, com as mãos, em movimento.

Narra quem faz escutas diversas, nunca o/no mesmo lugar. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.”²².

18 A nomeação “Ganxos”, com x e não com o dígrafo *ch* tem apoio ao mapa português datado de 1776, cartografado pelo geógrafo, arquiteto e militar português José Custódio de Sá e Faria (1710-1795). FÁRIA, José Custódio de Sá e. [Mapa da Ilha de Santa Catarina, com o canal e a terra firme]. [S.l.: s.n.], [1777]. 1 mapa ms, desenho a nanquim, 31,5 x 39,3 em fl. 49 x 68,5. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart512350.htm>. Acesso em: 2 dez. 2017.

19 BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**. p. 146.

20 Walter Benedix Schönflies Benjamin (Berlim, 15/07/1892 - Portbou, 27/09/1940) ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

21 BENJAMIN, Walter. **O narrador**: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas - Vol. 1. 3. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense: São Paulo, [1936], 1987. p. 197.

22 BENJAMIN, Walter. **O narrador**. p.198.



Os pescadores, as criveiras, as benzedeiras nar-
ram, contam suas estórias por meio de quadrinhas,
versos e ensinamentos ancestrais. Foucault supôs, sem
muita certeza que: “[...] não há sociedade onde não exis-
tam narrativas maiores que se contam, se repetem e se
fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de
discursos que se narram, conforme circunstâncias bem
determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam,
porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou
uma riqueza.”²³. Narra quem se deixa invadir por algo

23 FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. p.22.

que acha estar olhando, quando se é olhado de volta²⁴. Benjamin estava correto ao dizer que: “[...] o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.”²⁵, no entanto, há coisas que estão conosco, fruto de nossas experiências, e que não se transmite porque: “[...] O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Ipso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir²⁶. Engolidos pela pós-modernidade²⁷ que faz emudecer os narradores e as narrativas, o que está em extinção mesmo é a sabedoria com o empobrecimento da vida psíquica. Todavia, um pingo de esperança renasce quando recorro, em Guimarães Rosa, que: “A abelha é que é filha do mel.”²⁸.

α

Do cancionero popular, das ilhas de brumas, que compõem o fascinante Arquipélago dos Açores, há dois versos de uma canção interpretada pelo grupo musical Tributo de São Jorge que remetem às memórias do período da caça/captura baleeira O terceiro verso diz que: “*Num vai e vem de mergulhos/Anda a baleia cansada,/Trancada e cheia de furos/Está feita a nossa*

24 DIDI-HUBERMANN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 3A, 1998.

25 BENJAMIN, Walter. **O narrador**. p.207.

26 ROSA, João Guimarães. **Entremeio**: com o vaqueiro Mariano. In: *Estas estórias*. 6. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, [1969], 2013. p. 63.

27 A expressão *pós-moderno* com base em: LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

28 ROSA, João Guimarães. **Tresaventura**. In: *Tutaméia*. 4. ed. José Olympio: São Paulo, 1976. p. 176.

caçada.”. O quarto e último verso menciona: “Ao longe vê-se a igreja/Nesta noite de luar./No reino do céu esteja/Quem nos protege no mar.”. Embora a captura da baleia tenha ocorrido um século depois nos Açores em relação ao que já ocorria na Armação da Piedade, em Santa Catarina, os costumes ilhéus ainda estão muito marcados em cada lado do Atlântico. Nós brasileiros: “[...] a imagem rebelde sem semelhança interna.”²⁹, dos europeus. Primos dos açorianos distantes, no que eles diziam ser o Brasil a terra “dos esquecidos”. Nós *gancheiros*³⁰ que concomitante as influências indígenas³¹ e africanas³², muito presentes, recebemos formação sócio histórica em que os costumes açorianos se sobressaíram em Ganxos. Com base na Análise de Discurso Francesa conforme proposta por Michel Pêcheux, eu trouxe para o âmbito dessa ciência a noção de *formação discursiva açoriana gancheira*³³. Nos costumes gancheiros a cantiga aqui manifesta reúne elementos ancestrais. São traços marcantes dos povos ilhéus narrando a angústia da caçada, também à espera dos familiares no cais e a dor que envolve o caçador do “*boi do mar*”. O baleeiro, ao

29 Para mais bem entender essa diferença, ler: ORLANDI, Eni. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008. p.25.

30 Gentílico de quem nasce ou mora em Governador Celso Ramos.

31 O mapa do padre Tarcísio Marchiori, em 2000, verifica que Governador Celso Ramos era denominada “Reritiba”, ostreiro, ou “Piracoara”, local da pesca do bom peixe. O termo “Reritiba” ou “Riritiba”, consta nos apontamentos da escritora e jornalista Rosana Bond. Mais detalhes em: BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do império inca**. Rio de Janeiro: Coedita, 2004.

32 Verificar: Mamigonian, Beatriz Gallotti, VIDAL, Joseane Zimmermann (org.). **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC: Florianópolis, 2013.

33 BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**. p. 95.

mesmo tempo, sangra com o animal e se vê desamparado numa atividade obrigatória sob a ditadura da fome e a/da imposição política. Açores e Armação da Piedade: paragens e épocas distintas, dilemas semelhantes. A embarcação que o vento a vela intumesce, em mar bravo, não olvida a proteção da Virgem, seja lá em que lugar esteja, intercedendo pela saudade, em cada partida e retorno. Tal canção da Ilha de São Jorge, nos Açores, donde minha antepassada, Izabel do Espírito Santo, nascida na Freguesia de São Mateus da Ribeira Seca, na Vila da Calheta, deixou, em 1750, as belíssimas Fa-jãs/Falésias de rochas negras que avançam lentamente sobre o mar diante da Montanha do Pico para, em Santa Catarina, na Freguesia de São José da Terra Firme, escolher por companheiro Joze Luiz de Sousa Soares.



Da elevação que a circunda a comunidade é diminuta. Há poucas casas em ruelas estreitas que encontram o mar. Entre a Ponta do Mata-mata e o Morro do Tinguá há majestosas construções. Um recanto das marés? Ao Sul/Sudoeste, a capela consagrada a Virgem da Piedade é monumento arquitetônico que preserva a memória imbricada nas manifestações socioculturais desde o século XVII. Diante do mar, a igreja e o antigo cruzeiro divisam a Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, distante poucas léguas. As embarcações repousam no rebojo, lembrando a herança cosmopolita que a Armação guarda desde os tempos em que veleiros da Europa transportavam pipas de azeite e gordura extraídos dos gigantes cachalotes e francas. Estamos cá, à porta da capela...

Há no interior da capela consagrada a Nossa Senhora da Piedade, na antiga Freguesia da Armação da Piedade, pequeno quadro que passa despercebido a quem ali reza o credo católico, semanalmente, nas missas e cultos ecumênicos, e nada significa aqueles que ignoram a existência de um pitoresco lugar, entre o mar e a montanha, no que hodiernamente é a periferia da antiga *Ganxos*, e que representou importante empreendimento mercantil do Brasil Meridional no século XVIII³⁴. Do alto dos céus, em seu manto azul, a Virgem Maria

34 Entre os anos de 1740 e 1742 instalações são construídas na Armação da Piedade ou Armação Grande das Baleias, numa área de 5.327 m². A maior e a mais importante armação do do Sul do Brasil, e a segunda do Brasil Colônia. Os primeiros habitantes são vicentistas, cananeenses e africanos que se somam aos indígenas. Os açorianos chegarão em 1750. BRENUNVIDA, William Wollinger. **GANCHOS/SC: a mudança na denominação do município e o reflexo sobre a memória e o patrimônio histórico**. In: ALVES, Joi Cletison (org.). **Colóquio NEA 30 anos de história: preservando a herança cultural açoriana em Santa Catarina**. Ed. Da UFSC: Florianópolis, 2015.

acolhe nos braços o filho. As vestes rasgadas, o corpo chagado, a inclinação da cabeça em direção ao olhar da mãe piedosa. Um Jesus lívido e macilento dá as costas ao lenho quase vazio, não fosse por um detalhe: no superior da cruz, a túnica alva, em bom estado. Morre o homem, nasce o mito.

A única parte daquele quadro, um *ex-voto suscepto*, o chamado “voto realizado”, herança pagã e cristã que remonta ao século IV, é inundada por um traço de luz que não preenche completamente. A imagem maternal acolhendo Jesus, arraigada naquela comunidade, ganha prestígio de padroeira. Maria é a mãe bondosa e piedosa, que acolhe a todos, a Mãe das Dores, justificando a ela o título de Nossa Senhora da Bonança ou da Piedade: uma *pietà*. A *pietà* mais conhecida entre nós é aquela esculpida por Michelangelo Buonarotti, artista toscano, em 1499, e exposta na Basílica de São Pedro, em Roma. Benjamin afirmou: “O que era mais comum (...) era unicidade da obra ou, em outras palavras, sua aura”³⁵. A aura é aquilo que representa a existência única da peça. A *pietà* de Michelangelo é única. De qualquer modo, a *pietà* gancheira, peça ornada em madeira que guarda o altar-mor da capela da Piedade, benta em 18 de novembro de 1745, é genuína cópia da *pietà* de Michelangelo, mais simples, embora de rara beleza. Cópia, não simulacro³⁶. Por guardar semelhanças, a imagem de Nossa Senhora da Piedade serviu de inspiração ao *ex-voto suscepto*.

35 BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: GRÜNNEWALD, José Lino. *A ideia do cinema*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, [1936], 1996.

36 ORLANDI, Eni. **Terra à vista**. p. 25.



No altar-mor, em posição genuflexa, e com a cabeça levemente voltada para a esquerda e para baixo, a figura feminina possui a carnação da face esbranquiçada. Seus olhos de vidro, a boca fechada, lamenta a morte do filho nos braços³⁷. Retomando Benjamin, nós entendemos que a inserção da obra de arte, no contexto de uma tradição sempre exprimiu um culto. “As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram à serviço de um ritual,

37 BRENUVIDA, William Wollinger. **Igreja de Nossa Senhora da Piedade: fé e historicidade.** In: O paraíso é aqui!. Revista A Cidade. Cristiane Toschi, editora. Ano 01, N. 1. Verão 2017/2018.

inicialmente mágico, e depois religioso.”³⁸. Quantos navegadores morreram no mar bravio, para além das Ilhas do Arvoredo e das Galés, em busca de gigantes cachalotes e francas? Quando a caça/captura baleeira fracassa na Armação da Piedade e parte da população da Armação se reduz tornando possível o povoamento de Ganchos, o que ocorre a partir da primeira metade dos anos 1800, a padroeira gancheira muda. A partir de 1818 são introduzidos, na região, colonos provenientes da Vila lisboeta da Ericeira. Ganchos recebe colonos ericeirenses, e também descendentes de açorianos³⁹ que já estavam na região, esparsamente, desde 1748, em freguesias na Ilha de Santa Catarina, notadamente em Nossa Senhora do Desterro⁴⁰, Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Lagoa (Lagoa da Conceição)⁴¹, Nossa Senhora das Ne-

38 BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. p.3.

39 Em 1824, a população de Ganchos era de 31 habitantes; em 1856, esse número é de 44 habitantes. Somente em 1881 esse número é de 85 habitantes; quando em 1883, 208 habitantes. Já o número de habitantes na Armação da Piedade era 148 habitantes, em 1824, reduz para 6 habitantes, em 1856, retomando para 42 habitantes, em 1883. Célia Maria e Silva: SILVA, Célia Maria e. **Ganchos/SC: ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992, a partir dos livros de “Registros do Vigário de São Miguel”, números 41, 50, 54 e 57, que estão nos arquivos da Cúria Metropolitana de Florianópolis, que consultamos a partir de 2008.

40 Minha antepassada de 7 gerações, Maria Josefa dos Nascimento, viúva de Antonio Homem Alvares, faleceu aos 7/2/1800, em Nossa Senhora do Desterro. Sepultada no interior da Catedral Metropolitana de Florianópolis, ela nasceu em 1734, em São Sebastião, hoje Freguesia da Ribeirinha, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores. Migrou ao Brasil em 1748.

41 Meu antepassado João Simão Alves/Alvares, nascido aos 17/2/1811 e falecido em 1864, nasceu na Lagoa da Conceição, filho de Simão Alvares e Ana Ignácia Constantina. Foi morador da Vila de São Miguel da Terra Firme, da Freguesia da Armação da Piedade, do Arraial de Ganchos.

cessidades (Santo Antônio de Lisboa) e São Francisco de Paula das Canasvieiras⁴², bem como em São Miguel da Terra Firme, São José da Terra Firme e na Enseada de Brito, e alguns espanhóis⁴³. Apesar de Ganhos possuir pequena armação baleeira, as águas da Baía de Tijucas e para além da Ponta de Ganhos nas imediações da Ilha de Ganhos (Grande)⁴⁴ eram calmas, permitindo navegação mais segura aos pescadores e arpoadores de baleias. Com as técnicas de construção naval e de pesca mais aperfeiçoadas, bem como casamentos entre os dois lados da Baía de Tijucas ampliando os laços culturais, Ganhos, apesar das dificuldades do isolamento e baixa produtividade do solo, passa a ter elementos econômicos que sustentam a povoação que cresce: a pesca, a extração de madeiras e a produção de farinha de mandioca.

A padroeira deixa de ser uma virgem dolorosa para ser a virgem triunfante. Caberá a Nossa Senhora dos Navegantes a proteção do homem do mar e da povoação a partir de 1883. Do alto do Morro do Pinheiro

42 Minha antepassada Julia Euphrosina de Oliveira, nascida em 17.4.1856, descendente de açorianos provenientes das Ilhas do Fayal, do Pico e de São Jorge casada com Cândido Simão Alves, nascido em 1º de fevereiro de 1848 descendente de açorianos das Ilhas de São Miguel, Terceira e Graciosa instalados na Freguesia da Lagoa da Conceição, Julia e Cândido eram moradores de Ganhos em 1875, quando se casaram em 11/12/1875, em Canasvieiras.

43 A família Sagaz/Sagás, estabelecida em Ganhos do Meio, são provenientes de Madri, na Espanha, conforme registro eclesiástico. Em 1790, esse sobrenome estava em São Miguel da Terra Firme.

44 A armação baleeira de Ganhos era de propriedade de Antonio Mâncio da Costa e Joaquim Fernandes Capela. A captura ocorria entre julho e outubro, concomitante a exploração madeireira, entre 1870 e 1874. Sobre o tema: BOITEUX, Lucas Alexandre. **A pesca da baleia**. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: Typ. da Escola dos Artífices, v. III, 1914.

que divide Ganchos do Meio e Calheiros, a antiga capela que a princípio tinha contornos lusitanos recebe modificações a partir da primeira metade do século XX. Em procissão, nas festividades do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora dos Navegantes⁴⁵, a padroeira abençoava o trabalho coletivo da comunidade que escalava e salgava o peixe, para depois vendê-lo em portos ao longo do litoral catarinense.

Estas questões levantadas não apenas desmontam a ingênua explicação daqueles que alegam que o uso das imagens em templos representam sacrilégio, como também questiona o uso de uma imagem para fim político. Ao consagrar a *pietà* gancheira como a padroeira da mais importante Armação do Brasil Meridional, a imagem de uma respeitável santa europeia é reproduzida, e com ela sua aura. No campo político, a Coroa Portuguesa consolidava um sistema patriarcal burocrático já instituído no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais, que anulava a participação social protegendo os interesses do maior parceiro econômico de Portugal desde os tempos das Cruzadas: a Inglaterra (1147)⁴⁶.

A Coroa Portuguesa instituiu no Brasil uma classe dominante empresarial-burocrático-eclesiástica, e que ainda hoje funciona, senão pela influência do clero católico, mas certamente por outras denominações religiosas cristãs que espertamente copiaram o modelo, tornando-o mais eficiente esse sistema lucrativo das empresas escri-

45 A capela foi demolida em 1980 para dar lugar a nova Matriz. Para mais detalhes deste tema consultar: MELO, Adauto Jorceli. **Da igreja católica do Arraial de Nossa Senhora dos Navegantes dos Ganchos à Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes: um histórico da organização paroquial em Ganchos do Meio – fins do século XIX ao século XX.** Governador Celso Ramos, 2002.

46 BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo.** p. 43.

vistas coloniais. A “[...] prosperidade secular dos ricos, fazendo do Brasil, um alto negócio.”⁴⁷. Na Armação da Piedade não era diferente. Enquanto a Igreja controlava a população, mercenários contratados pela Coroa Portuguesa resguardavam a segurança do negócio lucrativo do azeite/óleo da baleia⁴⁸ e da escravatura de africanos, enriquecendo os contratadores a serviço dos comerciantes ingleses.⁴⁹

A Virgem da Piedade era a escolhida dos baleeiros; a Virgem dos Navegantes, dos pescadores. Ambos os períodos encontram momentos de pujança e fracasso, mas um se sobressai. Esse evento explica a mudança não na denominação da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, desmembrada da Freguesia de São Miguel da Terra Firme, em 1859, e o deslocamento para o Arraial de Ganchos⁵⁰. Compreendemos que a escultura em madeira consagrada a Nossa Senhora da Piedade traz, pela via da *historicidade*⁵¹, fatos que não inscritos na história oficial revelam a narrativa que faz valer a instalação de uma das vilas mais antigas do Sul do Brasil. Tal narrativa atravessa a descrição do *ex-voto suscepto*.

Confeccionado em madeira, o *ex-voto suscepto* narra a história dos arpoadores Antonio Cardoso e Augusto

47 RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia de Bolso: São Paulo, [1995], 2008. p.161.

48 A primeira greve geral do Brasil Meridional tem lugar na Armação da Piedade, em 30/7/1784, primeira indústria do Sul do Brasil, exportava o óleo para Boston, Lisboa, Londres, também Nova Iorque e Rio de Janeiro. Mais detalhes em: BOITEUX, Lucas Alexandre. **A pesca da baleia**. 1914.

49 Para mais detalhes: SILVA, Célia Maria e. **Ganchos/SC**.

50 Resolução 468, de 18/4/1859, Governo da Província de Santa Catarina, sob João José Coutinho.

51 Para entender o uso de tal termo, consultar: BRENUVIDA, William Wollinger. **Para além do crivo**.

Francisco de Oliveira, naufragos em 1765⁵². Duas pequenas embarcações cercam um enorme cachalote⁵³. A técnica para se capturar esses animais gigantes era simples, mas arriscada. Diferente dos americanos que caçavam baleias com navios maiores levando pequenos botes de cerco próximos aos cachalotes, na Armação da Piedade a remada da enseada da Armação para fora dos limites das ilhas do Arvoredo e das Galés era realizado sem qualquer tipo de apoio de outras embarcações maiores. Uma lancha baleeira era bem diferente de uma baleeira dos dias de hoje. Um pano ou vela triangular compensava, muitas vezes, o deslocamento da lancha, mas é inegável que o conjunto de grandes remos possibilitassem mais estabilidade à embarcação. Após avistarem o cachalote fêmea acompanhado de um filhote, a técnica consistia em arpoar/lançar a fateixa/gancho/arpão contra o filhote. Em desespero a mãe tentava socorrer a cria, quando outras embarcações arpoava a grande fêmea. Os machos dificilmente socorriam a fêmea e o filhote porque nesse tipo de espécie os machos formavam a defesa em uma posição mais avançada no mar. O instinto era impedir

52 “M^o que, fez N.S. da Piedade no Timoneiro Ant. Cardoso e a Augusto Frans de Oliveira que saindo ao mar em lancha de pesca deste anno de 1765. Tendo justamente uma Baleia ao mar de outra q. lhe deu com tão grande pancada na lancha q a quebrou lançando ao mar todos os que estavam nella os quais nadando seis horas em cima d’água sem esperanças de savação chamaram pela padroeira a N.S. que lhe foi servidos depressa lhe accudiu a laneira de q: não tinham esperanças algumas ela salvou toda gente menos d: uma preta q: já tinha morrido afogada.”

53 O óleo/azeite/espermacete era um líquido viscoso extraído do crânio do cachalote ou cacharréu (*Physeter catodon*/*Physeter macrocephalus*, Lineu 1758). A espécie já atingiu 28 metros de comprimento e 150 toneladas, e atualmente não passa de 15 metros e 57 toneladas. Vivendo até os 70 anos, é a única criatura a mergulhar mais que 2 mil metros. Foram mortos na Armação mais de 3 mil indivíduos.

que orcas e tubarões atacassem os filhotes, e os cachalotes, presas fáceis aos arpoadores de baleias, dificilmente enxergavam nas embarcações um perigo real e imediato⁵⁴. As embarcações gancheiras eram diferentes dos botes bojudos americanos. Eram longas e estreitas, feitas a partir de técnicas aprendidas com os indígenas⁵⁵ que já caçavam tubarões e raias há mais de 1000 anos no litoral catarinense⁵⁶.

As embarcações feitas do tronco único do Garapuvu ou da Figueira tinham entre 10 e 12 metros de comprimento exigindo remadores experientes e fortes, geralmente os escravos africanos auxiliavam nesse processo. Daí deriva o nome Ganxos/Ganchos, o uso do dígrafo *ch* que vai constar em mapas e publicações como aquela do mineralista inglês John Mawe, em 1808, e no mapa de Paulo Joze Miguel de Brito, em 1816⁵⁷. O termo *ganxeiro/gancheiro* deriva do arpoador da baleia, daquele que

54 Verificar: ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil colonial**. Edições Melhoramentos/ USP, 1969.

55 Os indígenas ocuparam o litoral centro-leste catarinense há mais de 5 mil anos, sucedidos pelos ceramistas *itararé*. Datações em sambaquis revelam presença humana há mais de 4 mil anos. Três séculos antes da ocupação ibérica no Brasil Meridional eram predominantes os Guarani. Mais detalhes: COMERLATO, Fabiana. **Dossiê – Sambaqui – Ponta das Almas**. Ilha de Santa Catarina, 2002.

56 BRENUVIDA, W.W; MARTINS, T.M.; TOMAZI, A (org.). **A importância dos elasmobrânquios para a qualidade dos ecossistemas marinhos a partir do conhecimento local**. Comitê Tijucas Biguaçu/3 de maio: Blumenau, 2018.

57 O mapa e o primeiro ensaio de Paulo José Miguel de Brito são de 1816, mas a “Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina”, só é publicada em 1829. Num esforço em preservar essa memória, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) republicou a obra, em agosto de 2008. A referência para consulta é: BRITO, Paulo Joze Miguel de. **Memória política sobre a capitania de Santa Catarina**. Florianópolis: IHGSC, [1816], 2008.

manuseava a fateixa/arpão/ganxo/gancho para arpoar a baleia. A fateixa também servia para *enganchar* a embarcação no cais do porto, atracando as embarcações em grandes argolas de bronze e ferro⁵⁸.

O nome Ganchos não deriva da formação das baías em meias-luas, ou de ganchos de madeira para se carregar pequenas trouxas de roupas e alimentos. A explicação simplória reduz a importância de um entreposto comercial que no passado concentrou decisões políticas.

É lembrar que o Brigadeiro José da Silva Paes, primeiro gancheiro ilustre, executou as principais ordens de comando a partir da Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim. Assim, o que é hoje Governador Celso Ramos, a antiga Ganxos/Ganchos, pode ser considerada a primeira sede da Capitania de Santa Catarina, desmembrada da Capitania de São Vicente em 1739, tomando por base que uma lei, decreto ou ofício despachado por um ordenança do rei era uma espécie de totem, extensão do poder soberano, fazendo valer como regra, *erga omnes*, a todos súditos e viajantes.

Ω

58 O inventário de 1816, da Armação da Lagoinha (Lagoinha do Leste), em Florianópolis, menciona que o escravo Felipe, oriundo de Mina, na África, tinha por ofício “Gancheiro”. Em 1816, Felipe com 80 anos de idade, era avaliado em 8\$000. Há muitos remeiros listados, mas no mesmo inventário menciona que: Salvador proveniente de Mina, em 1816, cego, com 66 anos de idade, “Gancheiro”, sem avaliação monetária. Esse inventário dá conta que a Armação da Lagoinha contou com escravos e ex-escravos africanos da Armação da Piedade, com 46 escravos. Para mais detalhes: Mamigonian, Beatriz Gallotti, VIDAL, Joseane Zimmermann (org.). **História diversa.**

Síntese Biográfica de William Wollinger Brenuvida

WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA, *1979. Jornalista. Doutorando e Mestre em Ciência da Linguagem. É especialista em Direito Processual Penal, graduado em Comunicação Social – jornalismo e bacharel em Direito. Escreveu diversos trabalhos científicos e literários, contribuindo com jornais regionais, entre os quais “7 contos da resistência”. Premiado em concursos de prosa e poesia, é pesquisador com assento no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), no Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC) e na Casa dos Açores de Santa Catarina. Compôs a delegação catarinense na Conferência Nacional da Cultura em Brasília-DF (2005), e os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, com a fundação do Coletivo Catarinense: Memória, Verdade e Justiça. acangatu@gmail.com – ganhos.mar@gmail.com

Cadeira nº 11 – Patrono Juvêncio Araújo Figueiredo

Poeta, jornalista e promotor público catarinense (N. S. do Desterro, 27.9.1865 – Florianópolis, 6.4.1927). Tipógrafo, passando posteriormente a colaborar em vários jornais do país, viveu alguns anos no Rio de Janeiro. Importante poeta foi contemporâneo (e amigo) de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, grupo de beletristas. Da volumosa obra, se destacam: “Madrigais” (1888), “Ascetério” (1904) e “Praias de Minha Terra” (1927) e “Novenas de maio”. Fez parte da Academia Catarinense de Letras (cadeira

17). Militante do Partido Liberal, foi promotor público, secretário da Municipalidade em São José, e secretário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Mèdium, conselheiro e divulgador da doutrina e da literatura espírita. Há uma rua em São Paulo com seu nome, e em Florianópolis.



ANGELA REGINA HEIZEN AMIN HELOU

Cadeira nº 12



Escrever sobre os encantos e encontros de Biguaçu não é tarefa fácil. O lugarejo que surgiu em 1748 quando imigrantes portugueses vindos do Arquipélago dos Açores foram assentados no local denominado de São Miguel da Terra Firme – o atual Balneário de São Miguel, a Cidade é cercada de histórias.

Para começar pelo nome: não há consenso sobre sua origem. De início, o entendimento era de queo nome-Biguaçu, que em tupi-guarani significa literalmente: “o biguá grande” viria de um pássaro. Acontece que o Padre Raulino Reitz argumentou que “Biguaçu” não é “Biguá

Grande” porque essa é uma ave que não existe. Para ele o que existe é uma árvore que o povo conhece pelo nome de “Baguaçu” que muitas pessoas chamam de “Biguaçu”. Entretanto, o Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, especialista em línguas indígenas, atesta que o nome deriva de Cerca Grande. A falta de consenso em torno da origem do nome da Cidade, já denota a primeira dificuldade a qual me referia.

Afora isso, essa freguesia, mais tarde elevada a categoria de Vila, foi formada por monumentos que hoje fazem parte do conjunto arquitetônico de São Miguel da Terra Firme tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, como a Igreja de São Miguel Arcanjo, o sobrado que hoje abriga o Museu Etnográfico Casa dos Açores e o Aqueduto. Desse período, restam registros históricos quanto ao importante papel que a freguesia desempenhou, sediando o Governo da Província, quando a Ilha de Santa Catarina foi tomada pelos espanhóis no ano de 1777.

Esse vilarejo, que surgiu em torno da Igreja Matriz e ao longo da foz do rio Biguaçu na primeira metade dos anos 1900, cresceu vertiginosamente a partir dos anos 80. A vida mudou radicalmente em Biguaçu. Pela tradição oral, se contam histórias de como era possível caçar tatu ou quando as galinhas faziam seus ninhos na praça central da cidade e a água era abastecida por pessoas que com um burrinho carregado, paravam de casa em casa para encher os baldes e panelões das donas de casa. Moradores mais antigos referem-se a uma Biguaçu antiga, pacata, com natureza presente, ligada à igreja e com bailes animados por tocadores de gaita.

Hoje, o Município situado apenas a 15 quilômetros do centro de Florianópolis vem crescendo e com-

pondoo conglomerado urbano já batizado de Grande Florianópolis. O índice de desenvolvimento é alto, a taxa de crescimento da população é maior do que a média nacional e a taxa de envelhecimento da população também cresceram bastante. Por esses dados, compreende-se que o Município vem fazendo sua lição de casa e proporcionando melhores condições de vida para a população.

Além de registros históricos e da importância do município para o Estado, Biguaçu é a casa de pessoas que escolheram viver e criar suas próprias histórias de vida. Histórias como a da família Coelho que se transformou em Ramos, dos saudosos Senador Nereu Ramos e Governador Celso Ramos. E histórias como a do menino Bernardo, que depois de 47 anos nasceu no Hospital Regional de Biguaçu que não registrava um nascimento desde o ano de 1972, ou ainda do lateral esquerdo André Santos que se criou na cidade, começou a jogar na escolinha Biguá e foi revelado no Figueirense, tendo passagens pelo Flamengo, Corinthians e Grêmio, no futebol internacional Arsenal e Fenerbahçe e ainda jogou na Seleção Brasileira de 2009 a 2013.

Por conta desse crescimento e de tantas histórias reais que podem ser contadas, mais do que nunca é importante manter vivas as tradições e as histórias da Cidade e a Academia tem um papel importante nisso tudo. Compartilhar e preservar a cultura de Biguaçu significa expressar a condição humana de todos que ali vivem. Na interação do dia a dia, são construídos os símbolos e significados que vão identificando as pessoas como pertencentes a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, forjando a identidade cultural que as caracteriza.

O propósito de focar as raízes de Biguaçu refere-se a questão da memória cultural da Cidade, não pretendendo esse pequeno arrazoado ser um trabalho arqueológico de escavar o “passado”, mas sim, de manter viva a história da construção ou da criação de sua cultura. Isso porque como afirma Pedroso (1999), “Um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação”.

Síntese Biográfica de Angela Amin

Angela Regina Heinzen Amin Helou nasceu em Indaial em 20.12.1953 . É formada em Matemática e Mestre em Engenharia de Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina .

Começou a vida profissional em 1973 como Secretária da ESAG/UDESC.

Desde 1976 integra os quadros da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – CODESC.

Iniciou suas atividades na pública em 1983 como Presidente da Fundação de Assistência Social do Estado . À época desenvolveu um projeto de assistência às crianças denominado PROCRIANÇA que repercutiu no Estado de Santa Catarina até hoje.

Em, foi candidata à Vereadora em 1988 e obteve a maior votação da história da Câmara de Vereadores de Florianópolis . (7.771 votos)

Em 1990 foi eleita Deputada Federal, a mais votada com 129.011 votos, e nessa oportunidade foi Relatora da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Eleita Prefeita de Florianópolis em 1996 foi reeleita em 2000 no primeiro turno com 57% dos votos válidos.

Nesse período foi considerada a melhor Prefeita das Capitais do Brasil, pelo Instituto Datafolha, por 5 períodos consecutivos .

Desenvolveu uma série de projetos estruturantes para a Cidade de Florianópolis e com eles ganhou prêmios de reconhecimento nacionais e internacionais. Destaca-se o Premio 100 melhores práticas do mundo conferido pela ONU ao Programa Capital Criança , voltado à redução da mortalidade infantil.

Foi eleita Deputada Federal por Santa Catarina em 2006 tendo novamente obtido a maior votação da história de Santa Catarina - 175.087 votos.

Na Câmara Federal foi Vice-Presidente da Comissão de Educação em 2007, Presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano em 2008.

Em 2009 atuou nas Comissões de Desenvolvimento Urbano e de Ciência e Tecnologia onde também atuou em 2010. Também em 2010 foi Coordenadora do Fórum Parlamentar Catarinense na Câmara Federal.

Atualmente Angela Amin cursa Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento na Universidade do Estado de Santa Catarina.

ANA CRISTINA LAVRATTI

Cadeira n° 13



**Pode um livro mudar uma vida?
Delimitar um destino?
Alavancar uma amizade?**

Ao receber no Brasil, traduzida do inglês para o alemão, a bíblia da biologia “A origem das espécies”, livro que projetou mundialmente as ideias revolucionárias de Charles Darwin sobre a “seleção natural”, Johann Friedrich Theodor Müller ganhou muito mais do que letras, folhas ou papel. O cientista ganhou asas. O sopro que faltava para aprofundar as pesquisas que, na contramão do previsível, culminaram com o próprio Darwin abastecido pelas descobertas do estudioso alemão, naturalizado

brasileiro, enraizado entre a exuberância da fauna e flora catarinenses.

Ainda que seu habitat fosse a mais fechada mata, era no escritório, entre letras, cartas e desenhos, que Fritz Müller assegurava seu passaporte para a história. Endereçadas a Darwin, as missivas sempre respondidas navegaram entre Brasil e Inglaterra estabelecendo um elo não apenas científico, mas também literário e de amizade entre os geniais pesquisadores do século XIX. Durante 17 anos, nem a impossibilidade de ler, pela fragilidade imposta pela doença, impediu Charles Darwin de nutrir este vínculo, desencadeado pela obra que corrobora sua obra. “Para Darwin”, escrito por Fritz Müller quando já vivia no Brasil, ganhou edições em alemão e inglês muito antes da tradução em português.

Nascido na Alemanha, em 1822, Fritz Müller teve a oportunidade de estudar ciências naturais, matemática e medicina em diferentes universidades antes de migrar para o Brasil. E assim como Darwin, apesar da incansável curiosidade e privilegiado alcance intelectual, abdicou do status da graduação em Medicina. Enquanto o inglês deixou o curso, disperso por outros interesses, o estudioso alemão chegou a concluí-lo, mas esbarrou no juramento requerido para a formatura. Descendente de pastores protestantes, tentou, sem êxito, excluir do texto os dizeres “Assim me ajudem Deus e o sacrossanto Evangelho”, assumindo a pena, pela perda do diploma.

Casado, com uma filha, Fritz Müller elegeu o Brasil para viver dois anos após a instalação da colônia que viria um dia a ser Blumenau. No reduto de alemães no Vale do Itajaí, conciliava o extenuante trabalho, na la-

voura, com as pesquisas que o tornariam conhecido como “O herói da ciência”, segundo o criador do termo Ecologia, Ernst Haeckel, e “Príncipe dos Observadores”, na visão de Charles Darwin. Além do espírito investigador, com foco nos seres vivos, suas relações entre si e interações com o meio ambiente, as trajetórias de Müller e Darwin também coincidiam em uma dor: a perda de três dos 10 filhos, tendo o único herdeiro homem de Fritz Müller falecido apenas um dia após o nascimento.

Para sustentar a numerosa família, o estudioso reconhecido como Doutor Honoris Causa por duas universidades da Alemanha, de Bonn e Tübingen, nem sempre pôde honrar suas vontades. Sem qualquer predileção pela rotina de docente, não apenas passou a trabalhar como professor, como ainda se viu forçado a viver em Florianópolis (então Desterro) e a naturalizar-se brasileiro, a fim de assumir a vaga disponível via concurso público. Como precursor da ecologia, Fritz Müller percebia, com igual sensibilidade, da devastação da natureza às sutilezas da sua beleza. Reunidos no livro “História natural de sonhos”, 12 poemas de sua autoria versam sobre as plantas e os animais, das formigas sob a terra às gaivotas que planam no céu.

Ao falecer em 1897, aos 75 anos, tendo vivido em Santa Catarina por 45 anos, o biólogo mais expressivo do Brasil no século XIX deixa um legado de lições para muito além do campo científico. Naturalista Viajante a serviço do Museu Nacional, compartilhava seus resultados, compilados em aproximadamente 250 artigos, com estudiosos do mundo afora, cultuando nas entrelinhas valores tão caros e necessários na selva competitiva em que vivemos hoje: o trabalho em equipe e o espírito de cooperação.

Quando beleza e Encanto se Encontram a nossos pés

*Diz a tutela do Encontro, que sempre existe
um chinelo velho a espera de um pé torto.*

*Dizem os contos de fadas que um sapatinho é
a guinada,
entre a vida borralheira, coberta com cinzas
da lareira,
e os dias de princesa. Quando a chama do
amor acesa
lembra o Encanto que emerge. Ela, agora, é
Cinderela.*

*Tomada pelas promessas que poetizam um
sapato.*

*Tomada pelas certezas de que existe par per-
feito, quando o calçado traduz meu jeito.*

*Quando zela pelos passos. Revela o meu pas-
sado, do calo ao solado gasto.*

*Ou se transmuta em passaporte, pra eu me
sentir mais forte.*

*Certo é que os calçados detêm este poder, de
ser freio ou trampolim.*

*conduzindo cada pisada até a melhor versão
de mim.*

Às vezes, devagar, no compasso da lógica.

*Ou não. Feito condão. Como um passe de má-
gica.*

*Assim... No afã de um Encontro, no métier de
jornalista, fui de Florianópolis a Biguaçu na sema-
na em que o Inverno arregaçava suas mangas. Mos-
trava a que veio.*

Alheia ao frio, à chuva, ao dia feio, descida apressada na rua informada.

Acácio Reitz, 223. Então era ali que a casa ficava?

Num canto, a máquina antiga. Couros e cores em outro canto. Em tudo, puro Encanto.

Fundada há 44 anos, de forma amadora e amorosa, a Michele Calçados Sob Medida denotava já no nome seu infalível destino: ser parte da família. Batizada em homenagem à primeira filha, Michele, que reinava no lar-doce-lar até o nascimento da Caroline e do Fernando, a sapataria caseira ficava, efetivamente, em casa. Mais especificamente, no apartamento de Albino Antonio Skowronski e Rita de Cácia de Freitas em União da Vitória, cidade do Paraná que compõe com a catarinense Porto União o circuito das “Gêmeas do Iguazu”. Mas mais do que demarcar o ponto de Encontro entre dois Estados, a região de rotina pacata e povo trabalhador permitiu a Albino conciliar o expediente como professor com a veia artesã que naturalmente herdou.

Desde pequeno, o passatempo nos pampas era acompanhar o pai, que curti as selas em couro no rústico celeiro de onde tirava o sustento. À medida que as caminhonetes foram substituindo os cavalos, o negócio foi remodelado para a produção de chinelos, com o garoto exibindo, já aos 10 anos, o primeiro “pé” feito com as próprias mãos.

Acostumado a multiplicar, ofertando tudo em par, o jovem Albino, de repente, se viu intimado a dividir. Interno no Seminário, ora cultuava a fé ora costurava o próximo pé, produzindo sandálias a pedido dos padres. Tendo largado o terço, era chegada a hora de aprimorar

um dom “do berço”. Assim como a irmã, freira, que viria a bordar a toalha exposta diante do Santo Papa João Paulo II em sua estada em Curitiba, e a irmã, estilista, que vestia as noivas mais exigentes da região, Albino Encontrou o seu destino: customizar calçados ao gosto do cliente.

Descendente de militares, com o pai, Osvaldo Euclides de Freitas, da Reserva do Exército, e o avô materno, João Marino Pereira, com carreira na Marinha, Rita de Cácia logo abraçou com disciplina a nova missão requerida. Deixar a casa sempre em ordem, apesar das demandas da filha pequena, para receber com carinho e profissionalismo a fiel clientela do casal. O Encanto provocado nas colegas professoras - pelo privilégio de escolher o tamanho, o modelo, a altura do salto e o tecido do sapato -, aos poucos impeliu Albino a deixar o Magistério, buscar um novo endereço e formalizar o seu negócio. Até que a natureza, implacável e soberba, obrigou Rita de Cácia a Encontrar suas origens.

Lá se vão 33 anos desde que Albino, Rita e os três filhos, Michele Cristina Skowronski Feubak, Caroline Freitas Skowronski Kirch e Fernando Luís de Freitas Skowronski pisaram em “tapete vermelho” na chegada a Biguaçu, calorosamente convidados a conhecer o Clube 17 de Maio e os costumes da terra que, até então, só exploravam no Verão, nas férias no Balneário São Miguel.

Quase tão antiga quanto o casarão, onde a tradição resiste imune às mudanças na região, é a parceria com Inácio Becker, funcionário que há 32 anos acompanha os altos e baixos de um negócio que, assim como a moda, sobe e desce do salto. Papel essencial teve também o irmão de Rita, Pedro, responsável por apresentá-los aos principais nomes da alta costura, nos Anos Dourados dos clubes sociais.

A exclusiva “alquimia”, capaz de transportar aos pés das noivas, das musas do Carnaval, das jovens debutantes, de senhoras elegantes, o tecido dos vestidos criados por Gesoni Pawlick, Érica Thiesen, Galdino Lenzi e muitos outros estilistas, nem sempre é movida a luxo e vaidade. Na maioria dos casos, a demanda vem casada com real necessidade. Clientes anãs, comumente confinadas à sessão infantil. Clientes muito altas, com poucas opções na sua numeração. Clientes com pés inchados, peles sensíveis, dedos amputados, compensações exigidas, quando uma perna é mais curta do que a outra, são só poucos exemplos de quando o problema Encontra a solução. Com o mesmo atendimento, feito com o coração. Destinado a Encantar, do chefe do executivo à corte do Carnaval.

Entre os clientes notórios da Michele Calçados está o governador Pedro Ivo Campos, que viria a falecer antes de concluir o seu mandato. Com os pés muito inchados, efeito colateral do tratamento contra o câncer, Pedro Ivo se viu impedido de trabalhar quando todos os seus sapatos deixaram de servir. Acionado em caráter de urgência, Albino foi escoltado até o Palácio, a fim de tirar as medidas e contemplar, em tempo recorde, o ex-deputado e ex-prefeito com um oportuno par perfeito. Do atendimento personalizado ao preço justo, das estampas disponíveis ao máximo conforto, das encomendas feitas a distância, pela internet, à medida tirada dentro do carro, auxiliando pessoas com locomoção limitada, Rita denota em cada gesto a mesma obstinação: colocar mais sonhos ao alcance da mão.

É assim com Fabiano Silveira, mestre do tango que exige num mesmo modelo o conforto da sapatilha e a elegância de um calçado social. É assim com o Rei Momo Hulk, que em decorrência do diabetes só peregrina de baile

em baile com um sapato fofinho e flexível. Seja com Arícia Silva, Musa da Vila Isabel na Marquês de Sapucaí, com Camilla Ventura, Rainha da Coloninha na passarela Nego Quirido, ou com Rosangela Grubba, que guarda há 25 anos suas botas artesanais como relíquias atemporais, o ritual de tirar as medidas, definir a estampa, fazer a modelagem, o corte, a costura, a montagem e a entrega, mantém com o filho Fernando a mesma tradição: cultivar o Encanto, quando o perfeito Encontro se revela a nossos pés.

Síntese Biográfica de Alexandre Mendonça

Ana Lavratti é graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, com Mestrado em Estudos da Tradução, também pela UFSC. Sócia do escritório Ana Lavratti Gestão da Comunicação, acumula experiência em jornal, televisão, assessoria de comunicação, produção literária e mídia digital online, revezando-se ao longo dos últimos 30 anos entre os principais grupos de comunicação de Santa Catarina. No campo literário, é autora de quatro livros e de 3 e-books, incluindo a biografia do Comendador da Comunicação Antunes Severo. Também contribuiu com a redação de capítulos e pesquisa de imagens em obras de grande vulto e assina 10 cases premiados no Prêmio ACIF Mulheres que Fazem a Diferença.

Cadeira nº 13 – Fritz Müller

Um homem que lutou pela natureza. **Johann Friedrich Theodor Müller**, nasceu em Erfurt, Alema-

nha, em 31 de março de 1822, e morreu em Blumenau, em 21 de maio de 1897. Naturalista, botânico e professor de matemática e ciências naturais, foi pioneiro no apoio à teoria da evolução apresentada por Charles Darwin. Foi reconhecido mundialmente pela publicação “*Für Darwin*” (Para Darwin - ano 1864), cinco anos após Darwin publicar “A origem das espécies”, com argumentos que corroboraram a teoria evolucionista através de um estudo empírico sobre crustáceos na Ilha de Santa Catarina. Foi o primeiro cientista a apresentar modelos matemáticos para elucidar a seleção natural e fornecer provas contundentes da mesma. Foi chamado por Darwin de “o príncipe dos observadores”, sendo citado mais de dezessete vezes nas edições posteriores do “origin”. Darwin enviou aproximadamente trinta e nove cartas a Fritz Müller. Fritz Müller, possivelmente, trinta e quatro. Fritz Müller publicou na Europa mais de duzentos e quarenta e oito artigos científicos, levando a flora e a fauna catarienses ao conhecimento dos europeus.

O Museu de Ecologia Fritz Müller, em Blumenau, foi inaugurado em 1936, onde era sua casa, para contar a história do naturalista. O local conta com diversas pesquisas, objetos pessoais, animais taxidermizados, insetários, fósseis e ossos de espécies em extinção e é aberto à comunidade geral.

DALVINA DE JESUS SIQUEIRA

Cadeira nº 14



Biguaçudos meus Encantose Encontros. Eu vi, ouvi, me encantei e encontrei.

Eu vi Biguaçu amanhecer envolto em brumas brancas feito flocos de algodão, eu vi e ouvi o barulhinho da água do regato que corria à céu aberto, com águas límpidas, transparentes e farfalhando nas pedras que existiam no fundo da que hoje se diz Alameda, e que serve de estacionamento para carros.

Eu também vi as árvores da praça crescerem carregadas de flores na estação propícia, espalhando um perfume extraordinário, puro e arrebatador. Eu vi e ouvi

os pássaros fazendo revoadas entre os galhos floridos das árvores do jardim, entre penas, bicos e pios, num trinar perfeito, parecendo ensaiados para o coral Celestial.

Eu também eu vim muitas vezes os pregões que eram feitos na Prefeitura de Biguaçu. Ouvi também muitos elogios àqueles que governavam com também eu vim muitas queixas deles. Entrever eu ouvir tem muito para contar, ouvir falar sobre as Bruxas e os Lobisomens que à noite passeavam na Praça de Biguaçu...

Eu vi e conheci muito o primeiro Poeta de Biguaçu, Sr Geraldino Attodo Azevedo, que sentado numa cadeira, se debruçava sobre o balcão da casa de “secos e molhados” da qual era proprietário, sempre com um lápis atrás da orelha. (Ele escrevia muito). Eu vi e ouvi também muitos dias da minha infância querida, a adorada professora Alaíde Sardá de Amorim, que me ensinou muito, pois era uma grande mestra, assim como também sua irmã dona Elvira, dona Neném Sardá, dona Emérita, dona Semíramis professora de Francês, dona Dircéia professora de piano e música. Vi e apreciei muito o belíssimo folclore de Biguaçu, e que hoje não existe mais, está adormecido.

Eu vi a velha Igreja onde tomei a primeira Comunhão com o Padre Antônio, que segundo, conversas que ouvi, ele nem era Padre.

Era um espião alemão que todos os dias passava tudo o que acontecia aqui para a Alemanha. Estávamos em guerra. Segunda guerra Mundial. Antônio Carlos e Governador Celso Ramos pertenciam à Biguaçu, e em Antônio Carlos que era chamado de Alto Biguaçu moravam muitos descendentes de alemães, pois seus antepassados haviam vindo da Alemanha para ajudar a colonizar o Brasil. Este Padre foi preso e ninguém soube o fim

que ele levou. Eu vi muita coisa, e entre outras coisas vi e participei da construção da Matriz de Biguaçu, onde todos nós ajudamos a construir e compramos um Lustre enorme de cristal valiosíssimo que levou fim, não se sabe como nem quem fez tal coisa. É claro que pessoas de fora não entraram na Igreja para fazer tamanho desmando, alguém se apoderou dele e vendeu com certeza.

Vi e brinquei muito nos salões do Casarão Born, praticamente muito bonito e sem nenhuma rasura, muito bem cuidado pela dona Dusanjo e sua equipe de trabalho, inclusive minha avó paterna que era casada com um filho de João Nicolau Born, ovô Nico. Foi nesta época brilhante da minha infância que eu sou beserbisneta do Sr. João Nicolau Born, primeiro Prefeito de Biguaçu, do qual tenho muita honra e orgulho.

Com toda certeza, eu vi Biguaçu crescer e tornar-se uma bela cidade cheia de ruas asfaltadas, belos prédios de apartamentos, enfim eu me orgulho muito deste Biguaçu, desta minha terra Natal onde estão enterrados os meus ancestrais. Eu encontro todos os dias quando saio de casa, muitas pessoas chamando-me pelo nome, prova que me conhecem, foram meus alunos. Aqui me tornei participante das coisas públicas, e deram-me o Título de Embaixadora da Cultura. Aqui, coloquei no mundo 11 (onze) filhos, que também formaram famílias distintas. Aqui, com quase 90 (noventa) anos de idade, ainda estou participando da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, Instituição esta que tenho a honra de ser Presidente de Honra, pois fui a Fundadora da mesma no dia 26 de setembro do ano de 1996.

E entre Encantose Encontros desta passagem pela vida, que todos nós temos a honra de passar, eu vi, ouvi, encontrei e me encantei, entre outras coisas como meus

Confrades, gente íntegra, grandes escritores, amantes do belo, amigos dos quais tenho um orgulho imenso em poder abraçá-los, cumprimentá-los e dizer todos os dias: Muito obrigado meu Deus. Eu vi e me encanto cada vez mais com meus netos e bisnetos, raízes de um amor tão significativo e grande que eu construí passo a passo no meio de uma época cheia de problemas, onde não tínhamos aqui em Biguaçu, nem um Hospital, nem médicos disponíveis, nem remédios muitas vezes, onde tínhamos que fazer em casa os (benditos chás) de ervas caseiras, e que por incrível que pareça, curavam.

Então, não tenho que sentir orgulho de poder dizer? Eu vi, ouvi, me encantei e me encontrei como gente e com gente que também orgulha-se deste Biguaçu que a cada dia dá mais um passo à FRENTE.

Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela)

Síntese Biográfica de Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela)

Data de nasc. 23 de agosto de 1929

Filiação: Octávio Clemente Martins e Maria Marins.

Naturalidade: Biguaçu. Grande Florianópolis SC.

Nacionalidade: Brasileira

Administradora Escolar aposentada por tempo de serviço no Magistério Catarinense.

E A E. Especialista em Assuntos Educacionais.

Obras e participações na Literatura Catarinense e brasileira.

1995 - O Décimo Segundo- Poesias.

1997 - Constelação- Poesias.

1998 - Grandes Momentos: contos, crônicas, orações, simpatias e poesias.

1999 - Lalinha ; poesias e crônicas

2000 - Biguaçu eu te amo, breve relato sobre Biguaçu.

2003 - Biguaçu eu te amo II.

Participações em Antologias.

Memorial Gedo: no prelo

Biguaçu o Cidadão do Momento: no Prelo

Reminiscências: no Prelo.

O Terceiro Sonho – livro para os grupos de idosos de Biguaçu.

Menção Honrosa na Fundação Viva Vida.

Antologia Marco Marcovick – São Paulo. pg 43.

1997 Primeiro Lugar no Concurso Fundação Viva Vida (poesia pg 39)

Terceiro Lugar no C. F. Viva Vida (crônica) pg. 217

Segundo Lugar no C.F. Viva Vida (O Cordão de Ouro) pg

A.C. de Professores – Fragmentos da memória pg 15

FUCAPRO- Contos de Professor – pg 26

FUCAPRO- Poemas de Professor –pg 27

Participações em Jornais.

NETI UFSC – Organização do Cocurso de Crônicas e a apresentação do Livro.

AJASOL 1998 – Anotologia- pg 39

“2001“ – pg 60

“2002“ – pg 59

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

1996 – Fundadora da Ac. De Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu.

Antologias da Ac.L, de Biguaçu:

- Um Passeio pela Grande Florianópolis.
- Devaneios de Verão
- Sonhos de Outono
- Renascer da Primavera,
- Veredas
- Aconchego
- Jornada
- Os 15 anos.

Organização e participação

Participação no livro do Duo Centésimo Quinquagésimo Aniversário de São Miguel da Terra Firme

Livro São Miguel da Terra Firme – pg 121

Livro sobre Maria Olímpia dos Reis- A benzedeira.

Cursos:

Curso Superior de Pedagogia com licenciatura plena em Psicologia da

Sociologia da Educação, Didática e Prática de Ensino.

Conforme Registro no MEC: Número 135987.

Pós – Graduação em Administração Escolar, conforme Registro Número 312722. ambos na UDESC.

Monitora da Ação Gerontológica UFSC.

Palestrante, Ministrante do Curso Normal de Férias, Blumenau

Disciplina: Didática da Leitura e da Matemática.

Ministrante do Curso para Diretores do Segundo Graus.

Treinamento CENAFOR São Paulo.

Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.

Acadêmica na Academia de Letras de Biguaçu.

Cadeira 14. Patrono Geraldino

Atto do Azevedo.

Acadêmica da Academia de Letras de São José;
AJASOL. Cadeira 23

Patrono dr. Jorge Lacerda.

Presidente da APAE de Biguaçu.

Presidente do Conselho do Idoso de Biguaçu.

Diretora da Primeira UCRE Sede Florianópolis SC.

Inspetora Escolar Substituta em Palhoça SC.

Radialista, Costureira, bordadeira, criveira, cantora.

Placa pela Acad. De Letras de Governador Celso Ramos.

Medalha pelo C.M. E. dr. Lauro Locks

Medalha Professor Lauro Junks

Diploma da Academia de Letras do Brasil.

A Academia de Letras do Brasil, outorga à Esc.
Dalvina de Jesus Siqueira

Membro Imortal da Academia de Letras do Brasil, o
Título Doutora em

Filosofia Universal. PH.1. Filósofo Imortal Honoris Causa- em reconhecimento

A sua produção Univérsica / Literária de Repercussões Internacionais.

Ass. Professor Dr. Mário Carabajal PHD/ PH1

Presidente da Academia de Letras do Brasil.
Ass. Professor Miguel João Simão PH 1.
Presidente da A, L. do Brasil para Santa Catarina
Embaixadora da Cultura de Biguaçu.
Resolução nº 11/20011 concede o título de Embaixadora da Cultura, no Município de Biguaçu à Professora Dalvina de Jesus Siqueira.
Autor : Luiz Roberto Feubak
Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu
Sala das sessões, 17 de outubro de 2011.
Assinado Verador Luiz Roberto Feubak- Presidente Biguaçu, fevereiro do ano 2012

Cadeira nº 14 - Geraldino Atto de Azevedo

Geraldino Atto de Azevedo nasceu no dia 22 de maio de 1885, Ribeirão do Meio, Camboriú, onde também haviam nascido os seus pais, e faleceu no dia 30 de janeiro de 1947 na cidade de Biguaçu.

Deixou os seguintes filhos: João Brasil de Azevedo, Pedro José de Azevedo (falecido), José Esperidião Azevedo, Maria Madalena e Maria de Lourdes Azevedo, esta última falecida.

Casou-se com dona Isaura Silva (chamada carinhosamente de dona Bicota) e estabeleceu-se aqui em Biguaçu, como comerciante.

Ao poeta, cabe sempre o direito sagrado de sonhar, e o nosso herói, foi um grande poeta e sonhador. Em tudo ele via poesia, de tudo ele fazia os seus versos, era um amante apaixonado das coisas belas da vida.

Nunca publicou um livro, apesar de que os seus sonetos, poemas, respingos e crônicas foram sempre publicadas nos principais jornais do sul do país.

Seu Geraldino, pseudo-denominava-se “GÊDO”.

E ali, atrás daquele balcão, seu Geraldino dava vazão ao seu sentimentalismo poético, ao seu romantismo, e sua invejável veia poética trabalhava incansavelmente para provavelmente deixar para a posteridade estes belos sonetos que estão tomando corpo no Memorial Gêdo.

CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS

Cadeira nº 16



**ENCANTOS E ENCONTROS:
pela Romântica Biguaçu/SC**

Tenho a satisfação de ter lido alguns livros de bons escritores que comentavam sobre a sua cidade e sua gente, mas dos encantos e encontros ainda não. Como afirma a jornalista Mariella Caldas, a vida não é a que a gente viveu e, sim, a que a gente recorda.

A inspiração do Casarão Born

Há dez anos tenho caminhado pela cidade - ainda tranquila mesmo em pleno ano de 2019. A boa convivência do povo e local continua, às vezes, surpreendo-me

com a beleza da cidade e com seu romantismo natural, que são atrativos peculiares de uma cidade com belezas naturais.

Recentemente, o município de Biguaçu comemorou 186 anos de emancipação política e administrativa, tornando-se uma cidade em puro crescimento. Lá nos anos de 1748, quando os primeiros imigrantes portugueses - vindos do Arquipélago dos Açores - começaram a chegar, foram assentados no lugarejo denominado de São Miguel da Terra Firme – o atual Balneário de São Miguel, que fica ao norte de Biguaçu.

A história desta casa é imensa. Lá, em 1833, foi instalada a primeira Câmara de Vereadores para administrar a localidade, que foi elevada a Município de São Miguel. Diante da gradativa decadência econômica, surtos, epidemias e a falta de estrutura, o pequeno balneário de São Miguel acabou perdendo seu prestígio na segunda metade do século XIX. Enquanto que um povoado de trabalhadores colonos, que residia à margem direita do Rio Biguaçu lutava para ganhar com a força econômica, em 1894, a sede municipal de São Miguel foi transferida definitivamente para o centro de Biguaçu, e o município teve seu nome conseqüentemente alterado em poucos anos.

Este sobrado edificado e tombado,, é uma das marcas registradas no balneário de São Miguel, pois já abrigou a administração provincial, em 1976, e hoje - para a felicidade de nossa gente - acolhe o Museu Etnográfico.

Nossa gente

Nos encantos e encontros da bela cidade de Biguaçu existe uma pessoa muito querida e que adora admirar

e contemplar a beleza da obra do Casarão Born. O sr. João de Campos, ex-vereador e eleito seis vezes em Biguaçu, com a sua tranquilidade, educação muito sonhos, além da boa conversa e temente a Deus, conquistou a todos por onde já passou.

Os moradores mais antigos do município relatam que a tranquilidade e a boa convivência continuam prevalecendo entre os conterrâneos e aqueles que escolheram viver na pacata cidade. Conversando com dona Maria, uma querida de 80 anos de idade, ela diz que a cidade é linda e muito boa para se morar. E o que ela mais gosta? Essa resposta é fácil: a empatia e o respeito do povo.

Outro amigo, um jogador nato de dominó na Praça Nereu Ramos, comenta que admira muito a cidade, desde a tranquilidade das pessoas ao clima que é maravilhoso. Segundo ele, é uma bela cidade de encantos e encontros, além de oferecer qualidade de vida a todos moradores e visitantes.

Economia e cultura

O querido historiador e professor, confrade da Academia de Letras de Biguaçu, Joaquim Gonçalves dos Santos, reforça o que já foi falado sobre o passado da cidade. Ele também participou, na década de 1970, da retomada econômica da cidade. Antigamente, a vida dependia praticamente da agricultura, pecuária e pesca. Hoje, o comércio está em expansão, a indústria responde pela maior parte dos empregos gerados na cidade, as micro e pequenas empresas somam uma arrecadação de milhares de reais que impulsionam a geração de renda. Outro ponto importante a ser destacado é que Biguaçu foi a cidade escolhida para receber uma distribuidora da

Petrobrás - fazendo com que a região se tornasse rota de caminhões e por onde escoava boa parte dos combustíveis utilizados. A agricultura ainda é representativa em Biguaçu, porém a pesca é quase insignificante, mas ainda praticada a nível apenas artesanal.

A doçura da Confrade da ALB, escritora Dalvina de Jesus, afirmou outro dia que os moradores do município têm um cenário cultural tradicional da região. Por ser uma cidade bastante antiga, Biguaçu tem muita história para contar. A riqueza não está somente nos valores monetários, mas no passado. Segundo ela, o Casarão Born é um patrimônio histórico de Santa Catarina que representa um importante período das vivências da cidade. Construído pôr em 1891 por João Nicolau Born - bisavô do primeiro prefeito de Biguaçu - foi o centro de importante momentos. Além do monumento, outro destaque histórico-cultural da cidade é o ao Conjunto Arquitetônico Luso-Açoriano, formado pela Igreja de São Miguel Arcanjo, pelo Museu Etnográfico e o Aqueduto.

As ruínas do Aqueduto, com sua arquitetura de influência romana, foi edificada no século XIX para canalizar a água da cachoeira de São Miguel e abastecer toda a comunidade.

Parte da história

De acordo com o historiador Joaquim Gonçalves dos Santos, Biguaçu já foi a Capital catarinense de certa maneira. O fato foi consequente do conflito entre Portugal e Espanha, que naquela época lutavam por questão de fronteiras no Sul do Brasil. Em 1777, ocorreu à invasão espanhola, que tomou a Ilha de Santa Catarina dos portugueses. Quando os espanhóis invadiram Desterro,

muitos portugueses acabaram deixando a cidade. Para a Capitania de Santa Catarina não ficar abandonada o vice-rei da época fez uma nomeação a um militar, que representava o governo português. Esse militar esteve erradicado em São Miguel de Terra Firme durante quase um ano.

Esta cidade maravilhosa esconde segredos, encantos e encontros. É preciso admitir que uma das imagens características da cidade vai além da praia. A natureza é latente em cada canto. Então, desfrute da magia da cidade de encantos e encontros nesta cidade querida e amada.

Síntese Biográfica de Carlos Antonio de Souza Caldas

CARLOS ANTONIO DE SOUZA CALDAS

64 anos de idade.

25 de dezembro de 1.953

GRADUADO

Pedagogia – UDESC/1981

Direito – UNIVALI/1996

Pós-Graduação – UDESC/1983 - Recursos Humanos

CURSOS DE ATUALIZAÇÃO

Seminários, Simpósios, Palestras nas Áreas: Direito Criminal – Contratos, Licitações Consumidor – Trabalhista.

PROFISSIONAL

- Professor -1986 a 1995.
- Funcionário Público Concursado Prefeitura Municipal de São José/SC – 1996/.....
- Advogado – Militante – Advocacia Criminal/Tribunal de Júri; 1996/... .
- Procuradoria Geral do Município de São José/SC – 2004 a 2008.
- Assessor Jurídico – PROCON - São José - 2009 a 2012;
- Advogado - colaborador no Programa de TV “Cesar Sousa”, 2005 a 2009;
- Confrade das Academias de Letras de Biguaçu/SC – ALB – 2013/.. e, Academia
- Catarinense de Letras do Brasil – Florianópolis/SC – ALB; 2015/..
- Grau 33 - do Grande Oriente do Brasil – Rito Brasileiro - GOB – 2017;
- Membro do Circulo Monárquico Nossa Senhora de Desterro – Florianópolis/SC;
- Membro da 4ª Turma do Tribunal de Ética da OAB/SC – 2018 a 2019;
- Membro da Associação dos Advogados Criminalistas de SC - AACRIMESC;
- Associado Moto Clube – Bodes do Asfalto – Facção Florianópolis/SC;
- Colunista de Textos Literários (Crônicas, Contos e Poesias) jornal – Folha Santa Catarina/SC.
- Conselheiro do COMAD/PMSJ – 2018/....

- Livros: Políticas e Administração da Educação - SC – AAESC/ANAIS – 2009;
- Antologia da Academia de Letras de Biguaçu/SC, de 2014 até
- UM “NOVO OLHAR”, - 2013 - Crônicas, (contos e poesias) - Editora Somar.
- DUAS RODAS rodando pela América do Norte – 2015 – Editora Núcleo.

Cadeira nº 16 – Patrono: Holdemar Oliveira de Meneses

Carlos Antonio de Souza Caldas - Cadeira de nº. 16, tendo como patrono HOLDEMAR OLIVEIRA DE MENESES, desta nobre Academia de Letras de Biguaçu/SC.

Cabe-me na oportunidade a tarefa prazerosa de falar em poucas linhas sobre o patrono, pesquisando sobre sua vida e destaque alguns fatos relevantes na sua trajetória como ser humano bondoso generoso e com suas qualidades e paixões na arte de escrever, um verdadeiro, Contista, Novelista, Cronista, Romancista, diplomado em Medicina, Médico da Maternidade Camélia Dutra, Professor e Membro da Academia de Letras – Florianópolis/SC.

O patrono, Holdemar Oliveira de Meneses, nasceu em Aracati/Ceará – 13 de dezembro de 1921 e faleceu em Florianópolis em 19 de agosto de 1996.

Nesse período, assumiu a direção da Maternidade Carméla Dutra, nas horas vagas dedicava-se a literatura.

Tal gesto mostra um pouco desse ser humano valeroso, pelo seu desprendimento material, acreditando sempre nos valores humanísticos e o futuro do jovem em seu aprendizado na obrigação de passar pela formação educacional.

Surpreendeu o Santa Catarina com suas Obras Literárias de, Contos, Romances, Crônicas e Novelistas:

1 — Fran Kalfka, em seu livro faz uma crítica da primeira novela deste escritor em 1970;

2 — A coleira de Paggy, conto, em 1972;

3 — O barco Naufragado, crônica, em 1976;

4 — A sonda uretral, conto, em 1978;

5 — A maça triangular, romance em 1981;

6 — Os residentes, romance em 1982;

7 — A vida vivida, crônica, em 1983 e outros.

Enfim, era um escritor a frente de seu tempo, com grandes ideais, motivado sempre pela luta constante de um mundo melhor, justo e perfeito.

JOSÉ RICARDO PETRY

Cadeira nº 17



História

Em 1.978 a predominação da fotografia era em preto e branco. Já tinha um conhecimento básico desde 1.976, resolvi investir na fotografia, abrindo uma loja na Rua João Born, 209, centro de Biguaçu.

Fiz vários cursos de aprendizagem em revelação e como fotografar. No comércio o mais forte da loja era fotos para documento. Carteira de identidade usava fotos 5x7, carteira do ministério do trabalho usava fotos 3x4 com data e carteira de motorista usava fotos 2x2, esses eram os documentos mais usados.

Segundo passo foi ir atrás de serviço, como nas manhãs de domingo fotografar batizados, uma vez por ano as primeiras eucaristias, tanto no centro como nas capelas.

Assim ficou conhecido, sendo convidado para fotografar eventos sociais, aniversários e casamentos.

Meu primeiro casamento fotografado por mim foi o casal Irma e Paulo da comunidade de Santa Catarina, curiosidade, fotografei também as bodas de prata. Nos anos 80 comprei o MINILAB San Marco, fazia fotos a cores em revelação em uma hora, isso foi uma evolução para mim e para Biguaçu, sendo a primeira loja com revelação a cores. Contratei um técnico de São Paulo para manusear a máquina.

A partir do ano 2.000 veio a vez do digital, um avanço maior nas filmagens, mas a fotografia ficou mais bonita com introdução da escrita, ficou fácil em uma fotografia escrever um texto. Com esta mudança toda passei o bastão para meus filhos, hoje os três estão tocando a loja com muita eficiência.

Eu tive a consciência que era hora de parar, depois de 39 anos de contribuição na previdência social. Aposentei-me, larguei qualquer atividade fotográfica. Agora me dedico mais aos meus queridos netos.

Nunca gostei de gargantear, ser prosa. Ser sublime sem fantasia, assim é o Ricardo.

Praça de Biguaçu

Da figueira com seus bancos de madeira no frescor de sua sombra.

Bem arborizada de varias espécies com belos canteiros de flores e grama.

Dividida pelo meio com a principal rua da cidade. De um lado a prefeitura outro lado a igreja matriz. Da outra ponta o casarão Born, em sua rente a família Azevedo.

Ao lado direito da prefeitura a casa da família Wiloner em seguida o cinema, sim Biguaçu já teve bela sala de cinema e ao lado da igreja a casa do alfaiate João Dedinho.

Assim era rodeara a praça central. Seu nome é Praça Nereu Ramos e o jardim é Alfredo Silva.

Quem cuidava da bela praça com seus jardins era dois irmãos: Matias e André, empregados da prefeitura.

Os irmãos descendentes de família árabes moravam bem perto da praça em frente à Farmácia Biguaçu.

Matias era mais falador e contador de histórias já o Andre mais reservado, só respondia o que perguntasse.

O que importava a praça bem cuidada tinha arvore com corte desenho de animais guarda-chuva e outros. Até uma biblioteca construíram no meio da praça. Aos domingos primeiro ir na missa, depois ficávamos na praça para namorar e comer amendoim torrado do Sr.Pacheco na sua bicicleta. Uma figura muito carinhosa.

Ouviam os cantos dos pássaros soltos uma variedades de som.

Com seu formato semicírculo muito requisitado para comercio, políticos ou para soltar foguetes nas festas religiosas.

Padre Rodolfo construiu a igreja nova e tirou o cemitério ao seu lado. Este assunto é muito antigo talvez 60 anos atrás.

A praça hoje sendo reformada pela lajas Koerich, esta virando um jardim de pedra.

Melhor relatar que hoje é 12 de Junho de 2019. As fotos colocadas são todas recentes, que as pessoas poderão relembrar como era antes.



Família Azevedo



Casarão João Nedinho (demolido)



Prefeitura Municipal de Biguaçu



Casa família Wildner (demolida). Antigo cinema (demolido)



Igreja Matriz São João Evangelista



Casarão Born

QUEM SÃO ELES

Cônego Rodolfo Pereira Machado

Cônego Rodolfo Pereira Machado nasce no dia 13 de Novembro de 1908, na freguesia de São Francisco de Paula de Canasvieiras, no norte da ilha de Santa Catarina.



Filho de Antônio Pereira Machado e Leonida Januária Pereira era o caçula de oito irmãos.

O Menino Rodolfo com 7 anos de idade, foi matriculado na Escola Primária de Cacupé para ser alfabetizado.

Com 16 anos de idade foi crismado, sendo seu padrinho o Padre João Casale, que na oportunidade perguntou ao afilhado se queria estudar para ser padre. Respondeu de imediato: Sim, eu quero.

Em 1925, o Jovem Rodolfo foi residir no centro de Florianópolis para completar os estudos.

Em 1926, foi matriculado no seminário Provincial Nossa Senhora da Conceição, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Lá permaneceu estudando até 1930, quando foi transferido e matriculado no seminário de São José na cidade Mariana em Minas Gerais.

Permaneceu estudando em Mariana até o ano de 1936, onde concluiu sua Ordenação Sacerdotal.

Finalmente, no dia 6 de Janeiro de 1937, na Igreja Matriz de Itajaí recebeu sua Ordenação Sacerdotal.

Sua 1ª missão foi de Padre-coadjutor na paróquia de Orleans, no sul do estado, tendo lá permanecido de Janeiro de 1937 até Maio de 1938.

Sua 2ª missão foi como coadjutor na paróquia de São Pedro de Alcântara, no período de Maio de 1938 até Janeiro de 1941.

Sua 3ª missão como coadjutor foi na paróquia de Itajaí, durante o período de Janeiro de 1941 até Janeiro de 1943.

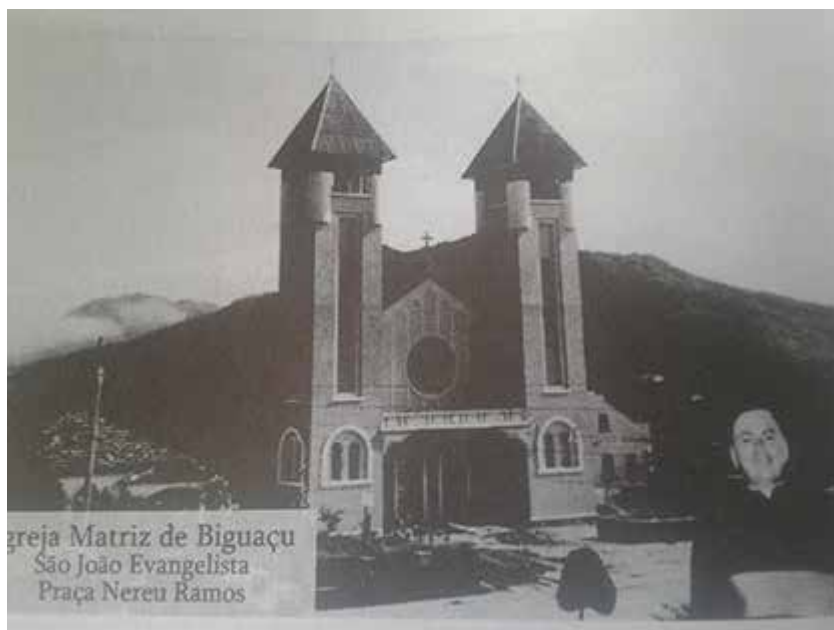
Por último foi nomeado vigário da paróquia de Biguaçu, a partir de Janeiro de 1943 até sua aposentadoria em 1976.

Na paróquia de Biguaçu, desenvolveu atividades das mais variadas, como: atendimento aos doentes e pobres, aos

lavradores, os pescadores, na área política, aos fiéis católicos numa imensa região desde Alto Biguaçu até Ganchos (hoje Governador Celso Ramos), construiu uma nova Igreja Matriz diversas capelas e um jardim de infância. Possuía um táxi onde a maioria dos fretes eram gratuitos.

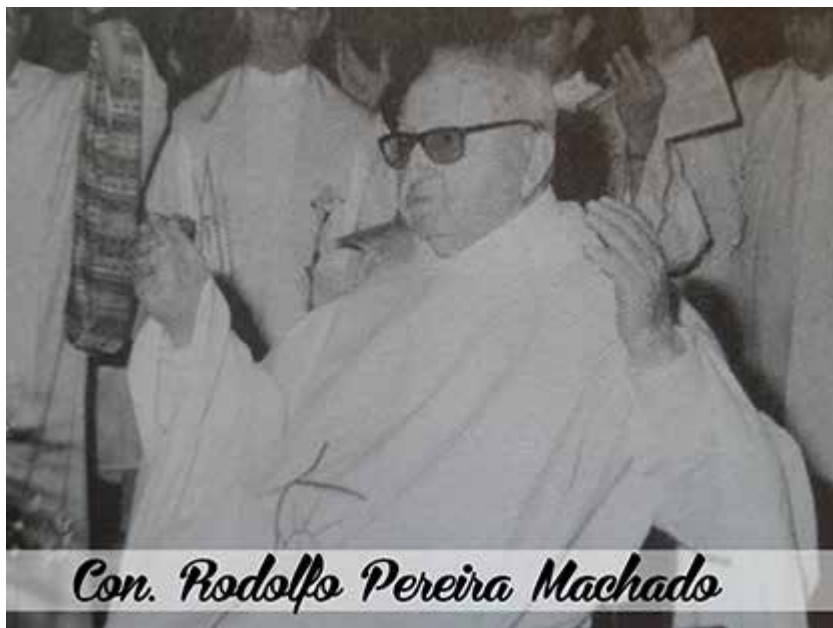
Em 1962 do seu Jubileu de Prata Sacerdotal, recebeu da Câmara de Vereadores de Biguaçu, o título de “Cidadão de Biguaçu”.

Em 1964 foi nomeado professor de música para o Colégio Maria da Glória V. de Faria de 2º grau de Biguaçu, onde foi aposentado em 1978.



Quatro homenagens foram dadas a ele em vida:

1ª: Em 1960 o Governo do Estado inaugurou em Tijuquinhas (Biguaçu) uma escola que levou o nome de “Cônego Rodolfo Machado”.



2ª: Em 1970, uma rua do perímetro urbano recebeu o nome de “Cônego Rodolfo”.

3ª: Em 1998 o “Residencial Cônego Rodolfo”, prédio com 11 andares.

4ª: Em 2000 através da fundadora da Academia de Letras de Biguaçu a poetisa Dalvina de Jesus Siqueira fez a outorga da cadeira nº17 ao acadêmico Cônego Rodolfo Pereira Machado, em comemoração ao Jubileu de Ouro da construção da Igreja Matriz de Biguaçu.

No ano de sua aposentadoria como padre, fez questão de continuar residindo em Biguaçu. Sendo cuidado pela família Peres, em especial Vilma Peres.

Devido uma série de fatores contribuíram para debilitar a saúde de Cônego Rodolfo Pereira Machado, veio

a falecer no dia 21 de Março de 2001, sendo sepultado em Biguaçu.

Ele foi um batalhador incansável pelas nobres causas, um grande orador, músico e um sacerdote exemplar que foi muito estimado pelos biguaçuenses, o que agora faz parte importante como personalidade histórica de Biguaçu.

LEONIDIO ZIMMERMANN

Cadeira nº 18



Antologia

Quando criança ,eu pensava como criança em crescer e ficar grande e brincar cheio de esperança.

Quando adolescente eu ja pensava diferente, pensavano estúdo, para crescer na vida e qual o destino no futuro.

Quando jovem, eu pensava em fazer um bom casamento,,para criar uma familia descente,

E sempre amei e conservei a justiça social ,e nunca desejei aos outros aquilo que para mim pudesse fazer mal.

Eu sou pessoa de muita esperança, mas em Deus confio minha confiança .

Sempre desejei ser um escritor ,mas sempre ter Deus como meu pastor . Sempre amei a cultura dos antepassados, e assim escrever historias do passado. E assim escrevendo a historia dos meus antepassados,. eu deixo tambem a minha historia para os filhos e netos ,do meu passado.

Eu ainda espero de um dia ter no Brasil um governo serio e honesto, não sei si estou errado ou si estou certo.

Em Antonio Carlos eu nasci,e me criei, depois de certa idade, para Biguaçu me mudei ; Para Biguaçu me mudei e me sinto feliz, nesta terra que sempre amei;

Para Biguaçu me mudei, terra onde muita felicidade encontrei.

Muita felicidade encontrei, e muitos titulos conquistei;

Em Antonio Carlos me criei onde muita saudade deixei ...

Mas me sinto feliz porque la, dois filhos deixei

Dois filhos deixei na terra natal onde eu me criei.

Biguaçu é tera de sol e mar, eu deixei Antonio Carlos para Biguaçu vim morar.

Leonidio Zimmermann.

LUIZ LUNARDELLI

Cadeira nº 19



“A educação do caráter não é meramente uma tendência educacional; é uma dimensão fundamental do bom ensino, um respeito permanente ao intelecto e ao espírito do indivíduo. Necessitamos responder aos corações, mentes e mãos de nossas crianças na formação de seu caráter, ajudando-os a “conhecer o bem, amar o bem e fazer o bem”. Feito isto, seremos verdadeiramente uma nação de caráter, garantindo liberdade e justiça para todos”

Leio na imprensa local que Biguaçu obteve a última colocação em desempenho escolar no ano de 2019

entre todas as cidades da Comarca. Creio que além das medidas de caráter administrativo, cabe as autoridades municipais da Educação a reformulação criteriosa do conteúdo programático do que é ensinado às nossas crianças.

Como fundador e primeiro presidente da Fundação Hermon, braço social da Maçonaria Catarinense, tive a iniciativa de instituir em nossas escolas de Palhoça, Laguna e Rio Negrinho, uma disciplina denominada “Educação do Caráter”; visando trazer aos jovens uma formação moral e ética condizentes com nossa sociedade e em complemento à educação que recebem no seio familiar, para dar às crianças e aos jovens uma formação sólida sobre suas responsabilidades perante a família, a sociedade, seus concidadãos.

O objetivo primordial da educação, em seu mais amplo sentido, é a formação do caráter humano e a disseminação dos valores éticos e morais da sociedade, em prol de uma melhor convivência entre os seus indivíduos e da evolução dessa mesma sociedade.

O constante aumento das obrigações familiares e a diminuição do tempo disponível aos pais e aos filhos para um maior convívio familiar acarretam, em consequência, maiores responsabilidades para a escola. É nela, pela primeira vez, que as crianças e os jovens aprenderão a socializar, a (com)viver com seus iguais e a definir os valores éticos e morais que serão a base para toda sua vida futura.

É nossa responsabilidade maior, como adultos conscientes e participantes da sociedade, não deixar ao acaso a formação do caráter de nossas crianças e jovens.

Acreditamos que a correta organização do ensino ético e moral trarão inegáveis benefícios a todos, não so-

mente à sociedade, mas também a cada uma das crianças e jovens individualmente.

Uma sólida formação ética e moral trazem uma vida mais saudável, mais abrangente e também, como demonstram diversos estudiosos do assunto, um melhor aproveitamento escolar. Para a sociedade, esta formação do caráter de nossos filhos não é somente uma obrigação, mas uma necessidade, se esta mesma sociedade deseja progredir e transmitir seus valores e uma melhor qualidade de vida às gerações futuras

Por isso apresentamos esta proposta para a Prefeitura Municipal de Biguaçu para que ela torne obrigatória a inclusão da disciplina “Educação do Caráter”, nos currículos das escolas de ensino fundamental todo o município, objetivando a formação do bom caráter e despertando o verdadeiro sentido e cidadania em nossas crianças e jovens que futuramente decidirão, pelo exercício do voto, os destinos da nossa comunidade.

Até 1984, existia no currículo escolar das escolas públicas uma disciplina intitulada “Educação Moral e Cívica”. Por motivos que não nos cabe aqui analisar, os ensinamentos ministrados naquela matéria limitavam-se à educação do comportamento cívico e patriótico, o que pouca relação mantém com o currículo que aqui propomos, que em sua essência é orientado exclusivamente para a formação do caráter de crianças e jovens de nosso município.

De nossa parte, propomos que o currículo de uma educação ética e moral contemple, acima de tudo, não só a formação dos valores de nossas crianças e jovens, como também lhes ensine a, com base nesses mesmos valores, tomar suas próprias decisões, sem imposições de um comportamento mecanizado, mas de um comporta-

mento consciente que vise, primordialmente, a melhoria do indivíduo e da sociedade como um todo.

Propomos que se ensine aos nossos filhos e aos filhos de nossos concidadãos os valores éticos e morais que os levarão, de uma parte, a um maior respeito a si mesmos e aos seus semelhantes e, de outra parte, a uma maior participação em prol da sociedade e da irmandade entre todos que, esperamos, venha a ser o objetivo maior de nosso mundo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E DA METODOLOGIA DO ENSINO PROPOSTO

O programa de estudos deve ser adaptado à idade dos alunos e, dentro do possível, à sua condição cultural e econômica. A apresentação dos diversos tópicos do programa se fará com apoio de exemplos tomados da História, das Artes, das Ciências e da Filosofia.

Deve ser dada ao aluno a possibilidade de expressar-se e comparar os valores éticos e morais apresentados pelo professor com aqueles de seu ambiente social, conduzindo à reflexão e análise das consequências e motivos dos valores apresentados.

Sugerem-se os seguintes tópicos para a composição do programa de estudos:

- Conhecimento de Si Mesmo
- Descoberta de suas potencialidades;
- Uso racional do tempo (estudo, trabalho e lazer) O cuidados com a saúde;
- Prevenção de acidentes;
- Os vícios e suas consequências;
- Disciplina;

- Raciocínio e análise;
- Pensamento crítico e criativo;
- Aceitação do sucesso e aprendizado com as falhas; e,
- Processo de tomada de decisões.
- A Relação Familiar
- O papel da família;
- O papel de seus integrantes;
- Administração familiar;
- Democracia;
- Melhoria da qualidade de vida;
- Os vínculos afetivos; e,
- Sociedade como extensão da família.
- O Ambiente Profissional
- Capacitação intelectual;
- Participação no desenvolvimento humano e da sociedade;
- Aprimoramento dos conhecimentos;
- Difusão do conhecimento;
- Realização profissional;
- Trabalho em equipe;
- Ética profissional;
- Mérito e competência; e,
- Competição;
- A Sociedade
- Os problemas sociais e ambientais;
- As diferenças culturais;
- Participação ativa;
- Integração social;
- Associações (de classe, religiosas, etc.);
- Cidadania (direitos e deveres);
- Educação do consumidor; e,

- Regimes políticos.
- A Sociedade Brasileira
- A Nação;
- Os poderes;
- O Governo (municipal, estadual e federal);
- Os partidos políticos; e,
- Participação política.
- A Humanidade
- Origens;
- O progresso da humanidade;
- Transformação do meio;
- Conceitos de filosofia e ética; e,
- Os vultos importantes da humanidade.
- Estudo dos Traços da Personalidade
- Compaixão, simpatia, empatia, gentileza, amor, atenção;
- Perdão, humildade, alegria, gratidão, sabedoria;
- Integridade, honestidade, sinceridade, coragem;
- Respeito, paciência, tolerância, cortesia, justiça;
- Responsabilidade, disciplina, autocontrole, auto-estima;
- Iniciativa, generosidade, motivação;
- Cooperação, bondade, humor, confiança; e,
- Perseverança, diligência, lealdade, coragem.

METODOLOGIA DE ENSINO

A metodologia de ensino a ser aplicada será a expositiva dialogada, com abordagem de fatos ocorridos no cotidiano da sociedade, com proposição de meios para re-

solução dos problemas identificados, além do estudo teórico e prático do conteúdo programático proposto, atentando-se também para:

- Definição de Valor, Moral e Ética: significado e conceituação;
- Apresentação dos valores básicos da humanidade;
- Responsabilidade moral;
- Análise dos valores éticos e morais atuais: descrição, consequências da adoção dos valores e as implicações de sua adoção;
- Aplicação dos valores: simulações e debates em tomo de cada valor e o reflexo de sua adoção para a sociedade e para a humanidade; e
- Questões morais relevantes temas para reflexão, apresentação de trabalhos e debates.

PARADIGMA ATUAL

A apresentação de valores, a doutrinação de valores ou os programas de educação do caráter assumem o seguinte:

- A existência de um conjunto básico de valores, morais e éticas tradicionais, confirmados em virtude de suas histórias e tradição, que diferenciam claramente entre o certo e o errado e universalmente reconhecidos.
- Dá-se ênfase na conduta observável em detrimento à reflexão relativa aos conceitos morais ou racionais, isto é, o “bom caráter” se baseia em “fazer a coisa certa” ou ter conduta aceitável (tal como ser educado ou

obedecer às autoridades), em detrimento a ter ideias corretas ou profundas.

- As crianças devem ser preparadas para quando a razão irá influenciar a sua conduta. Até lá, uma base sólida de formação, práticas e hábitos morais devem ser supridos.
- O desenvolvimento do bom caráter se dá através de reforço persistente e prevalente, através de premiações, recompensas; os professores e as demais autoridades são modelos de caráter para os estudantes; instrução rigorosa expondo os estudantes a figuras históricas e literárias que apresentam os valores desejados, tais como honestidade, coragem, educação e compaixão.
- A melhoria da conduta da juventude através dos programas de formação do caráter irá auxiliar a reverter o quadro crescente de problemas sociais no município tais como drogas, suicídio, homicídio e gravidez indesejada, assim como melhorar os resultados escolares.

CONSIDERAÇÕES

Aos estudantes deve ser dada a capacidade síntese, análise e avaliação para serem capazes de fazê-lo efetivamente.

Em um programa de educação do caráter, devem ser colocadas as seguintes questões aos estudantes (adaptadas ao nível de maturidade de cada turma):

- Que valores (idéias, sentimentos) são os mais importante para você neste momento de sua vida? Por

que eles são importantes para você? O que você faz para mostrar que estes valores são importantes para você? Os seus valores mais importantes mudaram com o tempo? De que forma?

- Quais os valores parecem ser os mais importantes nesta escola? Como você sabe que estes valores são importantes?
- Suponha que (apresenta-se uma situação apropriada para a idade do estudante e na qual o estudante deve tomar uma decisão). Como você procederia para tomar uma decisão? Que fatores deve considerar? Por quê? Quais seriam os valores mais importantes para você nesta situação? Por quê?
- Que valores você acredita que estejam sendo ensinados nesta escola? Como estes valores estão sendo ensinados para você?
- Quão bem sucedida tem sido a escola em ensinar-lhe valores?
- São estes valores ensinados pela escola consistentes com os demonstrados pelos estudantes, pela escola e pela comunidade?
- O que, em sua opinião, poderia tomar a educação de valores desta escola mais efetiva?

EDUCAÇÃO DO CARÁTER E VIRTUDE CÍVICA

A educação do caráter deve ser baseada em princípios democráticos, se desejamos manter e expandir a liberdade democrática de nosso país, A educação do caráter é, em nossa sociedade, sinônimo de educação cívica,

isto é, o respeito aos direitos de terceiros, inclusive daqueles com quem não concordamos. O civismo permite o confronto adequado de diferenças, através de persuasão e não de coerção, acompanhado de um desejo de encontrar um bem comum. A compreensão das virtudes cívicas necessárias à cidadania é o ponto de partida para se alcançar um consenso moral na vida pública.

COMO COMEÇAR

Define-se caráter como a compreensão e uso de valores éticos básicos, tais como o respeito, a responsabilidade, a honestidade, a confiança e afetividade. Desenvolver um caráter requer uma atuação educacional que se utilize de todos os aspectos do ensino (as matérias acadêmicas, o processo instrucional, o controle do ambiente escolar) como oportunidades para o desenvolvimento do caráter. Acima de tudo, acreditamos que a escola deve formar o caráter, deve ser uma comunidade moral que ajude os estudantes a formar vínculos afetivos com os adultos e com seus iguais. Este relacionamento irá cultivar o desejo de aprender e o desejo de ser uma boa pessoa.

As escolas devem responder a uma pergunta: “qual o programa de educação do caráter que devemos usar?” Acreditamos na importância de que pais e professores tomem a decisão, mas o programa selecionado não deve violar os valores amplamente aceitos pela sociedade e largamente estabelecidos.

Algumas escolas começam com programas estanques, que requerem pouco treinamento da escola e do corpo docente. Outras escolas iniciam seus programas tentando melhorias nas atitudes e comportamento dos

estudantes em áreas problemáticas da escola, tais como corredores, lanchonete e área de recreio. As histórias de sucesso dos esforços de educação do caráter mostram diversas formas de começar e progredir. Existem, porém, certos denominadores comuns: liderança, um esforço em obter a participação dos pais, envolvimento do corpo docente na discussão de como enfatizar os valores morais em tudo o que a escola faz e uma maior responsabilidade do estudante em fazer uso dos valores morais básicos nas situações reais. A longo termo, uma escola deve seguir um plano progressivo de integração da educação do caráter em todas as disciplinas, inclusive o desenvolvimento dos professores, isto é, toda a escola deve objetivar tornar-se uma comunidade moral.

Um currículo para a educação do caráter, em nível de pré-escola e primeiro grau, deve ser um complemento projetado para ajudar os pais e professores de crianças da pré-escola e do primeiro grau a trabalhar o desenvolvimento do caráter, através de quatro possíveis caminhos: literatura, história, ciência e filosofia.

Através da Literatura, faz-se uso de histórias nas quais as crianças são solicitadas a discernir a moral e o caráter de heróis e vilões.

O caminho da História dá a oportunidade de explorar e descobrir os motivos e razões de heróis e vilões históricos, através dos eventos de suas vidas. O caminho da Ciência envolve os estudantes nas histórias e discussões que os ajudarão a pensar e planejar como responder às situações de seu dia-a-dia, incluindo, por exemplo, o estudo de comportamento de animais para definir traços comportamentais. O caminho da Filosofia baseia-se no estudo do caráter, da vida e da filosofia de indivíduos destacados da sociedade, com fortes valores morais e do caráter.

O currículo deveria também contemplar:

- Discussões dirigidas pelo professor
- Atividades para o estudante
- Temas para reflexão
- Envolvimento dos pais
- Prêmios
- Músicas

BASE FILOSÓFICA PARA A EDUCAÇÃO DO CARÁTER

O desenvolvimento do caráter requer a conversão do indivíduo para um conjunto de valores éticos e morais. O caráter está relacionado com o conhecimento do mundo em que a pessoa vive e como as pessoas precisam comportar-se para nele viver.

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem um conjunto de padrões aceito por todos. A questão continua a ser “Qual conjunto de padrões vamos escolher?” Quais são os valores e características que uma sociedade espera de seus indivíduos? Por exemplo, a filosofia da “lei do mais forte” não ensina honestidade, respeito, perdão e a compartilhar ou ajudar. Como uma sociedade que escolha esta filosofia irá basear o comportamento, a interação pessoal, as negociações, a confiança e as leis?

Oito traços básicos são identificados para um curso de educação do caráter, através de pesquisas e experiência nas salas de aulas:

Compaixão (simpatia para com outro que está sofrendo ou é infeliz, junto com o desejo de ajudá-lo) - quando as pessoas baseiam seus relacionamentos na

compaixão, e não no poder, elas terão condições de dar aos outros o melhor de si mesmas. A compaixão permite que o indivíduo tenha esperanças, as busque e enfrente as adversidades. Relacionados com este traço do caráter estão o amor, a atenção, a simpatia, a gentileza e a empatia.

Perdão (não sentir-se zangado com alguém que o machucou ou enganou, perdoar ou desculpar uma ação ou pensamento errado) - quando o perdão é praticado, o ciclo da vingança é quebrado. O indivíduo, ao experimentar o perdão, tona-se livre da culpa e de sentimentos de incompetência, não perdendo sua produtividade e recobrando sua motivação para contribuir para com a sociedade. Relacionados ao perdão estão a humildade, a alegria e a gratidão.

Integridade (a força e a firmeza de caráter, sinceridade e honestidade) - uma pessoa íntegra mantém sua palavra, é correta, honesta e sincera. Muitos sistemas de leis e justiça promovem um padrão de integridade, determinando se as ações de um indivíduo são permitidas ou não. Tais padrões impedem o absolutismo e o despotismo. Quando indivíduos agem com integridade, ela se difunde na sociedade trazendo um valor maior para as leis. Relacionados com a integridade estão a honestidade, a sinceridade e a coragem.

Respeito (mostrar consideração às pessoas escutando-as, sendo cortês e educado; em relação a si mesmo, inclui auto-respeito e autocrítica) - um indivíduo demonstra respeito quando considera os demais tão importantes quanto a si mesmo. Respeito é uma forma de honrar, e ser honrado, pelos demais. Relacionados com o respeito estão a paciência, a tolerância e a cortesia.

Responsabilidade (a aceitação pessoal e individual de que cada ser humano é dependente de seus atos,

pensamentos, decisões, palavras e ações). Indivíduos, famílias e grupos sociais se beneficiam quando cada um conhece suas responsabilidades perante os demais. Uma sociedade deve ser construída sobre a responsabilidade de seus cidadãos, permitindo resolver seus problemas através da consciência e da consequência. Relacionados com a responsabilidade estão a disciplina e o autocontrole e a estima.

Iniciativa (a consecução de ações e decisões quando julgar necessário). Um indivíduo com iniciativa contribui para o melhoramento da sociedade e aprimoramento de seus membros, sente-se responsável pela sua comunidade e seus semelhantes. Relacionados com a iniciativa estão a generosidade, a coragem e a motivação.

Cooperação (relacionar-se de forma adequada com os demais membros de sua sociedade, contribuindo dentro de suas capacidades para a consecução de objetivos comuns). O indivíduo como ser gregário, deve participar da sociedade em que vive. Relacionados com este traço do caráter estão a generosidade, a bondade, a simpatia e o humor.

Perseverança (dar continuidade a suas decisões através de atos que o levem a alcançar o decidido). O término de um trabalho traz ao indivíduo um maior bem-estar e confiança nas suas capacidades. Relacionados com a perseverança estão a diligência, a coragem e a lealdade.

O DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E CARÁTER

Preocupados com a crescente taxa de violência, suicídio de adolescentes, gravidez de jovens e um conjunto de outros males patológicos e sociais que invadem

a juventude, propomos às escolas e aos professores que afirmem suas responsabilidades como educadores do caráter. As escolas, porém, não devem assumir sozinha esta responsabilidade; as famílias, a vizinhança e as comunidades devem partilhar esta tarefa.

Uma reforma educacional autêntica nesta nação começa com nossa atuação na educação do caráter. A verdadeira educação do caráter é a base na qual se apoiam a excelência acadêmica, a realização pessoal e a verdadeira cidadania. Ela fará surgir o melhor de nossos estudantes.

Acreditamos que os seguintes princípios devem ser o coração desta verdadeira reforma educacional a ser implementada:

- A Educação, em seu mais amplo sentido, é inevitavelmente um empreendimento moral, um esforço contínuo e consciente para guiar os estudantes a descobrir e buscar o que é bom e o que é benéfico.
- Os pais são os educadores morais principais de suas crianças e acreditamos que as escolas devem constituir-se parceiras dos lares. Conseqüentemente, todas as escolas têm a obrigação de cultivar, em seus estudantes, virtudes cívicas e pessoais, tais como integridade, coragem, responsabilidade, diligência, assistência, e respeito pela dignidade de todas as pessoas.
- A educação do caráter é o desenvolvimento das virtudes - bons hábitos e tendências que levem os estudantes para uma maioria responsável e madura. A virtude deve ser nossa maior preocupação na educação do caráter. A educação do caráter não é o mesmo que adquirir as atitudes corretas sobre ecologia, política, uniforme da escola ou assuntos ideológicos.

- O professor e o diretor da escola são os pontos focais deste empreendimento e devem ser educados, selecionados e encorajados para esta missão. Na verdade, todos os adultos da escola devem incorporar e refletir a autoridade moral a eles investida pelos pais e pela comunidade.
- A educação do caráter não é apenas um curso, um programa apressado ou um “slogan” afixado na parede; é parte integral da vida da escola. A escola deve tomar-se um modelo no qual a responsabilidade, o trabalho, a honestidade e a cortesia são esperadas, celebrados e continuamente praticados. Das salas de aula aos pátios, da lanchonete até a sala dos professores, a formação do bom caráter deve ser a preocupação primordial.
- A humanidade tem um reservatório de sabedoria moral, muitos dos quais existem em nossa história, nos trabalhos artísticos, na literatura e nas biografias. Os professores e os estudantes devem juntos beber deste reservatório, dentro e além do currículo acadêmico.
- Finalmente, os jovens devem se conscientizar que moldar o seu caráter é uma tarefa essencial e necessária para a vida. A soma de suas experiências escolares -sucessos e falhas acadêmicas ou atléticas, intelectuais ou sociais - são fontes de material bruto para alcançar este fim.

BREVE CURRICULO

Nascido em 23.01.1954 em Itajaí (SC) residiu entre 1955 e 2007 em Florianópolis e desde 2007 em Biguaçu.

EXPERIENCIA PROFISSIONAL

Livrarias Lunardelli – Diretor Comercial e Financeiro - 1965 até 1984

Editora Lunardelli – Editor, Diretor Industrial e Comercial - 1970 até 1984

Jornal A Ponte – Jornalista, Editor Chefe e Diretor - 1976 até 1985

TV Cultura– Florianópolis – Produtor /Apresentador - 1982 até 1984

TV Barriga Verde – Diretor de Proj. Especiais/ Apresentador - 1984 até 1986

Livros Luiz Lunardelli – Diretor Presidente - 1984 até 2002

Super-AtacadoLunardelli – Diretor Presidente - 1984 até 2004

Lunardelli Suprimentos – Conselho de Administração - 2003 até 2010

Marina 3 Mares – Sócio e Empreendedor - 2007 até 2019

Restaurante Marina 3 Mares – Proprietário - 2007 até 2019

Jornal Notícias do Dia – Colunista de Cotidiano - 2009 até 2010

Jornal Biguaçu em Foco – Colunista de Cotidiano - 2010 até 2013

Prefeitura Municipal de Biguaçu – Secretário de Comunicação - 2010 até 2014

Restaurante Dona Zilda – Proprietário - 2018 até 2019

EXPERIENCIA EM ENTIDADES CLASSISTAS, SOCIAIS E POLÍTICAS

Associação Cat. de Editores e Livreiros – Fundador e Presidente - 1982 até 1990

Câmara Catarinense do Livro – Fundador e Vice-Presidente - 2000 até 2004

Fundação Hermon – Fundador e Presidente - 2000 até 2003

Diretório Estadual do PP – Secretário de Comunicação Social - 2007 até 2010

Associação de Moradores de São Miguel – Vice-Presidente. eSecret. - 2007 até 2010

Acatmar – Assoc. Cat. de Marinas – Fundador e Presidente e Conselheiro - 2008 até hoje

Academia de Letras de Biguaçu – Ocupante da Cadeira nº 19 - 2012 até hoje

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Contabilidade – Academia de Comércio de SC - 1971

Administração de Empresas – UFSC - 1977

Pós Graduação em Segmentação de Turismo – UFSC - 2008

OSMARINA MARIA DE SOUZA

Cadeira nº 20



ENCANTOS E ENCONTROS

O que e onde buscar algo para atender este título?
Fui nos guardados da memória e cheguei ao Grupo de Convivência de São Miguel.

Quantos cantos e que encanto encontrei.

Para meu trabalho de final do Curso de Monitores da Ação Gerontológica NETI/UFSC, fui com outra colega indicada a fazê-lo no citado Grupo.

Ah! Que encanto, que recepção, que simpatia. Hoje fecho os olhos e vejo todas trabalhando e cantando saudosas canções de sua juventude e relembrando passagens de suas infâncias ali na vila de São Miguel.

Ao término de nosso estágio todas participantes do Grupo nos deram depoimentos que registramos e gentilmente a Editora da UFSC publicou em um livro que intitulamos “Nossas Memórias” e cada uma recebeu um exemplar.

Agora a Academia de Letras de Biguaçu nos solicita um trabalho para a Coletânea de 2019, cujo tema é Cantos e Encantos. Então, nada melhor para relembrar e homenagear aquelas senhoras do Grupo com algumas de suas frases. Frases essas que por encanto ficaram em nossas memórias registradas e publicadas..

Era uma linda tarde do mês de maio de 1997 quando lá chegamos e fomos recebidas pela Coordenadora Maria da Graça Carvalho que nos contou um pouco da história do Grupo, da vila de São Miguel e da Histórica Igreja.

O Grupo, disse Maria da Graça, foi fundado com 19 senhoras, no dia 2 de agosto de 1995 com a finalidade de valorizar as criveiras da vila e funciona em um anexo à Igreja de São Miguel. Hoje somos trinta senhoras e dois homens.

Passados 22 anos de nosso estágio eis aqui uma ou duas frases dos importantes depoimentos de saudade e de vida daqueles participantes,

MARIA DA GRAÇA – Nasci em Biguaçu. Minha família era muito pobre e eu tinha dez irmãos. Perdi minha mãe muito cedo e fui criada por meus irmãos. O que mais gosto de fazer é cozinhar e cuidar da Igreja, gosto também de dançar. Minha maior alegria foi quando fui convidada para Festeira na festa do Divino Espírito Santo.

EDITE CATARINA – Nasci em São Miguel e sou casada há 20 anos. Minha infância foi muito sacrificada, somos 9 irmãos, abandonados por minha mãe e criados

por nosso pai. Trabalhei muito para ajudar nas despesas. Já Fui a Aparecida efui a São Joaquim ver os pés de maçã que achei muito lindo.

IVONETE COUTINHO PEREIRA – Sou natural de Tijuquinhas. O que mais gosto de fazer é bordar e do serviço caseiro. Tenho sete irmãos meu pai lutou com muita dificuldade, casei cedo e pouco depois fiquei viúva. Apesar dos sacrifícios minha vida é boa.

IVONETE DOS PASSOS – Sou natural do Jordão. Tenho saudade da vida de solteira, tudo era muito simples. Quando criança não gostava de estudar e fazia banguça na sala.

MARIA DA GRAÇA – Nasci em Cachoeira estudei até o terceiro ano primário. Aprendi a fazer crivo com 7 anos.

Lembro as brincadeiras de ratoeira, e na colheita do café se cantava muita cantiga de roda, Meu pai disse que no dia que nasci a geada foi tão forte que as bananeira ficaram todas queimada.

MARIA FELICIDADE – Nasci em Tijuquinha quando eu tinha 19 dias minha mãe morreu fui então criada por minha avó. Fui muito feliz no casamento, acho que para compensar as dificuldades da infância. Gosto de estar em casa crocheteando. Quando preciso tomo chá de melissa, erva cidreira, hortelã e cana-limão.

RAQUEL CARVALHO – Nasci em Tijuquinha meus pais não deixavam nós sair de casa, fomos muito presos, então namorei e casei com 15 anos e sofri muito meu marido era passeador e só passeava sozinho. Dizia que mulher tinha que cuidar da casa.. O que mais gosto de fazer é costurar.

ALCIDA ANGÉLICA – Gosto muito de viajar. Meu marido era lavrador e na época de fazer farinha to-

dos íamos para o engenho. Meu marido não gostava de dançar nem passear então eu nunca dancei nem passeei, mas posso dizer que fui a Aparecida e fiquei muito feliz.

ALVINA FLORIANO – Nasci em Morretes, no Paraná vim para Santa Catarina com 20 anos. Gosto de cuidar do quintal e das flores. A maior festa que lembro foi no diado meu casamento, minha mãe já havia morrido mas mesmo sentindo a falta dela acho que foi o dia mais feliz da minha vida.

AQUILINA COAN – Nasci em Orleans. Trabalhava na roça. Onde eu morava não havia carros e quando passava um caminhão todos corriam felizes para gritar e bater palmas. Estudei até o terceiro ano primário e na mesma sala comigo estudava o futuro Padre Evaristo Debiasi.

CARMEM BOVEE – Nasci em Brusque e quando me casei vim morar em São Miguel. Trabalhamos com Flores, hoje quase não plantamos mais. Temos três caminhões que vão a Holambra buscar as flores que vendemos em Florianópolis.

CATARINA NUNES – Nasci em São Miguel. Gosto de fazer crivo. Fui muito pobre, passei muita necessidade, com a doença de meu marido tudo se complicou,mas ainda assim consegui criar meus filhos.

CRISTINA MARIA – Nasci em São Miguel. O que mais gosto de fazer é crivo. Em solteira fui muito feliz ao contrário do casamento quando fui infeliz. Meu marido me batia muito.

DIVALMA SIMAS – Nasci em São Miguel, gosto de viajar, passear e fazer crivo. Orgulho-me de ter participado e trabalhado nos festejos dos 200 anos desta Igreja de São Miguel. Foi uma festa muito bonita, eu tinha 12 anos na época.

EUGENITA ÁGDA – Nasci em Armação da Piedade. Nunca fui à escola,.Minha infância foi saudável me divertia muito brincando na praia com as colegas da vila. Eu era feliz gostava de bailes e de cantar ratoeira.

HERCILIA VERÍSSIMO – Nasci em Biguaçu. O que gosto de fazer é serviço caseiro. Meu pai deu para nós uma boa educação. Fui feliz no casamento. Gosto de passear e viajar.

JOSEFINA ROCHA – Nasci em Anitápolis . Fui feliz no casamento, mas agora estou viúva. Na juventude morávamos tão longe da Igreja que quando tinha festa víamos a pé e parávamos em um córrego, para lavar os pés e calçar os sapatos e os rapazes riam de nós.

JULIETA SILVY – Nasci em São Miguel. Fiquei órfã com 3 anos de idade. Sou muito pobre e não vivo com meu marido, ele era terrível. Trabalhei como doméstica e na Salga de camarão para sustentar meus filhos. Hoje dependendo somente do que meus filhos me dão.

LAIDE NASCIMENTO – Nasci em Cachoeira-nunca estudei Fui batizada somente com 13 anos e nesta época já chumbava e torrava café . O que mais gosto de fazer é capinar. Sou separada do marido ele era muito namorado. Tenho muito netos e bisnetos e já viajei para Aparecida muitas vezes.

LETIZES GARCIA – Nasci em Cachoeira, sou viúva. Tive 12 filhos. Trabalhei muito na roça. Gostava de ver meus filhosarrumadinhos para irem à escola e eu então ficava feliz. Gostava também da dança da ratoeira:

MARIA D'AVILA – Nasci em Tijuquinhas, sou viúva. O que mais gosto de fazer é crivo. Orgulho-me de estar com 70 anos e nunca ter ido ao médico. Sou viúva e enfrento sérias dificuldades financeiras.

MARIA ARMINDA – Nasci em Biguaçu, sou viúva gosto muito de fazer crochê Estudei no Grupo José Brasília. Lembro-me das festas de Santa Terezinha e de Nossa Senhora dos Navegantes. Meus pais eram muito bons para nós e nos deram muito carinho.

MARIA COSTA – Nasci em Jordão, quase não ia a escola porque minha mãe dizia que era preciso trabalhar para ajudar porque meu pai era doente. Ia aos bailes fugida e apanhava na volta. Gostava de colher café. Subia no cafezeiro chupando laranja e cantando. Deste tempo tenho saudade.

MARIA IRENE – nasci em Cachoeira. O que gosto de fazer é crivo e dançar. Não fui feliz no casamento, mas mesmo assim o casamento durou 47 anos hoje sou viúva.

MARIA MEDEIROS – Nasci em Sertão de Biguaçu. Hoje sou viúva, meu pai não queria que eu casasse, mas casei e fui muito feliz. Tenho saudade dos tempos que íamos as festa do Senhor dos Passos em Biguaçu. Íamos a pé brincando e rindo pela estrada. A maior alegria de minha vida foi ter ido a Aparecida.

NAGIBRE MARIA – Nasci em Governador Celso Ramos. Fui feliz no casamento. Pobres, mas meu marido era muito bom. Lembro quando em solteira íamos aos bailes em turmas e sempre uma senhora a nos acompanhar. Os namorados não podiam encostar, era feio... Fazíamos modinhas e brincávamos de roda e éramos muito felizes.

NAIR SIQUEIRA – Nasci em Tijuquinhas. Estudei até o terceiro ano.. Gosto de fazer crochê, ler romance e caminhar. Moro com meu filho. Ele e minha nora são muito bons para mim. Lembro que quando eu era pequena tinha um tio que era o homem mais rico do lugar, mas acabou ficando muito pobre. Minha mãe me falou que esse meu tio surrava os escravos com relho.

SINDRÔNIA MARIA – Nasci em Jordão. Meu maior sonho é ir a Aparecida. Sou viúva. Minha mãe morreu quando eu tinha um mês e fui dada para outra família. Lembrou a mãe que me criou contava histórias de bruxa e eu ficava com muito medo. Senti muito a morte de meu marido ele era muito bom.

ZELI SOUZA – Nasci em Florianópolis. Gosto de cozinhar, bordar e costurar. Sou muito feliz meu esposo é muito bom. Feliz também quando encontro amigos de infância para relembrar casose fatos passados. Gosto de cantar ratoeira. Tenho saudade do tempo em quecantávamos ratoeira e dos pão-por-deus.

ZILDA ONÉLIA – Nasci em São Miguel. Sou viúva, mas fui feliz no casamento. Quando solteira minha mãe me deixavair aos bailes com um casal idoso, mas depois de casada meu marido não gostava de baile então não dancei mais.

OLÍVIO ANTÔNIO – Eu nasci em São Miguel. Nunca fui a escola. Tenho saudade de São Miguel dos anos 40 e 50. Naquela época eu ia aos bailes, mas não dançava porque não sabia. Lembro-me dos Ternos de Reis, e eu tocava gaita de boca. O pai da minha namorada não gostava de mim então ela terminou o namoro.

Eis ai algumas frases que selecionei. São frases de saudade e já são passados 22 anos da época que ouvimos estes depoimentos. Espero, ainda que muitas ainda estejaentre nós e lembrem de nossa passagem pelo Grupo.

Elas falaram muito de saudade, de suas histórias de vida, de bruxas, que se transformavam em borboletas para à noite vir chupar o sangue das criancinhas.

Dos LOBISOMEM que atacavam as pessoas à noite para também chuparem o sangue.

Falaram de PÃO-POR-DEUS:

Lá vai meu coração
Entre cravos e cravinas
Vai pedir o pão-por-deus
Aquela linda menina.

Falaram de ERVAS CURATIVAS:

Arruda, alecrim, losna, sálvia, louro, cidreira,
malva etc...

Falaram dos TERNOS DE REIS:

Se quiser dar vossa oferta
Dá-me agora sem demora
Pois as noites são pequenas
E nos temos que ir embora.

Falaram das BRINCADEIRAS DE CIRANDA:

Fui fazer a minha cama
Na janela mais ventosa
Deu o vento na roseira
Encheu a cama de rosa.

Falaram das BENZEDURAS PARA OS DIVERSOS MALES:

Para picada de cobra:
São Bento e água benta
Jesus Cristo no altar
Os bichos que estão em meu caminho
Arredam que eu quero passar
Com nome de Deus e da Virgem Maria.
Para azia:
Santa Sofia tinha três filhas
Uma fiava, outra tecia,

E a terceira benzia de mal de azia dizendo:
Azia azeda, te retira
De cima dessa pedra
Com o nome de Deus e da Virgem Maria.

E assim caros leitores as participantes do Grupo de Convivência de São Miguel, felizes com seus depoimentos também nos permitiram apresentar com sucesso nosso trabalho de finalde Curso.

Bem humoradas nos encantaram com seus CANTOS e ENCANTOS vividos na histórica Vila de São Miguel.

Síntese Biográfica de Osmarina Maria de Souza

Natural de Florianópolis
Nascida em 17/11/1929
Estado civil – Divorciada

Func. estadual (aposentada) Secretaria do Estado da Agricultura e da Pesca

Residência- Rua Osni João Vieira 230/204
Campinas – São José/SC
CEP 88110 270

Tem o Curso Normal Regional – 1964

— Supletivo Segundo grau – 2009

— Curso de Monitores da Ação Gerontológica – NETI/UFSC – 1997

— Mini-curso Técnica de Jornalismo 2009

É fundadora da Associação dos Cronistas Poetas e Contistas Catarinense

Fundadora da Academia São José de Letras; Cadeira 20 Patrono Luiz Delfino dos Santos

Fundadora da Academia Desterrense de Letras - Cadeira 10- Patrono Oswaldo Rodrigues Cabral –(Academia desativada)

Fundadora da Academia de Letras de Biguaçu - Cadeira 24 Patrono João Nicolau Born

Fundadora da Academia Alcantarense de Letras – Acadêmica Honorária;

Fundadora da Academia Brasileira dos Contadores de Histórias; Cadeira 12- É patrona de sua Cadeira

Fundadora e Presidente da Academia de Canto e Letras do CENETI/UFSC cadeira nº 01 Patrona Neusa Mendes Guedes

Fundadora da Academia Desterrense de Literatura Cadeira 13 Patrono Oswaldo Rodrigues Cabral

Fundadora da União Brasileira dos Escritores (afastada)

Fundadora do Grupo Literário Terceiro Tempo; (Já sem atividade)

Membro Efetivo do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina;

Co-fundadora da escola de Samba Unidos da Colônia

É voluntária no NETI/UFSC – desde agosto de 1994

Tem 5 Livros publicados, e mais quatro em parceria com outras escritoras

Tem participação em 52 Antologias Poéticas;

Tem participação e 17 jornais alternativos no país

Tem o Troféu Manezinha da Ilha pela Prefeitura Municipal de Florianópolis ,

Troféu Senatus Pópulis pela Prefeitura Municipal de Florianópolis

Troféu Cruz e Sousa pela ADL

Troféu Oleiro pela Câmara Municipal de São José SC
Troféu Caminhando com Arte – ALB de SC
Troféu Dalvina de Jesus Siqueira pela Academia de Letras de Governador Celso Ramos
Medalha de Mérito Cultural pela Câmara Municipal de São José;
Medalha pelo Dia do Escritor, pela Academia de Governador Celso Ramos
Medalha Lauro Junckes pela Academia de Gov. Celso Ramos
Medalha Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de São Pedro de Alcântara
Medalha Neusa Guedes pela AMAG
Título Honorífico “Causas Imortais” pela Academia De Letras do Brasil – Rio de Janeiro
Homenagem Especial do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais pelo trabalho em prol da Cultura – Brasília
Participação como palestrante sobre Cultura Açoriana em Santa Catarina no Instituto de Ensino Superior de Setúbal – Portugal;
Participação como palestrante no Encontro da “Voz dos Avós” na Universidade Federal dos Açores na Ilha São Miguel – Açores;
Palestrante no Forte Santa Cruz em Ponta Delgada- Açores
Participação na Conferência Municipal para Política da Pessoa Idosa - Fpolis
Participação na Conferência Estadual para Política da Pessoa Idosa – Fpolis
Participação na Primeira Conferência Nacional para Política da Pessoa Idosa – Brasília.
Participação em Encontros de Estudantes Universitários da Terceira Idade em 10 cidades brasileiras –

Santa Maria –RS, Caxias do Sul RS, Juiz de Fora – MG, Ilhéus – BA , Foz\ de Iguaçu- PR, Aracaju – SE, Campo Grande – MS, São Luiz – MA, Palmas –TO e Fpolis – SC.

Medalha Rui Barbosa – Águia de Haia pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos – OMDDH

Título de Embaixadora da Paz pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos

Título de Destaque Cultural em 2017, pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos

Título Amigo da Cultura pelo Grupo de Poetas Livres.

Participação em 62 Conferências, Fóruns, Encontros em diversas cidades da Federação

– Assinado pelo Senhor L Presidente Vieira da Silva. Presidente do INCRA por ocasião dos serviços prestados no trabalho para Eletrificação Rural em Santa Catarina

– Assinado pelo senhor Helmuth Wiese – Presidente da Confederação Brasileira de Apicultura por serviços prestados por ocasião do Congresso Brasileiro de Apicultura em 1984,

– Assinado pelo senhor Antônio Carlos Konder Reis – Governador do Estado de Santa Catarina pelos trabalhos prestados à ERUSC em 1976.

Elogios

Atualizado em 30-04-2018

Osmarina Maria de Souza

Cadeira nº 20 – João Nicolau Born

João Nicolau Born filho do prussiano Johan Gehardt e Maria Gertrudes Lenhardt que migrou para o Brasil se estabelecendo na região de São Pedro de Alcântara onde nasceu João Nicolau Born, em 20 de junho de 1845. Ajudou seu pai na agricultura e assim continuou sua vida plantando e descendo a calha do rio com suas mercadorias para vendê-las na foz do rio ou atravessando a baía para leva-las à vila de Florianópolis.

Mais tarde mudou-se para Biguaçu e em 1874 construiu sua casa comercial. Mais tarde construiu ao lado o casarão, para sua residência e que hoje abriga a Casa da Cultura da cidade e a Academia de Letras.

Tornou-se político e foi o primeiro Superintendente da Vila, eleito em 1895, o que corresponde ao hoje cargo de Prefeito. Foi ele quem articulou com o Governador Antônio Moreira Cesar a transferência da sede da vila de São Miguel para a Foz do Rio Biguaçu. O documento de transferência foi assinado no dia 22 de abril de 1894 cujo documento recebeu o número: 183.

João Nicolau faleceu em 30 de janeiro de 1911 deixando seu nome na história da cidade de Biguaçu.

FERNANDO HENRIQUE DA SILVEIRA

Cadeira nº 21



BIGUAÇU

Falar da querida cidade de Biguaçu é sempre muito fácil e prazeroso.

Biguaçu é rica em belezas naturais, possuindo vastas plantações, fornecendo muitas frutas, verduras e demais alimentos para o consumo próprio, bem como para as cidades próximas.

A cidade possui áreas com plantação de grama, formando uma linda paisagem no caminho que leva até a cidade de Antônio Carlos.

A população da cidade de Biguaçu é muito receptiva e trabalhadora, o que ajuda no crescimento do município.

Biguaçu contribui em muito com o desenvolvimento social, artístico, literário e empresarial da Grande Florianópolis.

Morar em Biguaçu é poder conciliar a tranquilidade da vida no campo, com algumas facilidades da vida na cidade, pois Biguaçu está integrada com a capital do Estado, nossa querida Florianópolis.

Grandes personalidades artísticas, literárias e políticas de Santa Catarina, nasceram na cidade de Biguaçu, entre elas o poeta Cláudio Alvim Barbosa, conhecido como “Zininho”.

Com grandes escritores, historiadores e intelectuais, a criação da Academia de Letras de Biguaçu, contribuiu em muito com a produção literária, incentivando na melhoria da educação no município, inclusive com a criação da Academia de Letras Mirim, o que objetiva despertar novos talentos e fortalecer o incentivo a leitura e a escrita entre os jovens do município.

A cidade recebe grande número de turistas, pois seu território é cortado pela BR 101, passagem obrigatória para quem vai ao Rio Grande do Sul ou ao Paraná.

Biguaçu conta com pontos turísticos e históricos de grande importância e beleza, como o Parque Urbano Municipal Lagoa do Amilton, espaço propício para a prática de esportes, com brinquedos para as crianças e espaço com bancos que possibilita as boas conversas e convivência entre idosos.

No centro, vários locais merecem uma visita, entre eles a Paróquia São João Evangelista, Mercado Público, Praça Nereu Ramos e o Centro Cultural Casarão Born, espaço destinado a fomentar a cultura.

No Balneário de São Miguel, fica localizado o Aqueduto, que era utilizado para canalizar a água da Cachoeira de São Miguel, objetivando abastecer com água potável os moradores da região, entre outras funções. Com a construção da rodovia BR-101 os arcos acabaram sendo demolidos, restando agora apenas quatro. Tombado pelo serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, compõe o Conjunto luso-açoriano, junto com a Igreja de São Miguel e a Casa dos Açores - Museu Etnográfico.

A cidade conta com uma Biblioteca Pública, que possibilita aos munícipes, acesso ao conhecimento, cabendo aos pais e professores incentivar diariamente as crianças, para que utilizem o espaço, promovendo a leitura e a troca de experiências.

Importantes instituições de ensino já se estabeleceram no município, entre elas a Univali, importante parceira no desenvolvimento do município, contribuindo com a formação acadêmica dos munícipes, bem como sendo importante empregador.

A cidade conta com excelente via gastronômica, principalmente no Balneário de São Miguel, com ótimos restaurantes, que servem diversas delícias, entre elas as preparadas com frutos do mar.

Biguaçu conta com um Fórum, por ser sede da Comarca, que compreende também os Municípios de Governador Celso Ramos e Antônio Carlos.

Novos e belos loteamentos e prédios, estão sendo construídos no município, trazendo mais moradores para esse lindo paraíso, que se chama Biguaçu.

Parabéns Biguaçu.

ORIVAL PRAZERES

Infelizmente não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente Orival Prazeres, cidadão da mais alta estima dos que o conheceram. Faleceu logo após minha participação mais ativa nas atividades da Academia de Letras de Biguaçu.

No lançamento do Livro que trata dos 30 anos do Rotary Club de Biguaçu, que coincidiu com o aniversário da Academia de Letras de Biguaçu, Orival Prazeres estava representado por uma das filhas, em decorrência do seu quadro de saúde, momento em que falou em nome do seu pai.

Recebi das mãos do Presidente da Academia de Letras de Biguaçu, Dr. José Braz da Silveira, amigo pessoal do Sr. Orival Prazeres, a Antologia 2018 da Academia, bem como um exemplar do livro do Rotary.

Alguns dias após a cerimônia, enquanto eu lia a obra referente ao Rotary, recebi mensagem do Dr. Braz, comunicando o falecimento do Amigo Orival.

Finalizei a leitura da obra, percebendo o quanto Orival Prazeres gostava do Rotary Club de Biguaçu.

Quando da sessão póstuma realizada pela Academia de Letras de Biguaçu, pelo grande número de pessoas que falaram em nome de diversas entidades, constatei o quanto ele era querido e importante na vida das pessoas.

As pessoas falaram dele como um cidadão do bem, amigo, leal, companheiro, participativo, inteligente, pai e marido amoroso, dentre tantas outras qualidades.

Na mesa que estava na sessão póstuma, havia um cesto de vime, com diversas obras. Imaginei que se tratavam de algumas obras dos escritores da Academia, en-

tretanto, para minha surpresa, soube que se tratavam de mais de 10 obras que ele lançou ou fez parte, durante os anos que fez parte da Academia.

Na mesma cerimônia, soube que meu nome estava sendo cogitado para assumir a cadeira 21. Cadeira até então ocupada por Orival Prazeres.

Apesar da alegria e honra pela menção ao meu nome, confesso que em um primeiro momento me causou preocupação, pois não possuo ainda obras lançadas, apesar de diversos trabalhos acadêmicos e artigos publicados em jornais da região, sendo agora também colunista diário no Jornal Biguaçu em Foco.

Durante a sessão póstuma tive outra surpresa, a de que Orival Prazeres, assim como eu, quando do ingresso na Academia de Letras de Biguaçu, não possuía obras lançadas. Que surpresa, saber de tal coincidência.

Hoje sou rotariano no mesmo Clube que ele, bem como participo de outros grupos que ele também participou, tendo na cerimônia de posse no Rotary, contado com a presença da sua então esposa Sr^a Maria Helena Lara Prazeres, carinhosamente conhecida como “Dona Baiana”, o que abrilhantou ainda mais aquela noite, momento em que pudemos, mesmo que rapidamente, falar dessa pessoa tão maravilhosa que foi Orival Prazeres.

Biguaçu me proporcionou mais esse encontro, com pessoas de bem, que só dignificaram o nome do município. Assim também farei, trabalhando, estudando e me dedicando à cidade que escolhi para morar com a minha família.

Que o Grande Arquiteto do Universo nos proteja, ilumine e guarde.

Síntese Biográfica de Orival Prazeres

- Advogado (OAB/SC nº 25.652).
- Funcionário Público Estadual a mais de 24 anos, atualmente atua na Secretaria de Estado da Administração.
- Pós graduado a nível de especialização em Direito Penal e Processual Penal, com formação para o ensino superior. Formado na Escola de Preparação e Aperfeiçoamento do Ministério Público de Santa Catarina.
- Graduando em Administração - UFSC.
- Pós graduado a nível de especialização em Licitações e Contratos.
- Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais.
- Foi Professor de Direito em cursos de graduação e sequenciais.
- Sócio Emérito e Membro da Academia de Letras de Biguaçu, cadeira 21.
- Conselheiro Titular, VicePresidente da Comissão de Moralidade Pública, Representante no Conselho da Comunidade da Comarca e Indicado no Conselho Municipal Anti Drogas da OAB - Biguaçu (Gestão 2019/2021).
- Colunista diário no Jornal Biguaçu em Foco.
- Participa de entidades filantrópicas e filosóficas.
- Recebeu o certificado Amigo do Cadeirante (Rotary Club de Biguaçu) e o Certificado Homem Brilhante 2019 (Instituto Articulli e Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina).

PATRONO: JORGE LACERDA

Nasceu na cidade de Paranaguá (20 de outubro de 1914), filho de imigrantes gregos. Ele iniciou seus estudos primários na Escola Paroquial de Paranaguá, em 1922, cinco anos mais tarde, em 1927, ele fez o ginásio no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Jorge Lacerda formou-se em medicina em 1937. Foi jornalista da área de cultura e oficial de gabinete do Ministro da Justiça Adroaldo Mesquita da Costa. Em 1940, na Capital da República, ele trabalhou no jornal “A Manhã”.

Em 1945, é candidato a deputado federal por Santa Catarina. Tem boa votação, mas não se elege por não ter a legenda partidária necessária.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Niterói (RJ) em 1949. Elegeu-se deputado federal pelo PRP em 1950, para a 39ª legislatura (1951 - 1955), reeleito em 1954 para a 40ª legislatura (1955 - 1959).

No jornal “A Manhã”, funda e assume a direção do Suplemento “Letras e Artes”, em 1946. Com uma nova edição jornalística e abrangendo todas as classes de artistas, o Suplemento “Letras e Artes” representa um marco importante na literatura brasileira.

Jorge Lacerda se candidata ao governo de Santa Catarina, pelo PRP, novamente em coligação com a UDN, em 31 de janeiro de 1956.

Em 16 de junho de 1958, aos 43 anos de idade, morre em acidente de avião em Curitiba, juntamente com o ex-presidente e senador Nereu Ramos e o deputado federal Leoberto Leal.

VALÉRIA MARIA KRAVCHYCHYN

Cadeira nº 24



BIGUAÇU: Encantos e Encontros

Quando se pensa em encantos e encontros na cidade de Biguaçu, muitos lugares, que marcaram diferentes épocas, povoam nossas mentes.

Sendo assim, de imediato, pensei em escrever sobre atividades ou lugares que propiciaram ou propiciam estes encantos e encontros.

Do passado, vieram-me as serestas, protagonistas de encontros lúdicos que, em tempos sem muitas opções

de lazer, eram ponto de encontro para se ouvir música, confraternizar, fazer amizades e, talvez, até para conhecer alguém especial.

Lembrei-me, também, do antigo mercado público, fundado em 1939 e restaurado em 2016, e do bar da Zilda, fundado em 1944, que, durante décadas, sob diversas direções, sediando inúmeros comércios, foram, e ainda são, pontos freqüentados por muita gente.

E a secular Praça Nereu Ramos? É quase impossível passarmos por ela sem encontrar um conhecido. Em tempos mais recentes, então, nem se fala. Afinal, quem não tem uma aprazível lembrança de um encontro, durante aquele lanchinho do meio da tarde nas panificadoras Marilu ou Doce Pão, ou de um almoço ou jantar inesquecível em um dos restaurantes da Rota Gastronômica de São Miguel?

O fato, é que se nós formos por este caminho, chegaremos a uma única conclusão: a cidade de Biguaçu sempre foi, e continua sendo, toda “Encantos e Encontros”.

Enquanto refletia sobre qual destas atividades, ou locais, eu deveria escolher para ser mais fiel quanto ao tema, tão óbvio para mim, pois eu mesma, não sei se por uma espécie de “herança genética” – meu pai foi uma das pessoas mais apaixonadas por Biguaçu que eu conheci -, fiquei encantada com a cidade, desde o dia que a “encontrei”.

Foi, então, que o “óbvio ululante” se revelou!

Atuando como colunista social na Comarca de Biguaçu, tenho sido testemunha ocular de todos os tipos de encontros e encantamentos locais.

Em minhas quase duas mil colunas publicadas, presenciei e registrei um sem número de eventos, festas e celebrações. Foram, entre outras, celebrações de casamentos, batizados, inaugurações jantares e almoços co-

memorativos a datas especiais, como do Dia dos Pais e Das Mães, bailes e festas de aniversários, de pessoas de um a cem anos.

Isto, sem contar as festas populares, as comemorações de empresas, eventos esportivos e as ações que, entre outros, tiveram como objetivo ajudar pessoas ou preservar a natureza.

Mas, como diz o ditado: “uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Portanto, espero que, ao anexar a este texto uma pequena parte das imagens por mim registradas, como colunista nesta última década, eu esteja, também, dividindo com vocês alguns destes encantadores e inesquecíveis encontros que vivenciei em nossa querida Biguaçu.

Biguaçu: “Encantos e encontros”:

De comemorar:



Fazendo parte das comemorações dos 177 anos de Biguaçu, de 07 a 17 de maio de 2010, foi realizada, no CTG Sela de Prata, a 14ª Bigfest. A festa, prestigiada

por mais de 100mil pessoas, de todas as idades, e vindas de diversos municípios da Grande Florianópolis, contou, entre outras atrações, com parque de diversões, gastronomia variada, e shows locais e nacionais. No dia 17, o público presentetambém pôde degustar um pedaço do delicioso bolo de 17 metros, feito em homenagem ao evento. No mesmo local e período, aconteceu, também, a “1ª Feira Industrial e Comercial de Biguaçu.”

Da alegria



O nosso eterno Rei Momo Carioca, ladeado pelas belas Maiandra Cristina Prim (2ª Princesa), Bruna Gonçalves de Araujo (Rainha) e Ariana Luiz (1ª Princesa). No clique, eles têm como cenário o verdadeiro “mar de foliões” que, no dia 28 de fevereiro de 2014, esteve presente na Avenida Marcondes de Mattos, para desfrutar do “Carnaval da Família de Biguaçu”.

Do esporte



Time dos deputados



Time desafiante

Biguaçu estava em festa na noite de 04 de julho de 2013. O “Futebol Solidário”, em prol da APAE/Biguaçu, trouxe, para a nossa cidade, um time de estrelas “de diversas constelações”. Nem preciso dizer que o evento lotou o estádio do BAC (Biguaçu Atlético Clube). Entre os jogadores, que compuseram o “Time dos Deputados”, estavam Acelino Popó, Tririca, Romário, Danrlei (ex-goleiro do Grêmio) e Esperidião Amin. O adversário, um time local, treinado pelo ex-prefeito de Biguaçu José Castelo Deschamps, foi composto por jogadores profissionais, tanto do presente

como do passado, entre eles André Santos, Albeneir (ex-Figueirense), Marquinhos Santos e Tadeco (ambos do Avaí), “reforçado” com as presenças do ator Kadu Moliterno, do empresário Rafael Kuerten, e de atletas amadores da cidade. No final da partida, o placar marcou 03 X 02 para o Time dos Deputados.

Dos 15 anos



Daina Meurer, linda de viver, na foto com os pais Mari-sete Pereira Meurer e Adrinei Meurer, debutou, no dia 21 de outubro de 2017, no lindamente decorado salão de festas da Igreja Matriz. O pai aniversariante, proprietário do Meurer Buffet, um dos mais requisitados da Grande Florianópolis, contrariando o ditado “Casa de ferreiro, espeto de pau.”, promoveu uma das mais bonitas festas de 15 anos já realizadas em Biguaçu.

Da fé



Às 15 horas, do dia 05 de setembro de 2015, após longos anos de empenho e de orações, dirigidas à Mãe Peregrina, os fiéis catarinenses (em torno de 180 mil pessoas no estado recebem em suas casas a imagem da Santa) foram atendidos.

Foi nesta data que, durante uma Santa Missa, realizada pela Província Tabor de Santa Maria (RS), juntamente com toda a Família de Schoenstatt, e presidida pelo reverendíssimo Dom Wilson Tadeu Jöncke, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, com muita alegria, os devotos puderam acompanhar a bênção do primeiro terreno - localizado no bairro Tijuquinhas, em Biguaçu –, a sediar um Santuário da Mãe Peregrina de nosso Estado.

De união



O dia 26 de novembro de 2018 foi marcado pela união do bonito casal Janaína Adriano de Barros e João Luiz Luz. Os noivos, filhos de duas famílias tradicionais de Biguaçu, escolheram o altar da linda Capela de São Miguel para o seu aguardado “Sim”. A elegante recepção foi realizada no paradisíaco Mirante Gold Party, espaço para festas popularmente conhecido como “Casa do Papai”.

Do Bem



No domingo, 19 de novembro de 2017, o Rotary Club, em parceria com os Escoteiros de Biguaçu, o Asilo do Seu Doca, a Casa Lar Vó Sebastiana e o Rotaract, promovia a 3ª edição do seu “Festival de Risoto”. O evento beneficente, realizado no Centro de Eventos Petry em Biguaçu, contou com quase 100 risoteiros voluntários, que serviram mais de 60 versões diferentes do prato.

Da música



A Escola de Música de Biguaçu - hoje “Escola de Música de Biguaçu Reduzino Romão de Faria” -, foi fundada pela Prefeitura Municipal em 10/07/2006, tendo, como objetivo inicial, implantar uma orquestra no município. Registrei a imagem a seguir, na noite do dia 14 de outubro de 2011, logo após a execução do belíssimo “Concerto Comemorativo”, apresentado pela “Banda Sinfônica Municipal de Biguaçu”, em homenagem ao aniversário de 02 anos do Centro Cultural Casarão Born. A regência foi assinada pelo maestro Levi Alexandre Rodrigues da Silva (centro à esq.), na foto ao lado do co-regente Artur José Fernandes.

Do Natal



Milhares de munícipes acompanharam, na noite do dia 05 de dezembro de 2018, a abertura da programação do Natal Esperança em Biguaçu. Pessoas de todas as idades, eram só emoção com o acendimento das luzes da decoração da Praça Nereu Ramos, as apresentações, e a aguardada “Caravana de Natal Coca-Cola”, que chegou com os seus caminhões iluminados trazendo o Papai Noel.

De homenagear



A Academia de Letras de Biguaçu (ALBIG) promoveu, no dia 15 de junho de 2019, no Centro Cultural Casarão Born, uma Sessão Solene em homenagem aos 186 anos da cidade. Durante o evento, que foi prestigiado pelos acadêmicos, acadêmicos mirins, amigos e familiares destes, bem como por diversas autoridades, foram enaltecidas, em forma de textos e poemas, a beleza e os encantos do município.

De participar



O dia 12 de julho de 2016 foi uma data histórica para Biguaçu. A passagem da Chama Olímpica dos Jogos Rio 2016 pelo município deixou, por 45 minutos, nossa cidade sob os holofotes do mundo.

Foram 10 os condutores, que se revezaram na condução da Tocha, entre eles a escolhida para representar o município, a ex-atleta Célia Goedert.

A população também não deixou por menos. Durante todo o percurso, os condutores foram acompanhados por milhares de pessoas, que, hoje, com orgulho, guardam milhares de selfies, todas com aquela expressão encantada de: eu faço parte deste momento!

Patrono: Paschoal Apóstolo Pítsica

Paschoal Apóstolo Pítsicanasceu em 26 de novembro de 1938, em Florianópolis, e foi também na capital que ele veio a falecer em 2003.

Dentre as muitas atividades que exerceu, profissionalmente, estão as de advogado, jornalista, professor de português, legislação, sociologia e economia, vereador e presidente da Câmara de Vereadores do município de Maravilha, cidade onde também atuou como magistrado, entre 1970 e 1973.

Escritor de destaque, em 1957, liderou o Movimento Litoral, um marco na história literária de Santa Catarina, época em que dirigiu a Revista Litoral. Além de ter inúmeros artigos publicados em jornais e revistas do Estado e do País, e de ter figurado como autor de apresentações e prefácios de diversas obras, publicou, também, romances de sua autoria. Foi membro de diversas instituições literárias, entre elas a Academia Catarinense de Letras (cadeira 25), entidade que ele presidiu por 15 anos (de 1988-2003), a Academia São José de Letras, onde foi presidente de Honra e a Academia de Letras de Biguaçu, bem como atuou como sócio correspondente de diversas academias de letras de vários estados. Foi, também, membro do Conselho Estadual de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, no qual, por mais de 25 anos, exerceu o cargo de Orador. Em 1989, recebeu o título de Sócio Emérito do referido Instituto, e dirigiu, por mais de dez anos, a Associação Helênica de Florianópolis (Colônia Grega), em Santa Catarina.

Recebeu inúmeras honrarias, entre elas a “Medalha Cruz e Sousa”, a “Medalha do Mérito Anita Garibaldi”, e a Medalha “Giuseppe Garibaldi” da Associazione

Nazionale Veterani e Reduci Garibaldini. Hoje, ele dá nome para o prêmio literário “Prêmio Paschoal Apóstolo Pítsica”, criado em 2007, pela Academia Catarinense de Letras, a ser concedido, anualmente, para uma personalidade.

MIGUEL JOÃO SIMÃO
Cadeira n° 25



Dalvina dos Ganchos
A Grande Personalidade literária
da Comarca de Biguaçu

Segundo registros oficiais, o processo educacional de Ganchos iniciou a partir de 1850, com professores particulares que deslocavam-se para a região, foi o caso do professor Inácio Francisco Brito que nesse mesmo ano lecionava em Caieiras e passou também a trabalhar em Ganchos.

A Freguesia de Ganchos que passa a Distrito em 1914, começa a receber apoio governamental e a criar as escolas públicas.



No ano de 1962, os bairros Ganchos do Meio e Canto dos Ganchos inauguravam seus Grupos Escolares contruídos de alvenaria. Suas estruturas eram compostas por 03 salas de aulas cada um, banheiros e gabinete de direção. Aos poucos a escola tornava-se referência na comunidade e recebia professores de diversas regiões, principalmente de Biguaçu, sede da Comarca.

No início dos anos da década de 1970, deixou de existir a nomenclatura “Grupo Escolar” e passou a ser usado “Escola Básica”. No comando da direção da Instituição Escolar, em Ganchos do Meio, foi a professora Dalvina de Jesus Siqueira, natural de Biguaçu, nascida em 23 de agosto de 1929, filha de Otávio Clemente Martins e Maria Martins. Dalvina iniciou sua profissão no magistério catarinense em 1949. A professora chega em Ganchos com uma grande bagagem de conhecimentos na

área, base para assumir à direção da escola local, e trabalhar a conscientização dos pais a favor da complementação dos estudos de seus filhos.

O recém-criado Município, a partir de 1967 muda de nome, passando de Ganchos para Município de Governador Celso Ramos, que vivia a ascensão da pesca e a maioria dos pais não faziam questão que seus filhos estudassem. Era comum falar:

“aprende a fazê o nome e fazê conta, que tá bom, aqui nos Ganchos ninguém vai criá doutô mesmo”.

Com a fartura dos pescados e com as aberturas de salgas, o município começou a caminhar bem, o que colocou em risco as salas de aulas, que aos poucos iam sendo trocadas pelos trabalhos nas salgas, onde meninos e meninas de 10 a 12 anos deixaram de frequentar à escola para trabalhar.

O olhar de Dalvina para o futuro promissor dessa juventude da época foi primordial. Mulher coragem, determinada, com a força que vinha de dentro, encarava o mundo e adaptava-se em qualquer situação.

E foi assim, que com sua força e dignidade soube enfrentar os “gancheiros”, que na época mantinham status de valentes e que ignoram essas situações voltadas a escolas.

Dalvina como diretora começou a visitar as famílias. Jantava, almoçava na cada de um, na casa de outro, tornando-se assim uma gancheira por convicção e a mais respeitada das diretoras que ali atuou. Tinha cautela em falar com os pais e falava a linguagem que eles gostavam de ouvir. Era com o jeitinho dócil da mulher biguaçuense que ela encarava os problemas entre escola e comunidade. Nas reuniões de pais, conseguia encher a sala, coisa que não era comum

A direção de uma escola requer alguns cuidados especiais, principalmente a questão da conciliação entre pais e professores, muitas vezes resultando em problemas por mal entendidos entre alunos. Dalvina tinha o cuidado de viver a escola como mediadora, protegendo as crianças, mas sempre apoiando os professores.

Na escola de Ganchos, ela foi um exemplo a ser seguido como diretora escolar. Nos dias frios de inverno sua alma chorava ao ver crianças subindo o morro da escola desprotegidas do frio e da chuva, e ela com seu calor de mãe providenciava roupas que trazia para doações, agasalhando os pequenos.

Jovens que saíam da adolescência e não sabiam o norte a seguir, não querendo enfrentar o mar ou as salgas, e era a ela que eles buscavam apoio para interceder junto aos pais, para que dessem a oportunidade deles continuarem seus estudos em Biguaçu ou Florianópolis, ou até ali mesmo em Ganchos, pois muitas crianças eram obrigadas a abandonar a escola por necessidade e por falta de apoio dos pais.

Um mulher à frente de seu tempo sempre. Não esquece Ganchos e nem os gancheiros que ela teve a oportunidade de conhecer. Ainda na década de 70, já nos últimos anos, foi diretora do Colégio Maria da Glória em Biguaçu, que oferecia o curso Normal para professores, e era para lá que os gancheiros corriam, para a proteção de Dalvina.

Essa é Dalvina de Ganchos, nossa querida Estrela, Dalvina de Jesus Siqueira, que no ano de 2002, me convidou para fazer parte da Academia de Letras de Biguaçu, dessa forma, fui o primeiro gancheiro a fazer parte de uma Academia de Letras.

Desse convite, nasceu o desafio feito por ela, de criarmos em Governador Celso Ramos uma Academia de Letras, que criamos em 05 de junho de 2004, sendo ela nossa Presidente de honra.

O orgulho de ter conhecido Dalvina e ter aproveitado seu apoio me fez crescer e alavancar um grande projeto literário. Hoje confrades da mesma Academia, sou grato por sua vida e por sua sempre amizade.

Atuante na Academia de Letras de Biguaçu participando de todas as atividades, dona Dalvina também apoia as causas culturais e literárias de toda região.

Nome forte no meio cultural, ela orienta e abre caminhos aos mais jovens que buscam ingressar no meio literário através de palestras, conselhos e de suas obras que são reconhecidas por toda Santa Catarina.

Síntese Biográfica de Miguel João Simão

Miguel João Simão é natural de Canto dos Ganchos, Município de Governador Celso Ramos, local onde reside.

Professor aposentado desde 2016, ocupou por 4 vezes a função de Diretor de Escola, foi Secretário de Educação em seu município, foi professor universitário e tutor de curso a distância.

No ano de 1992 foi eleito Vereador em sua cidade, tornando-se presidente da Câmara Municipal no primeiro biênio (1993/94), eleito por unanimidade dos votos de seus pares.

Assumindo a Secretaria de Educação e Cultura em 1997 organiza o primeiro material histórico e cultural de Governador Celso Ramos, baseado em recortes de jornais, entrevistas com a comunidade e alguns dados bibliográficos que existiam sobre a fundação da cidade. Posteriormente o material foi levado a uma gráfica e transformado em Livro com o título de “Ganchos: Um pedacinho de Portugal no Brasil”

Em 2001 lança o Livro “De Ganchos a Governador Celso Ramos” resgatando a história política de Governador Celso Ramos. Em 2003 lança Maria de Ganchos e em

2006 Mulheres de Ganchos. Em 2008 lança “A Saga de Zé Gancheiro e outros contos! E em 2012 o autor lança “Ganchos: Pesca, Maricultura e Turismo”.

Além dessas obras, Miguel João Simão organizou diversas Obras e participou em mais de 30 antologias.

Suas últimas participações foram: “Entre Portas e Janelas (2017) pela Academia de Letras de Biguaçu, “Pérolas da ALBSC (2017)”, o livro infantil “As Aventuras de Ze Gancheiro – A pesca” em co- autoria com a escritora Caroline Nau Lofi (2018), e Mulher Destque (Organizador) 2018.

Reconhecido por Dalvina de Jesus Siqueira, é convidado a ingressar na Academia de Letras de Biguaçu no ano de 2002, nessa época Miguel era Professor no Curso de Pedagogia na UNIVALI – Biguaçu.

Envolvido com as questões literárias encoraja-se e cria a Academia de Letras de Governador Celso Ramos no ano de 2004, empossando os primeiros 13 Acadêmicos no dia 05 de junho do mesmo ano.

Em 2008 cria a Associação dos Escritores dos Municípios da região da Grande Florianópolis, tornando-se Presidente de Honra.

Nesse mesmo ano de 2008 foi convidado por Mário Carabajal, a criar em Santa Catarina a ALBSC (Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina).

Em 2013 toma posse na Academia de Letras de Nova Trento.

Atualmente, junto com amigos das letras já ajudou a criar mais de 100 Academias de Letras em Santa Catarina, todas Seccionais da ALBSC.

ROGÉRIO KREMER

Cadeira n° 26



Os Encantos das Domingueiras no Alto Biguaçu

As domingueiras no Alto Biguaçu aconteciam em casas particulares. O Senhor José Francisco Ludwig construiu uma casa de madeira alta do chão, no centro de Antônio Carlos, para promover esses bailes, que depois foi vendida para a Sociedade Esportiva Estrela Azul. Quando foi adquirida pela Sociedade Esportiva Estrela Azul, foram feitos os acréscimos laterais, como vemos na foto de ilustração.



À medida que a sede do Distrito de Antônio Carlos foi se fixando em torno da Capela Sagrado Coração de Jesus, a sociedade foi buscando espaços para o seu lazer. Em 17 de agosto de 1962, Nilo Hoffmann, funda a Sociedade Esportiva Estrela Azul, com o objetivo de organizar e promover o esporte, especificamente o futebol.

O primeiro domingo depois da Páscoa era conhecido como Domingo Branco, um sinal verde dos padres para que as comunidades programassem as domingueiras, o que era terminantemente proibido durante todo o tempo da Quaresma. Outros bailes, tipo domingueira, aconteciam depois das festas dos Santos Padroeiros, Domingo de Carnaval e uma vez por mês, menos dezembro, tempo do Advento. Sempre foi uma briga entre os padres e os donos dos clubes de dança. Alguns faziam vista grossa, mas a maioria era contra. O sermão da primeira missa após o baile era sempre recheado de duras ameaças e críticas fazendo com que muitos pais não deixassem mais as filhas dançarem. Houve ameaças de todo o tipo:

inclusive de não se construir a Igreja Matriz, caso o clube continuasse a promover suas domingueiras. Houve padre que sabendo da domingueira após a missa, tratavam de alongar o sermão, celebravam Missa Solene e no final ainda faziam Exposição do Santíssimo com uma hora de “Hora Santa”. As Filhas de Maria e os Congregados Marianos não podiam dançar no domingo de carnaval, caso o fizesse seriam afastados das congregações.

O contrato com os tocadores era feito com muita antecedência isso porque na época eram poucos e caros. Os mais conhecidos foram: o conjunto de Nilo Cunha, Ernestino Medeiros o mais famoso gaiteiro do Alto Biguaçu, residente em Guioimar, Ari e seu conjunto, de Biguaçu, além dos Nativos.

O clube era lavado durante a semana. No domingo pouco antes de começar a dança espalhava-se farinha de milho pelo assoalho para deslizar melhor. A meia-tarde quando o salão estava lotado a poeira misturava-se com o calor e a farinha com o suor e a água de cheiro e o “Óleo de Glostora” escorrendo pelo rosto. O assoalho balançava ao ritmo das marchinhas da época.

Muito se falou sobre a colocação de pimenta nessas domingueiras. Motivo de muita briga e discórdia. Era levado no bolso e aos poucos sem que ninguém percebesse, era jogado no assoalho e triturado pelos dançantes que subia com a poeira e todos começavam a espirrar. Quem sofria mais eram as mulheres. Como não usavam calças compridas facilmente a poeira subia arrastando a pimenta para se alojar nas “partes íntimas”, causando muita coceira. O conjunto parava de tocar e todos saiam do salão até que varresse e lavasse para começar. No clube não havia mesa nem cadeiras. As pessoas se acomodavam acotovelando-se pelas paredes separando-se

espontaneamente as mulheres dos homens. O clube era desprovido de toalete. Os homens se ajeitavam pelos arredores, fazendo suas necessidades e refazendo penteado com espelhinho e pente “flamengo”, para as mulheres havia uma pequena privada de madeira afastada alguns metros do salão. Somente os homens pagavam a cota para entrar, ou melhor entravam e depois vinham cobrar a cota quando já estavam dançando e também eram revistos para não portarem armas brancas como: punhal, faca ou canivete. O “BIS” era uma pausa que o conjunto fazia no meio da marca. Alguns minutos parava-se tudo e logo recomeçava. Era um momento oportuno de dizer algum gracejo ou simplesmente ela olhava para o chão e ele pro teto.

Havia sempre os bons dançadores. Aqueles que mal o gaiteiro dava os acordes já saiam dançando. As músicas mais lentas no ritmo de bolero pintava sempre um clima de mais intimidade e se era do agrado dos dois acabavam encostando o rosto, era o tal de “rosto colado” que na época, gerou muitos comentários e chegou-se até a proibir esta prática. Às vezes alguém era designado para chamar atenção o que não deixava de ser constrangedor. A domingueira teria que terminar antes do anoitecer. Afinal de contas, poderia ter acontecido neste dia um namoro, era hora de levar a moça para casa, chegar de noite já era um mal sinal.

As moças ficavam posicionadas junto às paredes à espera de alguém que viesse tirá-las para dançar e isso gerava uma ansiedade muito grande porque o problema era não ser preterida por alguém. Também existia o contrário, aquelas que eram solicitadas por todos, ainda mais se fosse boa para dançar ou filha de alguém que fosse rico. A moça que negasse a marca para o rapaz aquela

não poderia dançar com outro, o que na maioria das vezes acontecia, eram brigas e saltava gente para tudo que era lado. O rapaz ao se dirigir para tirar uma moça para dançar, deveria fazer um sinal, como estalar os dedos ou um piscar de olhos. Aos ritmos, mais tocados e dançados eram: valsa, bolero, marcha, samba-canção e xote.

O repertório era pobre e repetitivo, até porque, não havia rádio e as pessoas quase não ouviam música. Os cânticos conhecidos eram os religiosos.

Os negros não podiam nem entrar no clube, muito menos dançar. Mais tarde os negros alugaram um espaço nos fundos da propriedade do Senhor Zeno Pauli só que aí, os brancos acharam-se no direito de dançar. Durou pouco.

Os encontros da mocidade de Três Riachos, Biguaçu e Antônio Carlos para dançar e namorar nas dominigueiras realizadas em Alto Biguaçu eram verdadeiros encantos.

ROGÉRIO KREMER

Rogério Kremer, filho de Humberto Kremer e Ana Apolônia Pereira Kremer. Nascido em 05 de abril de 1940, em Antônio Carlos, SC. Criado em Sant'Ana de Cima, São José, SC. Vereador em duas legislaturas, escritor, pedagogo em fundamentos da educação, oficial de farmácia, foi proprietária de drogaria, professor e diretor em duas escolas. Viúvo de Xênia GoedertKremer, pais de Rogéria GoedertKremer e XérxesGoedertKremer. Do segundo casamento com Anastácia Marques, nasceu Xênio Marques Kremer. Os seus filhos possuem nível superior de escolaridade e com especializações. Aposentado. É co-

-fundador das Academias de Letras de Antônio Carlos, Biguaçu e São Pedro de Alcântara. Acadêmico da Academia de Letras de Biguaçu – Cadeira nº26 – Patrona Professora Maria da Glória Viríssimo de Faria. Associado da Associação Catarinense de Professores – ACP; membro do Instituto de Genealogia de Santa Catarina – INGESC e presidente vitalício da Seccional Antônio Carlos da Academia de Letras do Brasil Regional Santa Catarina. Tem vinte e sete livros publicados, treze dos quais em co-autoria. Está com os seguintes livros no prelo: MEMÓRIAS DE NOSSAS FAMÍLIAS, DICIONÁRIO POLÍTICO ANTONIOCARENSE e CONHECENDO ANTÔNIO CARLOS. Organizador e proprietário de um Arquivo Histórico de Antônio Carlos, em onze volumes encadernados.

MARIA DA GLÓRIA VIRÍSSIMO DE FARIA



Nasceu em 24 de setembro de 1924, em Caieira, Governador Celso Ramos, SC. Filha de Firmino Viríssimo e Julieta Amorim. Em fins de 1945 casou-se com Orlando Romão de Faria, com quem teve os filhos Marcos, Márcia, Marcelo e Marcélia.

ESTUDOS

Aos sete anos de idade iniciou os Estudos Primários na Escola Isolada de Caieira, sua terra natal, tendo como mestra sua dedicada mãe. Kursou o Curso Complementar no Grupo Escolar Professor José Brasilício da Cidade de Biguaçu e o Segundo Grau no Colégio Coração de Jesus em Florianópolis, sendo sua formatura em 1943. Formou-se em 1945 no Curso de Educação Física.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Inicialmente trabalhou como professora primária no Grupo Escolar Castro Alves da Cidade de Araranguá, SC. Em 1945, após concluir o Curso de Educação Física, foi trabalhar no Grupo Escolar Raulino Horn de Indaial, SC, vindo em seguida removida para o Grupo Escolar Professor José Brasilício da Cidade de Biguaçu – Hoje Escola de Educação Básica de 1º Grau.

Maria da Glória Viríssimo de Faria deixou o Grupo Escolar Professor José Brasilício em 11 de setembro de 1959, aos 35 anos de idade, por falecimento, vítima de câncer. Viveu pouco, porém fez muito pela família, sociedade e principalmente pela educação. Grande e exemplar mestra da educação biguaçuense.

Maria da Glória, saudosa educadora. Muito conhecida e amiga dos professores das escolas da Comarca de Biguaçu. Xênia GoedertKremer, minha ex esposa, falecida, sempre me comentava que a professora Maria da Glória fazia o uso da psicologia da aproximação aos seus alunos para motivá-los cada vez mais na participação de suas aulas.

Emprestou seu nome ao Colégio Estadual Professora Maria da Glória Viríssimo de Faria da Cidade de Biguaçu, que antes denominava-se Colégio Normal de Biguaçu, criado pela Lei nº3.410/17-03-64, e a Cadeira de nº26, da Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, da Cidade de Biguaçu, SC – Hoje Academia de Letras de Biguaçu, fundada em 20 de setembro de 1996.

Eu, sem ter a oportunidade de estudar quando ainda era jovem, só fui estudar depois de casado, em escolas noturnas, porque, tinha que trabalhar muito durante o dia. Estudei inspirado em seus exemplos. A sua imagem estava sempre presente durante a minha vida de estudante e de trabalho como educador.

Fui aluno, professor, diretor de 2º grau e aposentado pelo seu colégio – O Colégio Professora Maria da Glória Viríssimo de Faria. Não a conheci em vida. Hoje, Maria da Glória é minha Patrona na Academia de Letras de Biguaçu, em agradecimento a sua proteção e para que seu nome permaneça sempre vivo em nossas memórias.⁵⁹

59. Fonte: Orlando Romão de Faria, em 19-10-1996.

Arquivo do Colégio Estadual Professora Maria da Glória Viríssimo de Faria, em 05-04-2014.

HÉLIO CABRAL FILHO
Cadeira n° 32



Biguaçu encantos e encontros

Quantos e quantos encantos,
Encontro em todos os cantos,
Dessa terra tão querida;
Dessa Biguaçu amada;
Sempre bela e abençoada,
De gente bondosa e amiga.



Fonte: <https://ndmais.com.br/>

Quantos encantos encontro
E nesses versos desponho,
Seu espaço ou trajetória.
Vejo em cada cidadão,
Um amigo, um bom irmão
E em cada bairro, uma história.



Fonte: <https://dialoguecomigo.wordpress.com>

São Miguel, o Balneário,
É o mais formoso cenário,
Em toda a sua extensão.
Um lugar bem pitoresco,
Pra comer um peixe fresco
E um gostoso camarão.



Fonte.: <http://biguanews.com.br>

O nosso lindo Aqueduto,
Tão antigo e impoluto,
Tão perfeito e colossal.
Em São Miguel construído,
Ficando estabelecido,
Patrimônio Nacional.



Fonte: <https://ndmais.com.br/>

No fim do século vinte,
Com toda pompa e requinte,
Construiu-se um casarão
Casarão Born, sua arquitetura,
Hospeda a arte e a cultura.
É vida, é história, é atração.



Fonte: <http://biguacu.biguacsite.com.br>

A nossa bela Paróquia,
Que nos convida e convoca,
Para orar e ser feliz.
Na praça é tão linda a vista,
De São João Evangelista,
A nossa igreja matriz.



Fonte: <http://arquifln.org.br/>

O Rio Biguaçu deu origem,
A São Miguel da Terra Firme,
Colonizou nossa Vila.
Muita pesca artesanal,
Dando vida ao manguezal,
Com o progresso em sua trilha.



Fonte: <http://www.tudosobrefloripa.com.br>

O Museu de São Miguel,
Tem um importante papel,
Pra guardar as tradições,
Costumes; o velho e o novo,
Da história do nosso povo
E das nossas gerações.



Fonte: <http://galeramix.com.br/>

Um outro lugar marcado
É o nosso lindo Mercado,
Com seu nobre visual.
Já com seus 80 anos,
É também um Patrimônio,
Público e Municipal.



Fonte: <http://jbfoco.com.br/>

Um canto também bonito,
É na Lagoa do Amilton,
Lugar de rara beleza.
Pra caminhar, refletir,
Ler, brincar, se divertir
E curtir a natureza.



Foto: Cristiano Estrela / Agencia RBS

Nos Bairros do município,
Têm sempre como princípio,
O bem estar pontual;
A segurança, o lazer...
No Saveiro, Bom Viver,
Janaina ou Vendaval.



Fonte: <https://www.sc.maisperto.com.br/>

Seja no Morro da Bina;
Prado de Baixo ou de Cima,
Ou Bairro Universitário.
Fundos ou Rio Caveiras;
Boa Vista, Cachoeiras,
Há sempre um belo cenário.



Fonte: <http://www.tudosobrefloripa.com.br>

Beira Rio, Encruzilhada
A Praia João Rosa é marcada,
Por seu trapiche bacana.
Mar das Pedras, Tijuquinha,
O Centro e a sua pracinha,
Beber um caldo de cana.



Fonte: <https://sc.olx.com.br/>

São Miguel é obra prima,
Saudade, Areias de Cima
Vendaval ou Sorocaba,
Se é Rua, Bairro ou Jardim,
É um sentimento sem-fim,
Em cada canto ou morada.



Foto: Gustavo Amorim / SECOM

Assim são esses encantos,
Pra todos, de todo o canto,
Leste a Oeste, Norte a Sul;
Nessa terra tão bonita,
Pra quem mora, ou quem visita,
Bem vindos a Biguaçu!



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

No entanto, há uma certeza,
Não há patrimônio ou riqueza,
Nesse chão Catarinense,
Que mereça maior glória,
Pois constrói toda essa história,
Que é o povo Biguaçuense.



<http://biguacu.biguasite.com.br/>

Hélio Cabral Filho

Síntese Biográfica de Hélio Cabral Filho

Administrador. Técnico dos Correios. Natural de Florianópolis e morador de Biguaçu a dez anos. Casado. Pai de dois filhos. Tesoureiro atual da Academia de Letras de Biguaçu. Seis livros de sonetos editados, to-

dos pela Editora Pará de Minas: Sonetos de otimismo e outros sonetos, 2009; Meus sonetos prediletos, 2011; Caderno de sonetos, 2013; Só (Sonetos), 2014; Nós (Sonetos), 2016; Não Leia (Sonetos) 2017. Voa! (Sonetos) 2019.

Cadeira nº 32 – Patrono José Brasilício de Sousa

Nascido em Pernambuco no dia 9 de janeiro de 1854, Brasilício era filho do militar José Manuel de Sousa Sobrinho (1817-1895) e Rita Inácia de Sousa (1817-1899). Brasilício era filho único. Os pais, nascidos em Desterro (hoje Florianópolis), eram primos.

Quando o garoto tinha dois anos de idade, em 1856, o pai voltou à capital catarinense. José Manoel foi promovido a capitão pelo imperador Dom Pedro II e chegou a comando do que hoje se chama “Polícia Militar”, força de segurança pública criada em 1835.

José Brasilício foi o autor do Hino de Santa Catarina. A música é sua e a letra foi escrita por seu grande amigo Eduardo Nunes Pires (1845-1902). A música foi executada pela primeira vez em 4 de fevereiro de 1890.

Brasilício morreu aos 56 anos de idade, em 30 de março de 1910, cinco dias depois do falecimento de sua esposa.

Hoje José Brasilício de Sousa além de nomear diversas ruas de municípios de Santa Catarina, dá nome a mais antiga escola do município de Biguaçu.

VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS

Cadeira nº 34



Poeta na cidade de Biguaçu

*Ainda era madrugada,
precisamente 2:45 da manhã,
quando me acordaste com tua infinita inspiração
para compor estes versos
nas ondulações dos cantos líricos de outros tempos...*

*Abri vagarosamente meus olhos
espreguicei-me ... tentando ainda continuar a dor-
mir
mas, tu, oh! poeta dos meus encantos,*

*fizeste-me colocar meus pés no chão e,
preguiçosamente, levantei-me para
estender em linhas poéticas o que me vem á alma!*

*Canta, pois, alma querida
os deleites dos teus cantos despertos da aurora
e vislumbre em tuas cadências rítmicas
os mais puros sentimentos de outrora...*

Despertei na madrugada primaveril...

*Poeta, sei que despertei
de um sono profundo;
que descoberto dos deslizos do tempo
vem à tona todos os ímpetos juvenis
das pequenas almas que percorrem seus espaços,
vislumbrando em cada canto de seus mundos
as incessantes perturbações de seus novos pensares!
Sei, que não é fácil dedilhar
os pesares do dia a dia...
Sei que não é simples
colocar-se a descoberto aos incessantes olhos que
vêm
sem olhar na mesma direção os códigos morais
que deslizam nas políticas inconformadas dos tem-
pos.
Diz o político com seus botões:
Será o certo ou o incorreto?
É correto saber colocar o ovo em pé?
Nas vicissitudes da vida,
um chapéu de palha voa ao vento,
de quem a cabeça pertence?*

*Ao ancião que vende quitutes na esquina
ou ao jovem que busca outros empregos
na boléia de um caminhão?
Ah! poeta ...segues poetando sem parar,
pensando talvez que este não seja o teu poema,
mas na poeira do tempo as linhas que se descobrem
fazem parte do rodeio do teu próprio mundo,
fazem parte da tua própria descoberta...
Entender que as almas que caminham juntas
nas descobertas de si mesmas
seguem o mesmo compasso
dos sonhos inevitáveis do destino.
Quem viu que o diga!*

Hoje é teu dia...

*Sei poeta que hoje é o teu dia,
ou serão todos os dias da tua vida
o dia de tuas descobertas ou
as descobertas de outras almas...
Tua inspiração como um bisturi médico
dilacera vísceras para curar o mal
ou quem sabe as mãos de um pedreiro
que soma pedra sobre pedra para formar
uma grande parede indivisível quem sabe!
Pingos pingados de uma saudade
conta as contas dos rosários das ave-marias,
ou o pai nosso de cada dia
do pão de aluguel que na mesa fornece,
ou o feijão de um bago só
no tempero da água com sal
fervendo na panela a dias!*

*Ah poeta! Quantas viagens nos teus mundos,
já se conta mais de centenas talvez!
Somos como o vento que apazigua os temporais
ou as fagulhas que aumenta o fogo nos vendavais?
Ah! poeta deixe nas linhas de tuas diretrizes
o consolo que aumenta de dia
e atemoriza nas noites os teus sonhos despertos da
intuição.*

*Canta poeta os teus sentimentos mais íntimos
da pureza que tua alma de criança crescida
deixa transparecer as luzes que sempre foram
o néctar do mais puro mel!
Ah! poeta dedilha tua oração matinal
rezando baixinho a outros poetas
que seguem pelo mesmo caminho em direção ao sol!
Chame poeta, teus companheiros da lida,
deixe-os dedilhar nas linhas das tuas descobertas
teus sonhos ínfimos de contornos soletrados de mis-
térios,
orlando jardins a descobertos!
Sim poeta, hoje é teu dia,
tua liberdade começa quando a do outro poeta ter-
mina.*

*Sim quando termina...
Se num mesmo festival de cantorias
os poetas poderão um dia terminar suas poesias!
Pois as poesias, poeta dos meus encantos,
resistem ao tempo e ao espaço
elas são infinitamente belas e eternas...*

Simplemente poeta!

*Poeta, hoje é teu dia.
Voas como as borboletas leves em seus voos primeiros
Nos mais altos valseios de uma dança qualquer.
Não preferes jazz, rock ou samba,
Somente dança de um compasso três por quatro
Para que tuas asas junto a outras
Possam delinear a frenesi dança dos eternos enamorados...*

*Poeta, hoje despertares tão romântico,
Deixastes em teu lençol na cama
Os vestígios de uma noite de amor!
Deixastes um coração cantando baixinho
As melodias do encanto d'alma,
Sussurrando apaixonadamente teu nome poeta,
Anônimo inspirador dos trovadores dos tempos!
Ah! Poeta... Tua vespéral desperta corações,
Faz saltar poesias... Jardins de rosas...
E as águas das mil correntezas...
Faz cantar passarinhos... Voar borboletas...
Contornar nuvens altaneiras...
Azuis no céu... e verdes mares do sul!
Teus encantos poetam e encantam a muitos,
Namoricam a outros e apaixonam a tantos...
Teus dizeres poeta colorem sonhos,
Assumem diretrizes das almas que te escutam...
Que se comprazem em atender o teu chamado
Para que seus corações não parem de bater
Neste mundo infinitamente belo de emoções e encantos...
Poeta...*

*Continue a dedilhar o compasso de tua própria dança
E não deixes jamais de seres simplesmente um poeta
do mundo...*

*Um poeta da vida...
Um poeta do amor!*

Um Poeta neste Grande Universo de Deus

Um caminho solitário, talvez!

*Poeta, sei que caminhavas sozinho
pelas veredas da vida,
bisbilhotando outras vidas...
ou espiando outras almas...
Quem sabe!
Somente olhando as almas em sua simplicidade,
passando pela vida,
dedilhando sapatilhas de balé,
sapateando castanholas,
ou picoteando rebolés de samba...
Não importa poeta,
para ti tudo é possível.
Tens livre caminho nas curvas que a vida dá...
Tens livre conduto nas fronteiras de outros mundos...
Tens passe aberto nas portas de todos os corações...
Pois dedilhas em tuas linhas
toda a euforia
toda a candura
toda a beleza
toda a tristeza
toda a amargura
todas... todas as vicissitudes de todas as vidas...*

*E não paras por aí...
descobres em cada pouso da tua imaginação
os contornos febris das almas que nascem sementes,
germinam raízes e descobrem-se frutos maduros
para serem corrompidas pelas maldades do mundo ou
inebriadas pelos mistérios da vida.
Oh! poeta...
nas frases que compões
trazes em teu próprio peito os códigos
que delimitam a sabedoria do Universo,
para que todas as almas possam um dia conhecer
as delícias de tua própria vivência em direção á luz
e a sensibilidade de teu coração na força de um
grande amor!*

Hoje ainda é o teu dia!

*Hoje ainda é teu dia, poeta
estas de parabéns!
Acordei-te de mansinho
para que teus sonhos coloridos
não se diluíssem no sabor de um mero despertar...
Hoje ainda é teu dia, poeta
vislumbre em teu amanhecer o quanto já fizestes ...
Quantos já despertastes do seu sono eterno?
Quantos que enviastes a outros mundos ...
mundos de esperanças e sonhos...
mundos de amor e descobertas...
mundos de altruísmo e sabedoria...
mundos eternos de poesia...
Forme hoje se puderes
um grande ramalhete de flores*

*e envie a cada um daqueles
que passaram por tua vida
e ainda não descobriram
que o verbo “AMAR” está intrinsicamente ligado
ao verbo da eterna declinação “POETAR” ...*

*Dê hoje poeta, se puderes,
as linhas das tuas poesias a outros poetas
que parados em suas linhas
dedilham dicionários a procura de novas palavras
quando está na verdadeira alma do sábio poeta
a simplicidade das “Verdades Eternas” ...
amar... amando a poesia,
poetar... poetando o amor!
Nas suas mais simples emoções do dia a dia
e na singeleza da semente que desabrocha botão!*

Síntese Biográfica de Vera Regina da Silva de Barcellos

Currículo sucinto: Vera De Barcellos Vera Regina da Silva de Barcellos, compositora musical, artista plástica e escritora. Iniciou sua vida literária em 1996, publicando até os dias de hoje: Na luz a dor da saudade tua; Cores poéticas em teu coração; A ratinha faceira; 500 anos Brasil- 500 haicais e 500 anos Brasil- 500 Breves; O Pequeno Professor; Panter amigos para sempre; a trilogia 150 anos de Cruz e Sousa uma obra literária, um álbum- CDs e um álbum de partituras; Colorindo a Vida em três volumes, Arteterapia, Colorterapia e Cromoterapia e um álbum CDs que acompanha a trilogia; Portal da Luz; Minutos de Paz e Sabedoria; Arpejos dos

Anjos; Arco Iris da Vida acompanha um álbum CDs; O grilo falante: O jacaré Tristonho; A boneca Lilica e a gata amarela; Estrelas de amor em teu Caminho; Sementeira de Luz; Nos Caminhos da Meditação; Renascer para a Verdadeira Vida; Vivendo na Paz e na Alegria; Um novo Despertar. Em seu acervo literário, mantém cento e nove Obras Antológicas e Coletâneas e quarenta e duas honorárias entre diplomas, medalhas, comendas e troféus.

Hoje faz parte de dezenove Entidades Literárias Brasileiras. Entre as internacionais temos: Literarte- Associação Internacional dos escritores e Artistas; Academia de Letras e Artes de Valparaiso- Chile; Nucleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa- Portugal; Divine Academie Française dês Arts Lettres et Culture em Paris- França; Academia de Letras do Brasil/Suíça em Berne-Suíça e Academia dos Embaixadores da Paz (como patronímica da OMDDH) da Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos. Atualmente colabora com jornais, revistas e alternativos culturais. Mantém no seu acervo trinta e oito obras registradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e cento e nove obras antológica entre escritores brasileiros e internacionais. Suas paixões são sua família, filhos e netos, música, literatura e artes plásticas. E os amigos confrades e confreiras que comungam dos mesmo objetivos altruísticos, filantrópicos e humanitários. Para melhor conhecer as obras culturais de Vera De Barcellos acessar o site:

www.veradebarcellos.com.br

veradebarcellos@gmail.com.br

vera.de.barcellos.videos@gmail.com

www.veradebarcellos.com.br

facebook.com/veradebarcellos.barcellos

youtube.com/user/veradebarcellos

Cadeira nº 34 – Patrono Othon da Gama Lobo D’Eça



Othon da Gama Lobo D’Eça nasceu em 3-8-1892 em Florianópolis, e falecido 7-2-1965, também em Florianópolis.

Foi, como jornalista, poeta e ficcionista, havendo sido o maior destaque inicial da Academia Catarinense de Letras, da qual foi o último Presidente de sua fase inicial.

Com vinte anos de idade lançou a ideia de fundar uma Academia de Letras.

Em 1918 lançou seu primeiro livro intitulado “Cinzas e Brumas” e dois anos depois em 1920 fundou e dirigiu a revista “Revista Terra” com Altino Flores e Ivo D’Aquino, chegando somente até ao número 24.

Neste mesmo ano funda a Sociedade Catarinense de Letras juntamente com José Boiteux e outros simpatizantes da literatura e alguns políticos.

Quatro anos depois em 1924 passaria e denominar-se Academia Catarinense de Letras.

Escreveu as obras: Os espanhóis confinantes; Centenário de Cruz e Souza; Cinzas e brumas; Cinzas brumas e poemas dispersos, Homens e Algas, Nuestra Señora de L'Asunción; Terra; Vindita Braba.

CELSO JOÃO DE SOUZA

Cadeira n° 36



Biguaçu encontros e encantos

*Biguaçu te visitei
Ate me causou espanto
Fiquei admirando a praça
Sentado naquele banco
Fiquei pensando na beleza
Dos teus encontros e encantos*

*Do banco te contemplava
E dos olhares que fiz
A beleza do casarão*

*De vê-lo preservado fiquei feliz
Me encantei com a pujança
Da igreja da matriz*

*Biguaçu sempre visito
Taz no meu coração
Deste guarida a minha família
Para meus avós, tios e primos irmãos
Muito te contemplei
E tenho admiração*

*Nas tuas águas me banhei
Até nas noites de luar
Visitei as cachoeiras
Águas límpidas a brilhar
E muitas horas passei
Tomando banho de mar*

*De todos os encontros me lembro
Vou colocar no papel
Tuas noites estreladas
Fiquei a contemplar o céu
Me encantei com a beleza
Do histórico São Miguel*

*Tuas festas participei
E com admiração
Festas boas lá na Rússia
Naqueles baila-baila
Nas de Santa Catarina
Onde a gente namorava
E no presente eu estive
La na Festa da Piava*

*Nos encontros culturais
Tive participação
Nos encontros sertanejos
Que teve na região
Nas tuas feras de livros
Que teve repercussão
Teve a hora de subi no palco
Pra fazer declamação*

*Fiquei pensando na atualidade
Sentado ali na praça
No passado era tão simples
Parece que tinha mais graça
E hoje me apavorei
Com sua explosão demográfica*

*Dos encontros me encantei
Pois tens um povo querido
Nos momentos que te visitei
Sempre fui bem recebido
Conheci gentes especiais
E ganhei grandes amigos*

*Conheci mulheres talentosas
Com radiante formosura
Muitas artistas famosas
Na área da pintura
E escritoras de quilate
Na área da literatura*

*Tive a honra Biguaçu
De conviver no passado
Das pessoas que conheci*

*Das farinhadas nos engenhos
Das pescarias que vi
Aqueles domingueiras gostosas
Que em teus barros assisti*

*Pessoas que encontrei
Que não esqueço jamais
Da Tina da Seu Bibi
Mulher de fibra e capaz
Dos Lagunas
João Lucinda e Zé Braz*

*Hoje falo de ti
Puxando da minha mente
Meus encontros no passado
Convivi com boa gente
Agora to encantado
To vivendo alegremente
Por ter achado pessoas
Especiais no presente*

*Agora somos um exército
Para te defender do mau
Me ajuntei com mais amigos
Num momento normal
Vamos lutar por uma causa
Numa hora especial
Vamos lutar de mãos dadas
No teu lado cultural.*

Celso João de Souza

Síntese Biográfica de Celso João de Souza

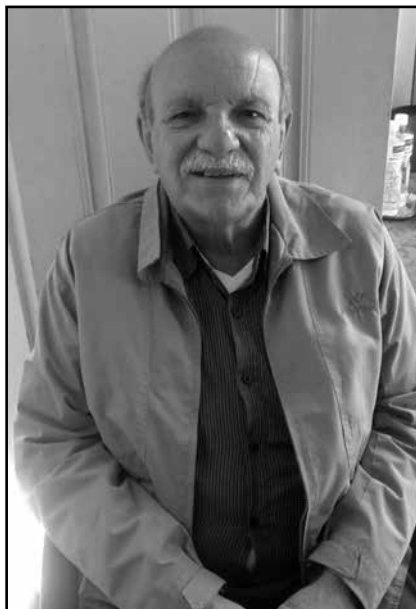
Dom Jaime de Barros Câmara nasceu em São José, no dia 3 de julho de 1894. Era filho legítimo do segundo matrimônio do Escrivão de Órfãos Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, nascido em 1856 em São José, Santa Catarina, com Anna de Carvalho Barros, nascida em 1864 em Salvador (Bahia). Era descendente direto por linha paterna de João Gonçalves Zarco, desbravador da Ilha da Madeira. Fez seus estudos eclesiásticos no Seminário de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Foi ordenado sacerdote no dia 1º de janeiro de 1920, em Florianópolis, pelas mãos de Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Atuou na Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina no período de 1920 a 1930. Foi reitor do Seminário Nossa Senhora de Lourdes Azambuja-Brusque e do Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio de Azambuja de 1927 a 1936. No dia 18 de abril de 1935 foi nomeado camareiro secreto de Sua Santidade, pelo Papa Pio XI, passando a usar o título de Monsenhor. Foi Bispo de Mossoró, Arcebispo de Belém do Pará e Cardeal. Faleceu em Aparecida, São Paulo, em 18 de fevereiro de 1971.

Celso João de Souza nasceu em São José em 25 de março de 1952. Filho de João Celso de Souza e Mercedes Maria de Assunção. Estudou no Colégio Cecília Rosa Lopes e serviu ao exército brasileiro onde fez o curso de Boina Verde. Foi Bombeiro Militar por 12 anos, fez o curso de Sargento da Polícia Militar. Neste período fez parte do grupo de atletas da Polícia Militar de Santa Catarina, competindo pela CMS DE SC. Sempre defendeu as artes e se dedica a espalhar a poesia nas escolas e comunidades. Participou de várias antologias, produziu um CD com músicas e poemas, participou de um projeto literário

na Palhoça, no qual foi produzido um livro com poesia com os alunos e professores. Participou do encontro da Comitativa Portuguesa ao estado, onde fez um poema para data e foi muito elogiado. Foi o fundador do Conselho Comunitário e do Grupo Jovem católico do bairro Picadas do Sul, em São José. Possui diversos trabalhos literários e apresentações em eventos e rádios na região sul do Brasil. É membro da Academia de Letras de São Pedro de Alcântara e Governador Celso Ramos.

PEDRO PAULO DOS SANTOS

Cadeira n° 37



Biguaçu, Encantos e Encontros

Falar deste município e de sua gente não é só um prazer como também uma forma de gratidão, para uma terra que acolheu eu e minha família com muito carinho, além de ser uma forma de expressar meu agradecimento a todos os amigos que aqui fiz ao longo da minha vida nesta terrinha tão querida.

Como já falei inúmeras vezes nasci em Canto dos Ganchos, no então município de Ganchos (hoje Governador Celso Ramos), e ao completar o ensino primário

na época de 1^a a 4^a série, no final da década de 50, numa localidade onde a opção seria assumir a profissão da grande maioria que é a pesca, ou então seguir os passos de meu pai, que além de carpinteiro, era um forte comerciante.

Como ele provinha de uma família de pescadores, seus irmãos, cunhados, sobrinhos, etc., residentes na localidade eram e ainda são todos pescadores, e conhecendo as dificuldades, as intempéries e os perigos da atividade pesqueira, não desejava que nenhum de nós três exercesse esta tão difícil, sacrificada e incompreendida profissão.

Desta forma, como meus avós maternos residiam aqui em Biguaçu, meu pai, de comum acordo com minha mãe, decidiram que eu viria continuar meus estudos nesta Cidade, onde fui matriculado no antigo curso de admissão, para, posteriormente, ingressar no curso regional.

Decidido, definido e determinado qual seria meu destino, partimos em direção a Biguaçu, como não existia transporte coletivo regular de ônibus, ou outra condução, após uma longa e cansativa viagem, chegamos em Biguaçu na carroça do Seu Ari Wollinger (compadre de meu pai).

Aqui cheguei, então um garoto do interior, com 10 anos ou pouco mais, e passei a residir com meus avós, não preciso estender-me muito para dizer o quanto estranhei, acostumado sem energia elétrica, veículos lá uma vez ou outra passava algum defronte a minha casa, e aqui tudo diferente, luz na rua, gente indo e vindo, veículos transitando, água vendida em pote (e se dizia “quem bebe da água da pipa, por aqui fica”), enfim, uma mudança radical, isto sem falar na escola.

Lá um único professor dava aulas para a 3ª e 4ª séries na mesma sala, numa casa de madeira adaptada para sala de aula, os bancos eram inteiros, onde sentavam seis ou oito alunos, aqui, deparei-me com uma situação totalmente diferente, cada matéria um professor, Grupo Escolar José Brasilício uma beleza, salas de alvenaria, carteiras para dois alunos, um pátio enorme para correr, pular, jogar bola, etc., só que apesar disto tudo eu não consegui adaptar-me a nova rotina de estudos, e fui muito mau neste primeiro e difícil ano.

Mais de uma coisa eu sempre vou lembrar, por mais tosco que fosse, desde cedo encontrei pessoas amigas, que me acolheram, e aliviavam a minha tristeza. Tristeza esta que tem uma explicação, ora eu era o mais velho da casa, com mais cinco irmãos para dividir travessuras, conversas, brinquedos, nunca havia passado um único dia fora de casa, e de repente deparei-me sozinho, numa terra estranha, convivendo com dois idosos, com todos os seus problemas, e que também tiveram que se adaptar a conviver com um pré-adolescente com todas as suas manias.

Um ou dois anos após a minha chegada, meu pai mudou-se para cá com o restante da família, e passamos todos a residir aqui em Biguaçu, e como eu já estava mais ou menos integrado na rotina da nova cidade, além do que meu pai por sua atividade política e comercial e, também, como minha mãe nasceu aqui, a vida mudou e passamos a viver maravilhosamente bem, claro, passando pelos problemas que sempre aparecem, mas que juntos fica mais fácil de resolver.

Biguaçu encantou-me desde o primeiro momento em que me integrei nesta Cidade, um povo amigável e hospitaleiro, e a medida que fui crescendo, conhecendo as

peças, este sentimento foi, também crescendo na mesma proporção, pois as amizades foram se sucedendo e crescendo cada vez mais.

Terminei o curso normal regional aqui, posteriormente fiz o técnico em contabilidade, obtive aprovação no vestibular e cursei direito na UFSC, sem nunca sair de Biguaçu, costumo dizer que parece que quando chegamos por aqui, cria-se raiz difícil de arrancar, e quem daqui saiu, tem forte desejo de voltar.

Minha primeira função foi Oficial do Registro Civil, onde iniciei como Escrevente Juramentado, após Oficial Maior e por último titular, cargo que obtive através do primeiro concurso realizado para a função.

E neste encanto por esta terra, os encontros foram se sucedendo, integrando-me a sociedade, participando da vida da comunidade, bancando o seresteiro, contando piadas, causos e fatos, até que conhecia aquela com quem decidi dividir minha vida (Marilene - in memoriam), e que me deu três (03) maravilhosos filhos – Guilherme (pai de meu neto Francisco), Gabriela e Geórgia –, tendo sido, este, sem dúvida, o primeiro grande encanto.

Posteriormente, na caminhada da vida, passei por outros encontros e também encantos, tenho um parceira de todas as horas (Ivânia), seus maravilhosos filhos (Israel e Tamara), e três (03) netos maravilhosos – João Victor, Matheus Otávio e Pietra-, encantos e encontros estes proporcionados por esta terra boa e acolhedora, sempre de braços abertos para acolher a todos que aqui chegam.

Tenho muito orgulho desta minha terra e da minha gente boa e amiga, por esta razão, entendo que Biguaçu, realmente, é uma terra de encantos e encontros.

Síntese Biográfica de Pedro Paulo dos Santos

Advogado formado pela UFSC em 1973. Pós Graduado em Segurança de Trânsito, e Servidor Público Estadual Aposentado. Foi Oficial do Registro Civil de Biguaçu, e Técnico em Previdência do IPESC. Foi Vereador e Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu. Fundador da União das Associações, Presidente da A.R. 17 de Maio, Secretário do Biguaçu Atlético Clube. Membro da Academia de Letras de Biguaçu e de Governador Celso Ramos.

Cadeira nº 37 – Thomé da Rocha Linhares

Em 22 de agosto de 1775, em São Miguel nasceu THOMÉ DA ROCHA LINHARES, filho do Capitão de Milícia - Joaquim da Rocha Linhares e de dona Maria Águida de Jesus. Casou-se com dona Francisca das Chagas e tiveram cinco filhos. A partir de 1823 passou a exercer forte liderança na Vila de São Miguel, como eleitor da paróquia, juiz de paz e vereador. Em 17 de maio de 1833 São Miguel da terra firme é desmembrado da Vila de Desterro, e elevado de povoado à categoria de Vila, sendo, conseqüentemente, instalado o município com a mesma denominação.

Com a instalação do novo município é iniciada a primeira legislatura para o período de 1833-1836, em que é dada posse aos primeiros vereadores. Thomé da Rocha Linhares foi o primeiro Presidente da Câmara Municipal cuja legislatura, como já vimos, iniciou-se em 1833 e terminou em 1836. Em 1834, foi candidato a deputado à *Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catari-*

na na 1ª legislatura (1835 — 1837), ou seja, foi o primeiro candidato a Deputado Estadual do nosso Município de Biguaçu, ficando numa suplência e no ano seguinte, quando chamado para assumir sua cadeira de deputado como suplente convocado, recusou. (Bem se vê que os tempos eram outros, se fosse hoje, imaginem a confusão que seria nos dias atuais). De 1839 a 1840 surgiu outra vez como vereador. Tornou-se Juiz de Paz de São Miguel em 1827, ocupando o cargo durante quatro anos consecutivos, em 1840 é eleito novamente Juiz de Paz. Obteve patente de Capitão da 1ª Cia. de Terço de Ordenanças da Freguesia de São Miguel, em 23 de junho de 1828. Faleceu em São Miguel, a nove de novembro de 1848, com 73 anos de idade. Este brilhante Biguaçuense é o Patrono da Cadeira nº 37.

NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN

Cadeira nº 38



Biguaçu – Encontros e Encantos

Quando pensamos em encontros, imaginamos os casuais ou programados. Encontros em praças, festas ou em outro lugar qualquer, com alguém.

Pensando na antiga Biguaçu, dos meus tempos de criança ou juventude, podemos recordar tantos episódios. Foi aqui, nesta cidade, que iniciei meus estudos propedêuticos, no Colégio Maria da Glória Veríssimo de Faria.

O Município recebia estudantes de toda a região circunvizinha, como por exemplo: Governador Celso Ramos e Antônio Carlos.

Biguaçu era a cidade mais próxima e com alguns recursos disponíveis: coletoria, Correios e Telégrafos e transporte coletivo.

Com o progresso em ascensão, Biguaçu foi tomando vulto. Instalaram-se várias indústrias, o comércio vem se desenvolvendo com grandes redes de supermercados e lojas de departamentos.

Na área da saúde instalaram-se clínicas e um hospital que prestam atendimento ao município e adjacências.

Biguaçu conta com uma considerável miscigenação de raças, haja vista o grande contingente de descendentes de alemães, italianos, árabes, açorianos e holandeses, espalhados pelo município e arredores.

Na zona rural, a paisagem verde, dos campos e montanhas encantam olhares, além do cultivo de hortaliças e criação de gado.

Passando pela BR 101, desde o bairro Tijuquinhas, o verde das montanhas se espalha por São Miguel e Biguaçu. Completando a beleza da paisagem que soma-se à grande área marinha estendendo-se até a Ilha de Santa Catarina, onde descortinamos a histórica Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, palco de tantas histórias.

Em São Miguel contemplamos, com encanto, vislumbrando fantasias, a cascata, de beleza singular, cujas águas se avolumam com a chegada das chuvas subindo ao aqueduto, proporcionando um espetáculo de rara beleza, onde pessoas promovem encontros para desfrutar de encantos, mergulhando nas águas frescas e cristalinas.

Na paisagem arquitetônica, antiga, destacam-se: a Igreja de São Miguel Arcanjo e o sobrado que abriga o Museu Etnográfico.

Em Biguaçu ornamentando a Praça Nereu Ramos, encontramos a casa onde está instalado o Banco Brades-

co e o Casarão Born, cuja arquitetura evoca a presença dos nossos ancestrais alemães e de grande riqueza memorial, palco de muitas histórias onde se promovem também, eventos festivos culturais e religiosos, e abriga em suas dependências uma Escola de Música e a Academia de Letras de Biguaçu.

No setor gastronômico os restaurantes da praia de São Miguel atraem turistas, pela qualidade e variedade do cardápio, com especialidade em frutos do mar.

A praça da cidade de Biguaçu é ponto de encontro de pessoas oriundas de seus arredores que desfrutam dos serviços oferecidos pelo município.

Assim é Biguaçu: cidade das histórias de encontros e encantos.

Cascata

Correm frescas, fervilhantes
As águas lá na cascata
Emoldurando a paisagem
E reverdecendo as matas

O aqueduto, que aponta,
Catadupas, corredeiras,
Desfazendo-se em espumas
Na ruidosa cachoeira

A correnteza não cessa
Trabalho de formatar
Os seixos, pedrinhas tantas
Que vão ao longe chegar.

Síntese Biográfica de Neusita Luz de Azevedo Churkin

Nasceu em Governador Celso Ramos, Santa Catarina, em 28/12/1946. Filha de Belarmino Hipólito de Azevedo e Dalma Luz de Azevedo. Casada com Claudinei Churkin. Mãe de Samuel Luz de Azevedo Churkin.

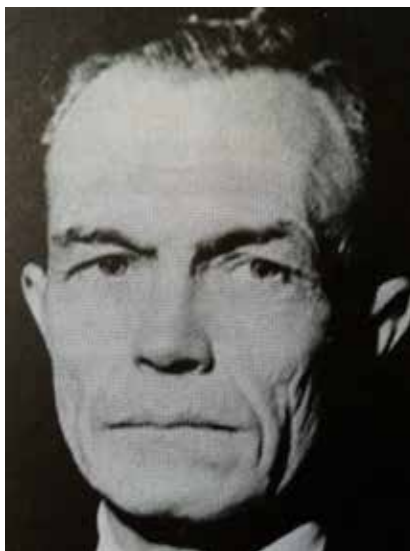
Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina habilitada em Português e Inglês. Lecionou em escolas do estado de Santa Catarina, dentre elas, E.E. F. Teófilo Teodoro Régis, em Biguaçu, Escola Estadual Professora Laura Lima, em Florianópolis, Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, E.E.B. Belisário Pena, em Capinzal, E.E.B. Melo e Alvim, em Herval D'Oeste. Exerceu a Função de Diretora Geral na E.E.B. Dr. Aderbal Ramos da Silva, em Governador Celso Ramos. Trabalhou na Secretaria de Estado da Educação.

Membro da Academia de Letras de Biguaçu; da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina e Membro efetivo do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis participando de suas publicações, atividades culturais e contribuindo com suas criações literárias e apresentações musicais. Imprimiu seu poema “Em Silêncio” na Coletânea Literária – Poemas/Crônicas/Contos pela Associação Catarinense de Professores/ACP, da qual faz parte como associada. Autora das obras: Cantando Meu Chão - Tributo a Canto dos Ganchos; As Vogais e Casinha Pensante. Alguns de seus trabalhos foram publicados em Jornais do Estado de Santa Catarina.

Desenvolve atividades artísticas em Igrejas Evangélicas e participou do coral da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Em 14/03/2004, dia Nacional da Poesia, foi homenageada, na Biblioteca Pública Municipal - Alice Maria Roque por sua colaboração com o Município de Governador Celso Ramos, entre outras.

Cadeira nº 38 – Patrono Dr. Lauro Locks



Ocupando a cadeira nº 38 da Academia de Letras de Biguaçu, fui informada sobre minha participação neste trabalho: elaboração da biografia do patrono desta cadeira, Dr. Lauro Locks, confesso que me senti lisonjeada.

Dr. Lauro foi um grande amigo de meu pai e da nossa família. Durante sua gestão como inspetor escolar, quando vinha à região de Ganchos, que pertencia ao município de Biguaçu, era acolhido em nossa casa com honra e carinho. Tínhamos como relíquia, por herança familiar, um conjunto de porcelana constituído de jarro,

bacia, porta-pente e saboneteira, que era usado quando recebíamos hóspedes importantes, um dos quais era o Dr. Lauro.

Filho de Bernardo Francisco Lopes e Ana Scharf Locks, Lauro Locks nasceu na cidade de Braço do Norte, estado de Santa Catarina. Coursou o ensino primário em sua terra natal e o fundamental nas cidades de Brusque e Corupá, Santa Catarina, em seminários católicos. Concluiu também, na cidade de Brusque, o curso superior de Filosofia. No ano de 1958 diplomou-se bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Em 1937 iniciou sua carreira no Magistério como professor no grupo escolar Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em Braço do Norte.

Exerceu a função de Diretor Escolar em vários estabelecimentos educacionais em cidades do estado de Santa Catarina, tais como: Bom Retiro; Braço do Norte; Tubarão até o ano de 1951, quando foi transferido para Biguaçu exercendo o mesmo cargo. Sempre executando com aprimoramento o trabalho que se propunha, tornando-se assim, respeitado pelas comunidades onde atuou no exercício do seu trabalho.

Homem de grande capacidade e inteligência o Dr. Lauro foi reconhecido como um líder pelas comunidades onde atuou, o que resultou na sua escolha como representante do povo na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina por várias legislaturas, tendo sido Deputado Estadual Constituinte.

Atuou com firmeza no Parlamento Estadual sendo um grande porta-voz dos direitos e questões educacionais. Participou como segundo secretário da mesa diretora da Assembleia Legislativa. Por seu mérito foi escolhido pelo então Governador do Estado, Dr. Celso Ramos,

para exercer o cargo de Secretário da Educação e Cultura. Permaneceu ainda no cargo parte da gestão do então Governador Ivo Silveira que também o indicou para o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (1968), quando se aposentou.

Lauro Locks integrou-se perfeitamente no contexto de Biguaçu, onde foi adotado como filho da terra, por reconhecimento e mérito. Como gratidão e elevada consideração o povo biguaçuense o escolhe como seu representante no Executivo Municipal tendo como vice o Sr. João Brasil de Azevedo. Estabeleceu como prioridade em sua administração o incentivo a implantação de indústrias tais como: INPLAC; Carrocerias Remi; Postes Cavan; entre outras. Dispensou especial atenção área da saúde, educação e sistema viário. Foi membro e Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação. Participou de alguns partidos políticos: PSD, ARENA, PPB e PP.

Por sua vida atuante e proba, foi reconhecido e respeitado por onde passou e viveu como líder, bom cidadão e pai de família.

Deixou suas marcas como líder da Igreja Católica, onde atuou como secretário, tesoureiro, regente do coral e organista. Como tal organizou festas religiosas com apresentações musicais.

Casou-se em 28 de dezembro de 1937 com Tabita Schilickmann Locks (in memoriam) com a qual teve 16 filhos: Licínia, Guido, Sérgio, Lucília, Celina, Anamaria, Arno, Alice, Adriano, Maria de Fátima, Jorge Luiz, Carlos Luiz, Luiz Roberto, Leda Regina, Vitor e Mariléia, sendo sua família composta de 16 filhos, 48 netos, 36 bisnetos e somados os genros, noras, noivos e namorados dos filhos e netos totalizavam 155 pessoas em 2006.

Lauro Locks faleceu no dia 24 de fevereiro de 2004 com 87 anos de vida, na graça e paz de Deus, sempre de bem consigo, com sua esposa Tabita e sua numerosa família. Deixou registrada sua marca e sua passagem em todas as comunidades onde viveu, semeando, cultivando e colhendo muitos frutos dentre os quais grandes amizades.

Dados biográficos fornecidos por Ozildo José Prazeres e Celina Locks Prazeres, genro e filha respectivamente, com algumas informações da acadêmica Neusita Luz de Azevedo Churkin.

SANDRA REGINA CLARA NEPOMOCENO PINTO

Cadeira nº 40



...como poderia não te olhar assim BIGUAÇU

olho
olho penso que seja
olho penso que vejo
olho simplesmente
olho e não vejo
aqui sonho
sonho e descrevo
descrevo
desejo e descrevo o sonho
destoo o sonho
olho penso descrevo os achados

descrevo os achados
mantenho-os todos pacificados
e como num sonho me encontro
nos **ENCANTOS** a descrever
nas diversas situações desconexas do poder
deliberadas na total ação
desvinculadas dos memorandos
mando encaminhar as programações indeferidas a uma
única vista
a vista complacente do querer
faço páginas descritas na surdina
invalidadas da acolhida maneira serelepe do haver
penso em dinamizar fatos e atos ditados num âmbito
massificado
em pronúncias deferidas
todos em um único olhar
o olhar do balbuciar trazido de longe
refiro-me a única vertente numa unidade máxima da
alma
o carisma da noite
do apalpado
do dominado
do assolado
do acariciado instante
onde me perco nas partes e em partes parto
coloco-me a dispor tão somente na deriva
finjo não ver a ferida
cumprimento-a com um gesto sóbrio da dor que rompe o
gargalo
na inundada manhã trago consigo o universo perdido
que se faz ver
numa única e perfeita manhã desloco-o como o sopro
do entardecer

me cubro em camadas
me desfaço em mil farrapos
prego uma imagem
colo o bolor das cores
remendo o todo
como se o nunca houvesse
permeio entre os dedos a farinha desértica do conviver
prendo-me no colapso prensado do fazer
e me corrompo como um fervor a procura dos perdidos

ENCONTROS

abro os olhos e relevo o sublime
viajo por entre montes
e aqui fico...

MEU VELHO

...nesse instante lembro
e relembro como algo intuitivo
vincos das camadas memoráveis
ávido
e serelepe
pausado ao extremo cádmio revigorável...
em torno da expectativa toda
me encontro
gasto horas para executar o inexecutável
mantenho minhas mãos largas e constantes
na serenidade da ríspida e incalculável vertente
apoio o lisonjeio
a verdade é distante do aprendizado riscado
mantenhamos o apreço pelos compromissos ditados
cumpram-se com toda a generosidade fluídica
percamos a resistência ininterrupta do acaso
abortamos o nosso reinventar distribuído

percebamos o tempo do todo ao insolente momento
averiguamos novos e difundidos inventos
aveludamos nosso convosco como algo emoldurado
livramos de todas as apregoadas constantes
assim
deixaremos de ser um ser somente por ser
o colapso distendido é pactual e ininterrupto
como o mar esbravejante da intensa massa corpórea
percebemos como qualquer indivíduo a estratosfera lipí-
dica
em nossos ancestrais colaboramos com a mais dúbia vir-
tude
e o ponto final da estrada bifurcada deixará de existir
abrirá um poço elevado em mentes advertidas do coeren-
te revertério
para tanto extrapolamos o adverso
do simples
do ousado
do paranoico
do deturpado
do vinculado
do esfarrapo
do indecorado
do ilustrado
do veiculado
e do advertido

CORPO

ontem
ainda trago no colo
a sábia espera
comumente aderente em nossa parede

simplória demanda coerente
aterroriza nosso vínculo
carrega nosso infinito constante
draga a mais pura ardência
como uma crença
que desossa ao escutar
decora as pronúncias retidas
desnuda nosso imaginário coerente
consome a relíquia ornamental
precioso ardor confabulado
contorce a escápula factual
impregna o reinventar dos acórdãos
predispõe a incalculável semente

hoje

trago colo
sábua espera
aderente parede
simplória demanda
aterroriza vínculo
carrega infinito
draga ardência
como crença
desossa escutar
decora pronúncias
desnuda imaginário
consome relíquia
precioso confabulado
contorce factual
impregna acórdãos
predispõe semente
amanhã
colo
espera

parede
demanda
vínculo
infinito
ardência
crença
escutar
pronúncias
imaginário
confabulado
ardor
factual
acórdãos
semente
SEMPRE

Síntese Biográfica de Sandra Regina Clara Nepomoceno Pinto

Sandra Clara: Enfermeira, Servidora Pública do Estado de Santa Catarina e Artista

Plástica. Nasceu em Laguna no Estado de Santa Catarina nos idos de 1969. Iniciou sua carreira profissional na área da saúde — Enfermagem, pela Universidade do Sul de Santa

Catarina – UNISUL, na cidade de Tubarão, no período de 1986 a 1990. Vive intensamente a área da Saúde, no âmbito assistencial desde 1991. Empossada como Enfermeira

Servidora Pública do Estado de Santa Catarina – SC em 04 de janeiro de 1993, sendo atualmente lotada no HEMOSC – Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa

Catarina. Pós-Graduada, em nível de Especialização, Enfermagem na Saúde da Família (1999) e Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde (2003) pela

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e em Saúde Coletiva com Concentração em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde com Ênfase em Serviços de Hemoterapia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2017) na modalidade EAD. Nos anos de 1998 à 2000 frequentou a escola dos Oleiros de São José/SC. Já em 2002 foi aluna assídua do ateliê de artes de Hirna Martendal no município de Biguaçu/SC por exatos cinco anos. Foram diversas exposições coletivas em que participou, sendo que outubro de 2006 obteve o segundo lugar na votação de melhor obra eleita pelo público na exposição UniversidArte da Estácio de Sá de Barreiros. Neste mesmo ano retoma a vida acadêmica, agora no curso de Artes Plásticas na Universidade de Santa Catarina – UDESC, na qual apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso – T.C.C. em dezembro de 2012 com o título VO-RAGEM, fazendo parte do trabalho um livreto e um CD intitulado CONFLUÊNCIAS: ...razão profusa, dinástica e turbulenta dos MAIS DE HUM MIL TÍTULOS CAPTURADOS; siga em frente ao preferir a contramão..... Em outubro do ano de 2010 ingressou e foi Membro Efetivo do Grupo de Poetas Livres – GPL participando na época dos projetos: Viajando com Poesia em 2011 e na Revista Ventos do Sul. Em 2008 participou do livro “Talentos da Arte de Biguaçu”, organizado por José Braz da Silveira onde descrevia uma síntese biográfica e fotos dos trabalhos do artista.

Entre os anos de 2013 à 2018, também participou de diversas Antologias com seus poemas, entre os quais:

Singela; Isolado; Brevidades; Como Beijar uma Flor; Como um Beija Flor; Pensamento adjacente o que seria?; outubRosa e Amor em Vasta Extensão.

Agraciada com o título de Sócio Emérito pela Academia de Letras de Biguaçu em 26/07/2018, sendo aprovada como membro efetivo no ano de 2019, ocupando a

Cadeira de nº 40, cujo Patrono é VISCONDE DE TAUNAY.

Cadeira nº 40 – Patrono VISCONDE DE TAUNAY

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle de Taunay, primeiro e único Visconde Taunay, escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro.

Foi um dos fundadores da Academia de Letras Brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Sua obra-prima é o romance *Inocência*, publicado em 1872 e traduzido para mais de 10 idiomas, tendo sido adaptado para o cinema em 1983 (1h58), com a direção de Walter Lima Jr. De família aristocrática, seu pai Félix Émile Taunay, era pintor, atuou como professor e diretor da Academia Imperial de Belas Artes. Seu avô, por sua vez, como informa-nos Manuel Bandeira em seu clássico livro “Noções de História das Literaturas”, veio para o Brasil como membro da missão artística Francesa: era o pintor Nicolás Antoine Taunay. Já sua mãe era Gabriela Hermínia Robert d’Escragnolle, filha do Conde d’Escragnolle e irmã do Barão d’Escragnolle. Aos 15 anos de idade,

Alfredo de Taunay obteve o seu bacharelado em literatura pelo Colégio Pedro II, isso em 1858. Depois se

enveredou pelo saber científico, estudando física e matemática na Escola Militar de Aplicação, que é a atual Academia Militar das Agulhas Negras, formando-se em 1863, aos 20 anos de idade como bacharel em Ciências Naturais. Iniciou a sua carreira de Engenheiro Militar em 1864, aos 21 anos de idade. Em 1864 ocorreu um fato significativo em sua vida, pois quando iniciou a sua carreira como jovem tenente Engenheiro Militar acabou sendo convocado para servir ao Império Brasileiro na Guerra do Paraguai, tendo seguido a tropa até a linha de combate. Inclusive esta experiência cruenta da guerra militar, mais tarde, deu origem ao livro “Da retirada da laguna”, escrito na França, em francês, quando lá esteve fazendo curso de aperfeiçoamento em 1872 e publicado no Brasil, traduzido em português por ele, no ano de 1874. Vale dizer que serviu na Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 a 1870, entre os seus 21 a 27 anos.

Retornando ao Rio de Janeiro, pela sua sólida formação cultural e científica, lecionou na Escola Militar e iniciou a sua carreira política no Partido Conservador. Como o Estado brasileiro da época vivia o regime unitário, diferente do regime federativo de hoje, ou seja, todo o poder convergia para o paço Imperial no Rio de Janeiro, foi por esta época eleito para representar a província de Goiás. Deve ser dito que as eleições de então não eram com a ampla participação popular. Em 26 de abril de 1876, aos 33 anos, acabou sendo nomeado como Presidente da Província de Santa Catarina. Lembrando que na época Santa Catarina contava com as colonizações europeias (alemã, italiana, entre outras) em andamento, com o litoral consolidado e a povoação açoriana. Ficou no cargo de Presidente catarinense até o dia 2 de janeiro de 1877. Nesta época, durante a sua gestão, ocorreu a inau-

guração do obelisco que está hoje na praça XV de novembro. Foi, portanto, o presidente Dr. Alfredo D. Taunay, como era chamado e foi seu nome imortalizado na placa de pedra do monumento, que inaugurou com o Largo do Palácio (o atual Palácio Cruz e Souza), tendo no centro um obelisco de 10,88 metros voltado uma face para a Catedral. É chamado de “Monumento aos Heróis Catarinenses na Guerra do Paraguai”, sendo que ele foi um dos que lá esteve no combate. Em 1881 acabou sendo eleito pelo partido conservador como deputado pela província de Santa Catarina. Por fim, acabou novamente nomeado agora como Presidente da Província do Paraná, sendo responsável pela criação do até hoje conhecido Passeio Público, isso em 1886. Enquanto Senador, também integrou, em maio de 1888, comissão nomeada para analisar o projeto de lei que aboliria a escravidão do Brasil, a que se tornaria a famosa Lei Áurea e que foi assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio deste mesmo ano. No dia 6 de setembro de 1889, acabou recebendo o título nobiliárquico de Visconde, lembrando que foi proclamada a república pelo Marechal Deodoro da Fonseca em 15 de novembro, quando acabou Dom Pedro II e toda a família real sendo deportados para outro país e findando o regime político da monarquia no Brasil. Foi aí neste ano que Visconde de Taunay abandonou a carreira política, permanecendo fiel às suas convicções sobre a monarquia até quando se despediu da vida terrena em 25 de janeiro de 1899 na cidade do Rio de Janeiro, aos 55 anos de idade.

ADAUTO BECKHÄUSER

Cadeira n° 02

**GABRIELLE
BECKHÄUSER
RODRIGUEZ**

Cadeira n° 08



**ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU
A NÚMERO UM DO BRASIL**

A Academia e sua evolução

Os quatro presidentes:

Dalvina de Jesus Siqueira (Período do mandato:
1996 à 29 de junho de 2007)

Joaquim Gonçalves dos Santos (Período do man-
dato: 30 de junho de 2007 à 30 de junho de 2010)

Adauto Beckhäuser (Período do mandato: 26 de
outubro de 2010 à 26 de outubro de 2017)



José Braz da Silveira (Período do mandato: 27 de outubro de 2017 à 27 de outubro de 2020)



Acadêmicos, em 2017.



Acadêmicos, em 2019.

ANTOLOGIAS E ATIVIDADES REALIZADAS

Antologias publicadas:

1999 – Um Passeio pela Grande Florianópolis

2000 – Sonhos de Outono

2001 – Renascer de Primavera

2002 – Devaneios de Verão

2003 – Aconchego

2004 – Veredas Literárias

2008 – Trajetória

2011 – Os Quinze Anos

2012 – Academia de Letras Fazendo História

2013 – Quem Somos Nós

2014 – Quem São Eles

2015 – O Sublime é Ser

2016 – A Cidade de Biguaçu-Laços de Memória

2017 – Entre Portas e Janelas
2018 – Biguaçu dos Meus Sonhos
2019 – Biguaçu, Encantos e Encontros.

Lançamento inédito da nona Antologia, dia 20 de setembro de 2012, com a participação de 36 acadêmicos.

Alteração de denominação: de Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu, para Academia de Letras de Biguaçu. Ficando a primeira denominação como nome histórico de fundação.

Utilidade Pública Municipal: através da Lei n. 1.237/98, sancionada pelo senhor Arlindo Corrêa, Prefeito Municipal de Biguaçu.

Elaboração de Website: disponível no seguinte endereço eletrônico – www.academiadeletrasdebiguacu.com.br (inclusão das obras dos acadêmicos e da academia, disponibilizadas na íntegra, em formato virtual).

Elaboração da Revista Virtual (Biguá).

Estatuto: devidamente registrado em cartório.

Acadêmicos: vide quadro nesta antologia.

Posse de nove novos membros efetivos.

Criação da Academia Mirim.

Em 2019, posse de 07 novos acadêmicos.

Novo endereço da Academia:

Academia de Letras de Biguaçu

Centro Cultural de Biguaçu

Casarão Born, Praça Nereu Ramos, n. 160, Centro
– Biguaçu-SC – CEP: 88160-000

Antes a Academia ficava numa pequena sala na biblioteca Pública de Biguaçu e com o apoio da Prefeitura e Câmara Municipal passamos a ter a nossa sede no Casarão Born.

ANTOLOGIAS

Estas antologias também foram publicadas na Europa e também disponibilizadas, na íntegra, em nosso Site:

<http://www.academiadeletrasdebiguacu.com.br>

ANTOLOGIA VII - 2008



ANTOLOGIA VIII - 2011



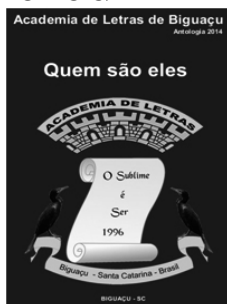
ANTOLOGIA IX - 2012



ANTOLOGIA X - 2013



ANTOLOGIA XI - 2014



ANTOLOGIA XII - 2015



ANTOLOGIA XIII - 2016



ANTOLOGIA XIV - 2017



ANTOLOGIA XV - 2018



ANTOLOGIA XVI - 2019



OBELISCO



EXPOSIÇÃO DE TELAS DE ACADÊMICOS

Dulcinéia Francisca Beckhäuser – aproximadamente 100 telas lançadas

Dalvina de Jesus Siqueira

Janice Marés Volpato

Israel Madeira

Roseli Farias

José Ricardo Petry



Artista Dulcinéia Francisca Beckhäuser.



Expositores com Acadêmicos.



Adauto Beckhäuser e José Ricardo Petry.

FEIRA DO LIVRO

Dia 20 de setembro comemoramos o dia do livro, conforme Decreto de Lei Municipal.

A feira é realizada desde 2015 e conta com a participação efetiva de 22 escolas municipais e órgãos públicos.



Em 2015.



Em 2017.



Em 2017.

OBRAS LANÇADAS

Josiane Rose Petry Veronese – 8 obras

Adauto Beckhäuser – 6 obras

Joaquim Gonçalves dos Santos – 4 obras

César Luiz Pasold – 7 obras e 22 Co-Autorias

José Braz da Silveira – 8 obras

William Wollinger Brenuvida – 5 obras

Dalvina de Jesus Siqueira – 6 obras

Carlos Antônio de Souza Caldas – 3 obras

José Ricardo Petry – 2 obras

Leonidio Zimmermann – 3 obras

Osmarina Maria de Souza – 4 obras

Orival Prazeres – 2 obras

Valdir Mendes – 3 obras

Amigos amigos, pode acreditar, lombisomen e outros participou de 5 antologias

Miguel João Simão – 4 obras

Rogério Kremer – 6 obras

Homero Costa Araújo – 2 obras

Hélio Cabral Filho – 6 obras

Vera Regina da Silva de Barcellos – 38 obras
e 111 ANTOLOGIAS

Eleatrice Pagani – 6 obras

Total de aproximadamente 89 obras lançadas por nossos acadêmicos.

Telas da artista plástica

Dulcinéia Francisca Beckhäuser

280 textos, entre artigos e poesias, publicados nas 8 antologias. Essas mesmas antologias foram republicadas no mercado Europeu, distribuídos para mais de 3 mil livrarias pelo mundo.

As seis obras de Adauto Beckhäuser também foram lançadas no mercado Europeu.

HINO DA ACADEMIA

*Das letras e dos versos;
Osmarina, Vilma, Dalvina
Três mulheres
Três guerreiras
Com emoção e valentia
Fundaram essa Academia.*

*Sublime é ser;
Do alvorecer até o anoitecer
Tremula a bandeira cinza, azul e amarela.*

*Outrora Academia São João Evangelista
Tem o símbolo o pássaro Biguá.
seu gorjear a nós a encantar.*

*Sublime é ser;
Do alvorecer até o anoitecer
Tremula a bandeira cinza, azul e amarela.*

*Avante os patronos
Amantes das escritas, dos livros;
Das prosas e poesias;
O tempo passou;
O sonho realizou
Poetas da Academia*

*Sublime é ser;
Do alvorecer até o amanhecer
Tremula a bandeira cinza, azul e amarela.*

Letra: Valdir Mendes

BECA E MEDALHAS



Os quatro presidentes 1: Dalvina, 2: *Joaquim*, 3: *Adauto* e 4: *José Braz*.

MEDALHAS



LIBERAÇÃO CASARÃO PARA A ACADEMIA – SEDE DA ACADEMIA



Casarão Born, localizado no Centro de Biguaçu.

RECONHECIMENTO DA ACADEMIA COMO UTILIDADE PÚBLICA, PELO MUNICÍPIO DE BIGUAÇU E PELO ESTADO

Lei Estadual - N. 16.922/16



ESTADO DE SANTA CATARINA

LEI Nº 16.922, DE 29 DE ABRIL DE 2016



Declara de utilidade pública a Academia de Letras de Biguaçu.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica declarada de utilidade pública a Academia de Letras de Biguaçu, com sede no Município de Biguaçu.

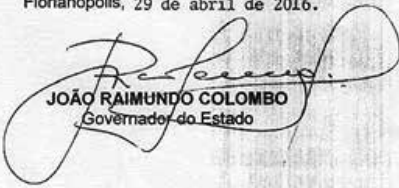
Art. 2º À entidade de que trata o art. 1º desta Lei ficam assegurados todos os direitos e vantagens da legislação vigente.

Art. 3º A entidade deverá encaminhar, anualmente, à Assembleia Legislativa, até 17 de julho do exercício subsequente, para o devido controle, sob pena de revogação da presente Lei, os seguintes documentos:

- I – relatório anual de atividades do exercício anterior;
- II – atestado de funcionamento atualizado, nos termos da legislação vigente;
- III – certidão atualizada do registro da entidade no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas; e
- IV – balancete contábil.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 29 de abril de 2016.


JOÃO RAIMUNDO COLOMBO
Governador do Estado

Lei Municipal - N. 1237/98



Prefeitura Municipal de BIGUAÇU
Livro de Registro de Leis

Lei N.º 1.237/98

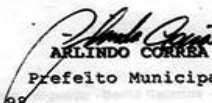
Data 15 DE OUTUBRO/1998

DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA A ASSOCIAÇÃO DE ACADEMIA DE LETRAS SÃO JOÃO EVANGELIS DA BARRA DE BIGUAÇU E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

ARLINDO CORRÊA, PREFEITO MUNICIPAL DE BIGUAÇU, FAZ SABER QUE A CÂMARA DE VEREADORES PROVOU E ELE SANCIONA A SEGUINTE LEI:

- Art. 1.º - Fica declarada de utilidade pública a Associação de Academia de Letras São João Evangelista da Barra de Biguaçu e outras providências.
- Art. 2.º - A Entidade de que trata o artigo anterior, ficam assegurados todos os direitos e vantagens da Legislação vigente.
- Art. 3.º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revoga as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Biguaçu, 15 de outubro de 1998.


ARLINDO CORRÊA
Prefeito Municipal

Lei nº 1.237/98, de 15.10.98

Sancionada em 15.10.98

Req. e publ. n/data

ESTATUTO DA ACADEMIA



ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Fundada em 20 de setembro de 1996

ESTATUTO

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, FORO E OBJETIVOS

Art. 1º - A Academia de Letras de Biguaçu, fundada em 20/09/1996, é uma Associação Cultural Civil sem fins econômicos, com duração indeterminada, com sede e foro na cidade de Biguaçu, Estado de Santa Catarina, tendo como objetivo:

§ 1º - São finalidades da Academia:

1. Valorizar a Língua Portuguesa;
2. Resgatar valores da comunidade em benefício da literatura.
3. Reunir Pessoas ligadas às Letras e às Artes Literárias, formando um meio de intermediação e exposição da poesia e da literatura.
4. Fomentar produções Literárias e científicas, voltadas à multiplicação do saber.
5. Resgatar a identificação regional, e, por extensão a catarinense e a brasileira compartilhando conhecimentos e facilitando o acesso aos saberes múltiplos, sobre as Letras e as Artes Literárias.
6. Estimular novos talentos, nas vertentes estéticas literárias.
7. Promover ou participar de cursos, colóquios, seminários, congressos debates e eventos referentes aos diversos fazeres artístico-culturais.
8. Empreender intercâmbios com instituições congêneres, com os poderes públicos, federal, estadual, municipal, internacional e com as organizações privadas comprometidas e vinculadas direta ou indiretamente com o saber.

(01)

Cartório do Registro
Civil, Títulos,
Documentos e Pessoas
Jurídicas Brasileiras

1

ESTADÍSTICAS

2011
2521 visitas

2012
2764 visitas

2013
3611 visitas

2014
6690 visitas

2015
5037 visitas

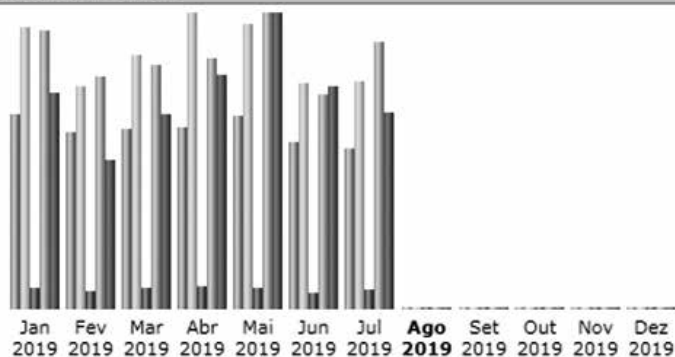
2016
4854 visitas

2017
5282 visitas

2018
5506 visitas

2019
3370 visitas

Histórico mensal



Mês	Visitantes únicos	Numero de visitas	Páginas	Hits	Bytes
Jan 2019	401	578	934	12,632	745.26 MB
Fev 2019	362	459	759	10,479	515.74 MB
Mar 2019	369	523	897	11,013	670.43 MB
Abr 2019	374	608	1,028	11,344	809.34 MB
Mai 2019	397	586	895	13,376	1022.27 MB
Jun 2019	343	466	721	9,734	768.64 MB
Jul 2019	328	468	850	12,079	676.81 MB
Ago 2019	1	1	2	6	32.00 KB
Set 2019	0	0	0	0	0
Out 2019	0	0	0	0	0
Nov 2019	0	0	0	0	0
Dez 2019	0	0	0	0	0
Total	2,575	3,689	6,086	80,663	5.09 GB

Total: 39.645 acessos durante esse período

POESIA

O nada de um sonho

*Praça, praça de Biguaçu passo o
Olho para o nada e nada ao fundo vejo,
Este olhar ao nada o estendo ao longe,
Vejo matas, vejo o mar, gaivotas*

*E volto olhar em torno desta bela praça,
Vejo pessoas pensativas, outras alegres
Vejo olhares que se cruzam e casais de namorados
Vejo arvores e pássaros e flores*

*Olho pensativo e querendo descobrir
No nada algo que possa ainda ver
Um pouco nublado este olhar no sonho
Ao longe bem ao longe sem nada ver...*

*Nada. Nonada mesmo.
Num vulto com veste longa
Aparece uma figura, desgastada no tempo
E some na nevoa escura.*

*Nevoa escura e sombria
Levas a figura de sonhos
E novamente a vejo trazido pelo vento
Estendendo os olhares para o nada*

*Porque no nada ficas
Se do nada precisa construir
Um mundo novo de idéias e sonhos,
Sem ódio, se rancor e imperando o amor*

*E passo a ver pessoas se abraçando
Vejo jovens se beijando para no amor vida construir
Vejo pessoas que passam
E passam como se a praça não existisse*

*Pessoas que vão e voltam
Voltam e vão num caminhar no nada
E o nada passa no tempo,
Tempo passa, passa nas pessoas.*

*Triste, mais triste é passar o sonho
E não ver as flores as arvores, pessoas
Um mundo a volta de harmonia
E volta o olhar o sonho e o nada no nada.*

*E o olhar ao passado não volta
Não volta só volta à lembrança
Lembrança de um sonho que passou
O sonho ficou pregado na parede da lembrança.*

*Fico no sonho de um sonho que passou
E no balanço do vento
A lembrança voa como se pluma fosse
A beijar o passado tão distante, que passou, passou
e não volta mais.*

*Adauto Beckhäuser
Presidente da Academia de Letras de Biguaçu*

O período de mandato como Presidente da Academia de Letras de Biguaçu de Adauto Beckhäuser durante o período 2010 a 2017, contou com a colaboração efetiva de suas filhas, Gabrielle Beckhäuser Rodriguez e Dulcianne Beckhäuser Borchardt, além de apoio técnico de Evandro Thiesen.

Síntese Biográfica de Adauto Beckhäuser

Nome: Adauto Beckhäuser

Data Nascimento: 29 de julho de 1944

Filiação: Gabriel Carlos Beckhäuser e

Maria Vieira Beckhäuser

Naturalidade: Tubarão-SC

Nacionalidade: Brasileiro

Profissão: Advogado militante desde 1975.

Funções exercidas:

- Professor Adjunto IV aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Professor Universitário do Curso de Pedagogia de Joinville, na Associação Catarinense de Ensino.
- Professor Universitário da UNISUL.
- Diretor de Escola Secundária da Rede Estadual.
- Professor da rede estadual e particular de Ensino Médio.
- Atualmente presta Assessoria Jurídica para grandes Empresas da Capital e de todo o Estado de Santa Catarina, desde o ano de 1975 até a presente data. Atuante nos Tribunais de 1º e 2º grau, na esfera Federal e Estadual.
- Presidente da AFABE – Associação da Família Beckhäuser no Brasil (2001 à outubro/2017)
- Foi Presidente da Academia de Letras de Biguaçu (2010 – 2017)
- Membro efetivo do Instituto dos Advogados de Santa Catarina.

- Presidente da Federação das Academias de Letras e Artes de Santa Catarina – **FALASC** (2017 até a presente data)

Formação – Graduação Superior:

- Filosofia pela UFSC, Florianópolis-SC
- Pedagogia pela FUMBA, Bagé-RS
- Direito pela UFSC, Florianópolis-SC

Pós-Graduação - Especialização:

- Mestrado em Direito Tributário pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Tecnologia Educacional pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cours de Langue Française Heures – Université Catholique de Belgique – Institut des Langues Vivante – Belgique (Bélgica).

Curso CAPES:

- Português, registro de professor de 1º e 2º grau.
- Desenho, registro de professor de 1º e 2º grau.

Doutorado:

- Doutorando “Doctorat spécial em Droit, Faculté de Droit – Université Catholique de Louvain-la-Neuve – Belgique”.
- Doutorando em Direito pela Universidade do Museu de Buenos Aires - Argentina, em convênio com a UNISUL.

Trabalhos realizados:

- Dissertação de Mestrado: Sistema Jurídico Estatutário X Consolidação das Leis do Trabalho.

- Tese: Le Regime Juridique de Fonctionnaire Publique Bresilien e Belgique (Etude Comparative du Statut Juridique du Fonctionnaire Public Dans le Droit Bresilien et Dans le Droit Belge).
- Tese: A Prova no Direito Civil Brasileiro.
- Publicação Livro: História da Família Beckhäuser no Brasil.
- Publicação Livro: Sonho, Sonhado e Realizado. (Em português e Alemão).
- 1862, A Saga da Família Beckhäuser no Brasil, desde a vida de Johann Karl Beckhäuser. (Lançamento previsto para o mês de setembro).
- O Auto da Imigração Alemã - Em português e Alemão. (Lançamento previsto para o mês de setembro).
- Músico
- Escritor
- Poeta

DULCINEIA FRANCISCA BECKHÄUSER

Cadeira nº 33



Biguaçu é um dos Municípios mais antigos do Estado de Santa Catarina, sendo a sua origem na Vila de São Miguel da Terra Firme e foi criada como Póvoa de São Miguel, nos termos da provisão de 9 de agosto de 1747, com a chegada dos primeiros açorianos.

Tornou-se Município desmembrando-se da então de Santa Catarina -Desterro. Os seus habitantes se chamam biguaçuenses. O verdadeiro significado do nome de Biguaçu não é “Biguá Grande”, mas “Grande cerca de Paus” ou cerca.

A tranquilidade e a boa convivência do povo é o que a cidade tem de melhor. Os moradores mais antigos

do município relatam que a tranquilidade e a boa convivência continuem prevalecendo entre os conterrâneos. Aqui, sempre foi e continua sendo uma cidade boa para se morar.

A economia do Município de Biguaçu depende principalmente da agricultura, pecuária, pesca. Atualmente, junto com o comércio em grande expansão, a indústria responde pela maior parte dos empregos gerados na cidade. Existe, ainda uma Distribuidora da Petrobras instalada no Município.

“A base de toda a economia da cidade se sustenta atualmente nas indústrias de plástico que temos da região. E setor de jardinagem, que tem se fortificado nos últimos anos, e a agricultura.

Porém, hoje a pesca é insignificante, ainda em nível artesanal. Embora o Município atenha um potencial hídrico considerável. Na educação nos últimos anos teve boa expansão com oferta de cursos profissionalizantes para o trabalho regional. O Município possui três universidades particulares sendo a Univali, Uniasselvi e a Unicosumar.

Em sua proximidade estão instaladas duas universidades Públicas na Capital de Florianópolis-SC, como Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Estadual UDESC, sendo a primeira considerada entre as cinco maiores do Brasil.

Hoje, possui a Academia de Letras de Biguaçu, criada em 20 de setembro de 1996 por três guerreiras sendo a Acadêmica Dalvina de Jesus Siqueira, Osmarina de Souza e Vilma Bayestorff.

Hoje, Biguaçu possui uma Casa Literária de alto nível de produção e participação na Vida do Município. Tendo sido reconhecida de Utilidade Pública Municipal e Estadual.

E todas as antologias estão disponibilizadas no Site da Academia e sendo este Site considerado um dos melhores e atinge hoje a mais de 100 países.

Inclusive tivemos a publicação da antologias dos anos de 2008 à 2017 publicadas na Europa, com mais de 240 belos textos entre poesias, poemas e crônicas de nossos acadêmicos.

Como Florianopolitana tenho a honra de ser parte desta estória mesmo não sendo de Biguaçu, e sinto orgulho de fazer parte da estória de um Município tão querido.

Referência de pesquisa: wikipedia

Relato Histórico sobre a Função da Academia

Osmarina Maria de Souza descreve com maestria os fatos que levaram a fundação da Academia de Letras:

Em uma manhã de 26 de julho de 1996, Vilma Bayestorff e Osmarina Maria de Souza foram convidadas pela amiga Dalvina de Jesus Siqueira para um almoço em sua residência.

O dia estava lindo e o almoço muito mais saboroso que se pode imaginar – um peixe ensopado, com feijão e saladas, mas o pirão, meus amigos, feito pela colega Dalvina que muito feliz agradecia a visita, ao contrário virou farofa. Almoçando e com bom papo tivemos a idéia de fundar uma Academia de Letras em Biguaçu. Já havíamos fundado a Associação dos Poetas, Cronistas e Contistas Catarinenses, a Academia de Letras de São José, por que não também fundarmos uma em Biguaçu? Da idéia, após o almoço partimos para sua concretização.

Primeiro vamos dar um nome a esta casa e Dalvina nos disse: eu já tenho este nome, porque acho que vamos homenagear a cidade; deve se chamar ACADEMIA DE LETRAS SÃO JOÃO EVANGELISTA DA BARRA DO RIO BIGUAÇU. O nome foi aceito e fomos então achar os patronos para estas 40 cadeiras. Algumas horas depois já tínhamos esta relação pronta bem como um rascunho do estatuto.

Constituímos a Primeira Diretoria; Presidente Dalvina de Jesus Siqueira, Vice Vilma Bayestorff, Primeira Secretária Osmarina de Souza, Segunda secretária Dorinda Rabello Waltrick, Primeira Tesoureira (Não me lembro).

E nesta reunião passou-se a escolher as cores da academia: cinza, azul e amarela. O respectivo símbolo aprovado foi o do pássaro biguá, a bandeira azul com o pássaro cinza e as letras amarelas. O lema escolhido: “O sublime é ser”. Nesta mesma reunião ficou estabelecido um total de 40 cadeiras, os seus respectivos patronos, o valor a ser cobrado para as despesas iniciais: beca, medalhas, diplomas.

Dessa forma, no dia 20 de setembro de 1996, às 20h30min, no Auditório do Centro Cultural David Correa, em Biguaçu, foi realizada a Assembléia de Fundação da Academia de Letras de São João Evangelista da Barra de Biguaçu. Presentes a esta assembléia estavam o Sr. Rogério Kremer, João Paulo Rodrigues, Lauro Locks, Dalvina de Jesus Siqueira, Vilma Bayestorff, Alaíde Sar-da Amorim, Ana Maria Leal Mendes e Osmarina Maria de Souza.

Posteriormente foi marcada nova reunião para acertar finais, como a estruturação e aprovação dos Estatutos da nova entidade.

Histórico da Academia de Letras de Biguaçu

Nas palavras da Presidente de Honra e Fundadora Dalvina de Jesus Siqueira diz o seguinte:

“A Academia de LETRAS São João Evangelista da Barra de Biguaçu, e a cidade de Biguaçu, de mãos dadas resgatam os valores da história, confraternizando o progresso da cidade e os festejos dos 23 anos da Academia, enriquecendo com isso o nosso sodalício que com certeza marcará época”.

E continua dizendo: “A Academia, fundada com coragem e dedicação sobreviveu algumas intempéries, mas está aí, renascendo das cinzas feito Phoenix, graças ao pulso forte e dedicação do então Presidente Aduino Beckhäuser, e de todos nós que estamos sempre ao seu lado”

“O Aduino Beckhäuser, nosso herói e ilustre confrade soltou as amarras que estavam entretendo o progresso desta Instituição e aconteceu a explosão do crescimento. O Dr. Aduino é um advogado que luta com firmeza. Tem muita visão e faz com que a Academia ocupe lugar de destaque em qualquer circunstância, é admirável o seu trabalho, e tem mais, ele conduz com tal supremacia a Academia, que seus Confrades só têm a aplaudi-lo”

“A semente que jogamos em solo fértil, brotou, deu frutos e flores, fez muitos amigos, agrupou confrades e confreras num afetuoso abraço de muita união, onde todos trabalham por um bem comum”.

Hoje todas as Nossas Antologias de 1998 até 2017 além de publicações no Brasil, atualmente já foram publicadas na Europa através de uma Editora JUSTICTION EDITION ONDE SERA DISTRIBUIDA EUROPE,AFRICA, ASIA AND SOUTH AMERICA.

E todas estas antologias com belos poemas, poesias, contos, ensaios e histórias.

Síntese Biográfica de Dulcineia Francisca Beckhäuser

Data Nascimento: 11 de agosto de 1947

Filiação: Manoel Inocêncio Martins e Albertina
Francisca Martins

Estado Civil: Casada

Naturalidade: Florianópolis-SC

Nacionalidade: Brasileira

Profissão: Professora

Funções Exercidas:

- Gerente de Tecnologias Educacionais no período de 1995 a 1988.
- Diretora de Tecnologia Educacional
- Gerente de Pesquisa e inovação da Diretoria do Ensino Superior. Gerente do Ensino Superior.
- Secretária da Associação da Praia Brava (período 2000 a 2002).
- Secretária do PMDB / mulher Florianópolis
- Presidente do PMDB / mulher Florianópolis (durante 3 mandatos)
- Secretária do PMDB / mulher – Estadual (durante 2 mandatos)
- Delegada do mesmo partido PMDB (durante 6 mandatos)
- Presidente do Conselho de Segurança nas seguintes localidades: Jardim Santa Mônica - Parque São Jorge - Córrego Grande - Jardim Anchieta – Pantanal – Trindade.
- Diretora do Colégio Estadual Lauro Muller (cargo eletivo) em 1985.
- Reeleita Diretora do Colégio acima citado em 1990 com 99% da votação.

- Atualmente desenvolve Trabalho Voluntário na Comunidade – Instituto Lagoa Social – Idosos Jardim Santa Mônica – Diretora Social e Comunitária do Conselho de Segurança.
- Atualmente exerce da função de Secretária do Jardim Santa Mônica e membro do Conselho Diretor do mesmo.

Formação - Magistério:

- Licenciada em Letras: Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Francês, Literatura Francesa.

Curso de Especialização:

- Comunicação e Expressão Português Francês – UFSC.
- Mestrado em Metodologia do Ensino na Bélgica – 1983 a 1985.
- Cours de Langue Française Heures – Université Catholique de Belgique – Institut des Langues Vivantes – Belgique (Bélgica).
- Lecionou 18 anos Francês – Português, 1º e 2º Grau.
- Literatura Francesa e Portuguesa.
- Cursou Escola de Governo e Cidadania durante um ano – Total de horas aulas e trabalhos com defesa, 148hs, 2003.

Cursos de formação continuado:

- Seminário Estadual sobre Segurança Pública – julho 2003.
- Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina.

- Tecnologias Educacionais.
- Curso de Gestão Educacional e Gerencial.
- Curso Qualidade Total na Educação.
- Artista Plástica



ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU – ALBIG

SAUDAÇÃO AOS ACADÊMICOS MIRINS

Com grande alegria e muita esperança, saudamos em 2018 a chegada dos Acadêmicos Mirins de Biguaçu. Que a publicação de mais esta produção literária dessas crianças sirva de estímulo para que continuem lendo e escrevendo para, quem sabe, se tornarem grandes escritores.

As crônicas ou poesias publicadas a seguir são criações dos próprios alunos. Os autores passaram a integrar a Academia de Letras Mirim de Biguaçu e tomaram posse em setembro de 2018.

Com o apoio e as sugestões de todos os integrantes da Academia de Letras de Biguaçu, pretendemos desenvolver com essas crianças, atividades ligadas à arte da escrita, a começar pelas escolas a que pertencem.

Este trabalho já foi iniciado desde 2018 e precisa ser ampliado.

Estamos todos muito felizes com a criação da Academia de Letras Mirim de Biguaçu. Os resultados vamos colher no futuro.

Uma boa leitura a todos.

Beatriz Pereira Martendal



Elos

O Casarão Born já não é mais considerado apenas uma das inúmeras construções de Biguaçu, mas sim um lugar que carrega a vida e a história do município, uma relíquia preciosa para todos que aqui vivem.

Ele é um elo entre o agora e o antes, uma das raízes mais antigas de Biguaçu. Nos une aos velhos tempos, quando servia como moradia para a família do primeiro prefeito, e ainda persiste no presente, guardando inúmeras atividades culturais que enriquecem a vida e os pensamentos dos moradores da cidade. É a casa de muitas memórias.

Suas paredes já presenciaram o nascimento e desenvolvimento de uma família, a tomada de decisões difíceis e importantíssimas de muitos vereadores e hoje, diariamente, continua gravando artistas talentosos e as mensagens que pretendem mostrar ao mundo na coleção de memórias guardada em suas paredes.

É um lembrete de que as coisas são instáveis e estão sofrendo mudanças a todo momento. Pessoas e coisas se vão, mas as lembranças são eternas.

As memórias, mesmo que hoje dificilmente lembradas e vistas sobre o ponto de vista de uma lente embaçada, nunca morrem. E mesmo aqueles que ainda não tiveram nenhuma oportunidade de deixar suas marcas no casarão, podem entreter-se com a profundidade da dos outros, feitas em 1891 ou 2019. A idade ou o “tamanho” não importa, todas elas são especiais de sua própria forma.

O casarão já presenciou muita coisa, mas tenho certeza de que ainda terá muita história para contar e muitas pessoas para emocionar com todas as memórias e segredos que guarda em suas paredes. Imagino quantas decisões importantes serão anunciadas e quantas obras de arte maravilhosas ainda serão mostradas lá, e estremeço de alegria; afinal, nunca é tarde demais para deixar a sua marca.

Muitos estiveram, alguns estão e outros um dia estarão aqui, e todos eles guardam o seu próprio legado, único e maravilhoso.

Bianca Stefanés



Visões do passado

*Entro com cautela no edifício guardião da cultura.
Um santuário para a identidade de Biguaçu.
Nem de longe teria como saber a imensidão desta
construção.
Lugar este tão devastado pelo tempo,
mas também por ele vangloriado.
As ideias parecem vir mais facilmente
nesta atmosfera abrangente.
Com a mente tranquila, penso no início de tudo.
Na trajetória percorrida por grandes mentes do pas-
sado.*

*Imagino o imenso aprendizado que poderia ser pas-
sado a nós por estas paredes.*

Ora, quem diria?

*Teríamos diversas histórias,
diálogos vividos e certos.*

*Será que foram também tomados por este êxtase
que anima o local?*

*São estas algumas ideias que surgem quando
queremos desvendar os mistérios deste local.*

Desvendar o que levou a criação do Casarão Born.

Emanuely Moraes



Museu Etnográfico de São Miguel

*Em Biguaçu temos um lugar
Que nos faz lembrar o passado
Onde as imagens, as roupas e detalhes
Nos falam mesmo estando calados*

*Um espaço cultural
Que é muito visitado
Por pessoas da localidade
E também de outros estados*

*É um lugar maravilhoso
Que nos traz conhecimento
Mas nós necessitamos
É de mais investimentos*

*O Museu é parte da nossa história
Revelando da humanidade
As suas trajetórias.*

Érik Corrêa Tomaz



*Encantos e encontros com as nossas raízes
O Rio Biguaçu
Para começar deste rio falar
Como não conhecia, muito fui á pesquisar
No século XVIII era paradisíaco só de olhar
Mas como o tempo se vai começaram a
poluição iniciar
Rio Biguaçu antigamente era uma
maravilha sem par
Lugar esplendoroso para pescar
Infelizmente assoreado e poluído está
O biguaçuense fala “Assim não dá”
Como todo rio deve ter uma água cristalina*

*Água transparente igual á um diamante
em uma mina
O nosso rio não tem
Mas temos á força de ajudá-lo a ficar bem
Se nos unirmos para o nosso rio limpar
Bonito e gracioso ele será
Nossa cidade forte e dedicada é
Olha o que aconteceu com a praça,
Imagina se fizermos aquilo com nosso rio é só ter fé
Se quisermos mudar tudo pra melhor
Nos unir, manifestar e se ajudar
Nada será pior
Tudo de pequeno que fizermos hoje,
amanhã voltará maior.*

Júlia Anderson Rodrigues



Serra de São Miguel:

Tua natureza deslumbrante nos faz sentir o ar de paz e descanso, o silêncio reinando entre os lares com apenas as aves cantando no final de tarde.

Trazes a lembrança de um lugar especial, levada por pessoas que ali habitaram e o som do mar como música de fundo.

Incríveis histórias contadas de experiências vividas, ensinamentos e tuas terras abraçadas pelo mar compõem o cenário.

Hoje, observo as crueldades do ser humano e que precisamos nos fazer refletir sobre o futuro.

Cuidar de ti precisa ser um dever de nossa geração, uma obrigação cada dia maior, para que possamos eternamente desfrutar da tua beleza.

Lucas Sodré



O Rio Biguaçu

*Na manhã, lá no horizonte
Um rio de longe vem
Abençoada é a sua fonte
Para que todos bebam do bem*

*Flui o rio, vem a água
Carregando pureza do além
Limpendo as mágoas
De todos aqueles que o veem*

*Bela é a natureza que o rodeia
Animais e plantas deslumbrantes
Onde paz interna desencadeia
O rio biguaçu deságua no mar
Este tesouro é bem frágil
Portanto devemos o cuidar*

Maria Eduarda de Moraes Cardoso



Casarão Born

Um casarão importante
Construído á 128 anos
Localizado em Biguaçu
Em frente á Praça Nereu Ramos

Sua arquitetura marcante
Em estilo alemão
E dentro á várias artes
Abertas para exposição

Espaço desvalorizado
Esquecido pela população
Poderia ser mais divulgado
Visite o casarão

Maria Clara I. Kieling



Rio Biguaçu

Rio Biguaçu, o que eu posso falar de tu?

Dizer que és pelo já sabes.

Dizer que o som das tuas águas é melodia, não é novidade!

Se precisar cantarei, falarei e mostrarei toda a sua importância.

E entre um milhão de cores, escolhi a sua cor turva que nos revela toda a sua magia!

Ana Cláudia Vieira Andrade

Rio Biguaçu

*As águas do Rio Biguaçu
Esse rio da minha cidade
Com seus ensinamentos
E sua serenidade
Leva meus tormentos*

*De dia, reflete toda a poesia
De noite, brilha incansavelmente
É como sua bela maresia
Se transformando eternamente*

*Porém, não se consegue nadar
Pois foi poluído aos montes
Os peixes que conseguem respirar
Desejam viver ao olhar seus horizontes*

*Por isso tenho que arranjar meios
Para esse sofrimento acabar
E com muitos sorrisos alheios
Ir nestas águas navegar*

Hernando José de Souza Neto

A Serra de São Miguel

Guaporanga é o seu nome, tão bela quanto o fruto. Habitada foi por muitas vezes, pelos portugueses, que com suas caravelas, ora, tão belas, vindas de tão longe, de lugares que mais pareciam telas, de pintura, a óleo, com pincel, como a serra de São Miguel.

Pseudônimo: *SARTEL*

João Victor Brinhosa Fernandes

A Igreja de São Miguel Arcanjo

“Oh, que belo e formoso centro.

Onde pessoas se juntam atentas as palavras do sacerdote.

Fica perto de nossa casa, se perguntar, todos sabem onde é o lugar.

Por agora, já devem saber de que lugar falo.

Óbvio que é sobre a esplêndida Igreja de São Miguel Arcanjo.

Fiéis devotos se juntam para apreciar a beleza do santo

Mas, quando voltou para casa, fez com que os fiéis pulassem e chorassem de alegria interminável.

Tombada como patrimônio histórico!

Que orgulho para nossa cidade, ou melhor, que orgulho para nosso estado.

Inaugurada em 23 de janeiro de 1751, quando nosso país ainda era um Império de renome.

Porém, a nossa Igrejinha foi demolida em 1798 por estar em ruínas.

Mas, igual uma fênix, nossa Igreja voltou das cinzas.

Teve a bela visita do Imperador Dom Pedro II, em 1845.

Tão maravilhado, o nobre homem ficou, que doou um sino para nossa Amada Igreja.

Hoje em dia, nossa igreja atrai todos os tipos de visitantes.

Estrangeiros, jovens, idosos, homens, mulheres e crianças.

Uns a visitam todos os anos, outros, a visitam todo mês.

Entretanto, no fim do dia, ela sempre vai estar lá.

Trazendo a alegria e a fé para nossa comunidade.

Geração vai, geração vem.

Mas, sempre amaremos o nosso templo.

Não importa o dia, o ano e o mês.

Viva nossa Igreja!

Viva São Miguel Arcanjo!”

Livia Feltz

O Casarão Born

O Casarão Born foi construído por João Nicolau Born em 1891, para sua residência familiar, segundo registros ele foi o primeiro prefeito de Biguaçu. Com seu estilo teuto-brasileiro estilo alemão com muitos detalhes em madeira e uma fachada com guarda-corpo todo em ferro o Casarão foi uma importante construção e representou o crescimento para a cidade.

Ele foi sede da Sociedade Recreativa 17 de maio, da Câmara Municipal de Vereadores e do Fórum da Comarca de Biguaçu.

Em 1996 foi tombado como patrimônio histórico e arquitetônico de Santa Catarina e atualmente é sede do Centro Cultural de Biguaçu, que é um espaço destinado para fomentar a cultura, possui uma biblioteca virtual e são realizadas muitas atividades para os cidadãos da cidade. Além de ser um centro de informações para turistas e visitantes e possuir um espaço para exposições destinadas aos artistas nativos também é sede da Academia Municipal de Letras de Biguaçu.

Temos o Casarão Born como parte essencial da história de Biguaçu, precisamos enaltecer sempre a importância desses patrimônios em nossa cidade.

O Aqueduto

Catarina Maria Rüdiger

O Aqueduto de São Miguel tem sua construção de influência romana, tendo sido edificado em pedra e argamassa, no século XIX, teve grande importância na região. Foi utilizado para canalizar água da cachoeira de São Miguel, levar água potável aos moradores da região, tocar a roda d'água do engenho ali existente e, ainda, abastecer as barcaças dos navios estrangeiros que aportavam próximo à ilha de Anhatomirim.

O Aqueduto faz parte do conjunto arquitetônico de São Miguel, tombado em novembro de 1969, pelo então Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Após a construção da BR 101 restaram apenas quatro arcos junto a esta rodovia. Em 2001, motivado pela pressão da duplicação da BR 101, aliado a um grande período de chuvas, já fragilizado, caiu parte de seu arco principal, mas numa ação rápida da presidente e de uma conselheira do Grupo Arcos foram acionados o IPHAN e a Fundação Catarinense de Cultura – FCC que entraram em ação para que o aqueduto fosse reconstruído.

Mesmo passando por estes problemas, ainda temos um aqueduto que nos oferece um belo visual na aprazível paisagem de São Miguel, considerado hoje, um ícone da cidade de Biguaçu.

Nota do Organizador:

A fotografia abaixo e o texto anterior são de *Catarina Maria Rüdiger*. Todos os créditos à autora. Nesta edição estamos corrigindo uma falha cometida na Antologia de 2016, *A Cidade de Biguaçu – Laços de Memória*, quando essa mesma fotografia foi publicada na página 28 daquela obra literária, sem que fossem assegurados os créditos à autora. Aproveita-se a oportunidade para cumprimentar Catarina Maria Rüdiger pelo belíssimo trabalho que vem prestando à cultura e às artes. Destaco as palavras da saudosa Leatrice Moellmann quando disse: “O que garante a imortalidade de uma pessoa é a sua obra.”, para saudar Catarina Rüdiger que, pelo que vem fazendo, está assegurando o seu lugar na imortalidade.



